



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

NADSON FERNANDO NUNES DA SILVA

**O CORPO E A EXPERIÊNCIA DE SI: EXPERIMENTAÇÕES COM O ENSINO DE
CIÊNCIAS**

BELÉM – PA

2021

NADSON FERNANDO NUNES DA SILVA

**O CORPO E A EXPERIÊNCIA DE SI: EXPERIMENTAÇÕES COM O ENSINO DE
CIÊNCIAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI).

Área de concentração: Educação em Ciências.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria dos Remédios de Brito.

BELÉM – PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586c Silva, Nadson Fernando Nunes da.
O corpo e a experiência de si: experimentações com o ensino de
ciências / Nadson Fernando Nunes da Silva. — 2021.
150 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maria dos Remédios de Brito
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Educação Matemática e Científica, Programa de Pós-
Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, 2021.

1. Ensino de Ciências. 2. Corpo. 3. Experimentação. 4.
Escrita de si. 5. Amazônia. I. Título.

CDD 370

NADSON FERNANDO NUNES DA SILVA

**O CORPO E A EXPERIÊNCIA DE SI: EXPERIMENTAÇÕES COM O ENSINO DE
CIÊNCIAS**

Banca examinadora

Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito
Orientadora

Profa. Dra. Ana Claudia do Amaral Leão
Membro externo - ICA/UFPA

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva
Membro interno - IEMCI/UFPA

“A mim são incontáveis as trocas de pele que costuramos n’alma. Tantos corpos, poros, carnes, unhas, músculos e nervos que rasgamos a cada passo rente ao que ainda não somos em nós. São rasgaduras imensas, derme que desata, desembaraça os pelos, ensurdece o pulso, o tato, dilui as fibras do corpo nas veias invisíveis do ar. E, por vezes, somos um inteiro despedaçar.”

Mayara La-Rocque

Agradecimentos





Pelas travessias. ...

Trocas

Desvios

Risos

Poesias



Pelas rachaduras que as vozes de Maria dos Remédios causaram no meu corpo
[Pelo processo de deslocamento do pensamento/ Pela troca de conhecimento /
Por apresentar possíveis entradas e saídas/ Pela potência e aberturas de forças/
Por “estar-junto” / Pela profundidade dos mergulhos/ Pelas contribuições para
essa pesquisa/ para a vida]



Pela magia do Descomeço. ...



[Para aquelas que se fizeram presente desde o princípio: Aline, Alice, Estelita.
... Com afeto para aqueles que encontrei por meio da luta: Milla, Janaina, Jamily,
Louize, Karol, Sinara, Jhemerson e Juan. ... Para o meu irmão Marcelo Júnior e
meu primo Cássio por estar-junto] Aos encontros do grupo de estudos
TRANSITAR que abriram caminhos para desenhar essa pesquisa, permitindo o
pensamento correr entre leituras e histórias de vida que preenchem a existência



Pela Universidade Federal do Pará - UFPA/ Pelo Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e Matemática – IEMC e seus professores.

[Pelo apoio financeiro - CNPq]

Resumo

Este processo de escrita traz o corpo como mecanismo de forças que atravessam a pesquisa e o pesquisador por uma escrita de si, delineando os percursos que os tomam a partir da diferença e multiplicidade que compõem saídas para discorrer sobre outras formas de compreender o que pode vir a ser um corpo. Por essas linhas compartilhamos dos escritos de Deleuze e Guattari indo ao encontro a Filosofia da Diferença fazendo com que o pensamento corra na possibilidade de alcançar outros lugares onde a memória, o corpo, a ciência e a educação se cruzam criando devires por onde a pesquisa toma potência. A escrita nesse contexto emerge como ponto de ruptura fragmentada entre linhas poéticas, colagem, fotografias, desenhos e rabiscos que colidem com o texto causando aberturas para experimentar a diversidade de um corpo-bicha que transita a educação como professor de ciências e que ocupa o território amazônico como lugar da experiência. Dessas vivências trazemos a educação como espaço que consomem a existência por marcadores sociais que pontuam a diferença assinado corpos por uma linha muito tênue que cabe nas páginas biológicas e conseqüentemente nas aulas de ciências. Ao traçar esses questionamentos buscamos as experimentações como processos que se deslocam em direção a outras formas de manifestação, onde são possíveis criar possibilidades de ensino para aulas de ciências, deslocando as imagens corporificadas do seu status biológico ao sentir suas vibrações, sexualidade, identidade, subjetividade e desejos que rasgam a formas descolando-o de suas funções organizadas. Por essas travessias deseja-se romper com a ideia do que se tem arquitetado sobre o corpo, nos debruçando sobre as imagens que os livros didáticos nos trazem como fonte de conhecimento e aprendizagem para o ensino de ciências, emergindo como um convite que descola o corpo e o pensamento de sua base sólida, colidindo a uma educação mais solúvel e esteticamente sensível ao experimentar imagens em movimentos. Temos assim por esses deslocamentos um corpo e uma educação movente que desalinha as costuras rígidas e encarna uma nova abordagem de imagem-corpo no sentido que a experimentação acontece dentro e fora do percurso educacional, apontando que as aulas de ciências também se compõem de sua desconstrução no desejo de alcançar um ensino onde o corpo torna-se fonte de invenção e a educação um lugar a ser experimentado na sua pluralidade.

Palavras-chave: Escrita de si. Corpo. Experimentação. Ensino de Ciências. Amazônia.

ABSTRACT

This writing process brings the body as a mechanism of forces which pass through the research and the researcher by a writing of itself, delineating the pathways which they take from the difference and multiplicity that compose their exits to expatiate on other forms of understanding what may be a body. Along these lines, we share the thoughts of Deleuze and Guattari going to the Philosophy of Difference, making the thought goes in the possibility of achieving other places where memory, body, science and education meet themselves, thus they create together comings where the research obtains power. The writing, in this context, emerges as a fragmented breaking point between poetic lines, collage, photographs, drawings and scribbles, which collide with the text causing openings to experience the diversity of a gay body that transits the education as a science teacher and occupies the Amazon territory as a place of experience. From these experiences, the education is brought as a space which consumes the existence by social markers that punctuate the difference, producing bodies by a very fine line which fits in the biological pages and consequently in science classes. In tracing these questions, we seek the experimentations as processes, which dislocates in directions to other forms of manifestation, where they are possible to create possibilities of teaching for science classes, displacing the embodied images of their biological status at feeling their vibrations, sexuality, identity, subjectivity and desires that rip the forms, dislocating them away from their organized functions. Through these traverse, it is desired to break with the idea that has been being architected about body, focusing it on the images which textbooks bring us as a source of knowledge and learning for science teaching, emerging it as an invitation that dislocates the body and the thought of its solid base. As a result, it may collides an education more soluble and aesthetically sensitive to experiment with moving images. Thus, we have, by these displacements, a body and a moving education which misaligns the hard seams and incarnates a new approach of body-image in the sense that the experimentation happens inside and outside the educational path. Stem from this, the science classes are also composed of their deconstructions in the desire of achieving an education where the body becomes a source of invention, and education becomes a place to be experienced in its plurality.

Keywords: Writing of itself. Experimentation. Science teaching. Amazon.

SUMÁRIO

PALAVRAS FRAGMENTADAS...	10
ATRAVESSAMENTOS SÃO.....	20
ESCORRER ENTRE LINHAS.....	24
POETIZAR A MEMÓRIA.....	29
BORRANDO A ESCRITA; FAZENDO O CORPO.....	49
O CORPO TORNA-SE FONTE DE INVENÇÃO.....	52
O CORPO COMO METODOLOGIA DA ESCRITA.....	84
CRIAR A PRÓPRIA LINHA.....	88
EXPERIMENTAR O CORPO.....	93
A CIÊNCIA ESCRIVE SOBRE O CORPO	97
HÁ UM CORPO QUE RISCA À DOCÊNCIA.....	108
EXPERIMENTAR O CORPO ENTRE IMAGENS.....	122
AS LINHAS DESLIZAM.....	141
REFERÊNCIAS.....	145

PALAVRAS FRAGMENTADAS...

[...] São linhas que se desarmam para compor os recintos dessas páginas. Ao delinear essa escrita poderia ter tomado os caminhos sólidos com suas entradas densas e suas estruturas fixas, indo por uma viagem mais confortável para ancorar a pesquisa. Poderia até mesmo repetir as mesmas palavras para dar-lhe um sentido alinhado, possuía-me do termo inicial dos escritos acadêmicos, das introduções que marcam o início das palavras combinadas, das metodologias configuradas ou mesmo das conclusões que marcam o término das ideias.

Desamarrar as linhas, desatar os fios, é isso que busca essa escrita. Cavar buracos com as palavras, travar na carne cortes de um egoísmo estúpido, pois não se sabe quando essa escrita tomou percurso, seu início ou mesmo seu fim, se é que existe essa possibilidade, afinal, não há um fim para a escrita, o que há são colisões, potências que abrem caminhos, fluindo para que novas aberturas se formem. Há sempre um ponto contínuo, um deslize.

Escrevo com o tempo, em dias chuvosos onde quase não se tem luz, de uma melancolia que embala os ouvidos e faz o pensamento molhar, como gotas d'água que irrigam o chão e encharcam a superfície criando mananciais alagados. A escrita como água infiltra e rompe o vazio dessas páginas, variando no espaço em que colidiu, descobrindo com seu corpo líquido outras aberturas, rompendo-se em passagens temporais que diluí o pensamento.

Nesse sentido, ao qual as palavras me capturam, tomo as linhas pulsantes que saltam como gotas de chuva que regam essas páginas para formar leves deslizes dançantes, que no encontro de sua fluidez escoam em infinitas direções, dilacerando o papel para esquivar-se por entre as fissuras das ideias, fazendo a escrita acontecer.

Não sendo início ou mesmo fim, a escrita se faz das possibilidades, pelo desejo de existir, rasgando o verbo, se inventando, criando suas próprias saídas, pois escrever como nos disse Deleuze e Guattari (1997, p.28-29) “é cavar como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca (...) E assim, encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto.”

Assim, pensar a partir desses autores é fazer o pensamento correr, criando linhas perfurantes que cavam as páginas para formar seu próprio ponto de subsistência, indo ao encontro de outras potências existenciais, movido de seu próprio patoá, borrando para si uma escrita movente de um corpo que se faz líquido, perdendo-se ou encontrando-se nelas como abordagem de uma experimentação de si, um vir a torna-se pelo meio da escrita.

Por tanto, escrever não é certamente impor uma forma de expressão a uma matéria vivida. Tomar a escrita como processo inventivo, criador e movente, “é um caso de devir sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou

vivida” (DELEUZE, 1971, p.11). A escrita surge como aberturas ou passagens que atravessam experiências vivas. A escrita como nos coloca (DELEUZE, 1971), é inseparável do devir, ao escrever estamos numa constante mudança de estado corporal, nos tornamos outros. Há sempre um torna-se algo seguido de uma fuga de nós mesmos, entramos até num devir- imperceptível. A escrita é movediça e nos leva a experimentar sensações e sentidos que cabe ao corpo digerir, nos decompondo em homens, mulheres, moléculas, bichas, animais e até mesmo vegetais.

Assim, tomar a escrita para si é torna-se movediço, maleável ao ponto de engolir a densidade, deslocando o corpo entre linhas que escapam e atingem outras formas de existir, criando-se num fluxo intenso e desejante, indiscernível e sempre pronto a se refazer, germinando por uma “escrita-floração” (AQUINO, 2011, p.649).

Florir no espaço em branco do papel, contornar as linhas, semear os desejos, movimentar as letras como águas que escorrem nos rios, que formam e deformam-se criando ângulos contínuos, sem uma ordem para aprisiona-la. A escrita traça linhas que (de)compõem as formas, ela é uma criação constante do corpo, ela inventa e reinventa modos de vir a ser. “A palavra eu não a vejo, eu a invento” como nos diz (DELEUZE, 1971, p.43).

A escrita como fonte inventiva deve dilacerar as formas duras, romper com a ordem fixas das ideias constituindo-se como uma espécie de rede sem fio, invisível e silenciosa que captura o corpo para torna-se criação fecunda, passando então, pelos poros do corpo num ato de desdobrar-se, tonando-se ela própria uma abertura, um achado que contém força e fluidez.

Diante disso, o filósofo Michel Foucault (2004) em “*A escrita de si*”, revela que escrever é "se mostrar", se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro, e que o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um "corpo" (*quicquid lectione collectum est, stUus redigat in corpus*).

É preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim - segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada - como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida "em forças e em sangue" (*in vires, in sanguinem*). Ela se toma no próprio escritor um princípio de ação racional (FOUCAULT, 2004, p.152).

O ato de escrever passa, então, a se definir como um deslocamento de vidas, como obras em aberto, onde pesquisa e pesquisador misturam-se buscando no próprio corpo as fissuras que são possíveis fazer vazar as experiências e vivências.

Por tanto, deseja-se retomar as palavras para traçar uma trajetória, fazer as travessias por essas águas profundas e desconhecidas. As palavras soarão como correntezas velozes que

corrompem a calmaria dos rios, mergulhando em águas turbulentas que movimentam uma escrita que possa vir a (de)formar as armações desse corpo em (des)construção.

Ainda buscamos palavras-chaves para determinadas inquietações do que possa vir a decompor as armaduras que alocamos sobre o nosso corpo, como matéria sólida das camadas sociais e que nos excitam a descolar as imagens que se tem delineado sobre as páginas que a ciência traz como produto de um determinado saber.

Formas de descolar esses corpos brotam revelando outras formas de pensar o que já está pronto, diluído suas bases para que escape um pensamento não retilíneo das coisas, criando outras passagens, não com um intuito de uma chegada, uma vez que em uma escrita móvel o desejo é não chegar, e sim ativar as potências que circundam o meio, e o meio é corpo, é pensamento, é variação constante. Meios que se des(faz) no instante entre seu espaço-tempo, como folhas de papel em branco que abraça as palavras fazendo grunhir seus outros mundos.

Buscando o caminho do meio, como sonhadores de bons sonhos, podemos construir nossos alicerces de compreender o mundo num lugar mais confortável, entre a natureza e o tempo, entre a prosa e a poesia, entre o conceito e a ciência (ALMEIDA, 2003). Talvez seja esse o terreno apropriado para projetar uma ciência que não se reduz a explicar o mundo, porque deseja também dialogar com seus mistérios e com os sentidos. São esses atravessamentos que discorrem em direção a uma ciência que sonha, que se debruça na manifestação de reinventar-se por outras linhas, outras interpretações.

Todos, queiramos, ou não, somos parceiros na construção dos castelos de areia, e é a persistência da pulsão cognitiva que nos incita a procurar o lugar e a terra adequados para construí-los. A ciência é um desses castelos que ao longo dos tempos temos edificado, reconstruído. Em alguns momentos suas pesadas muralhas nos cegam, nos impedem de ver o que está a nossa volta. São então reconstruídas certas interpretações do mundo. Grandes “brechas” se interpõem ao pensamento (ALMEIDA, 2003, p.30).

Construir, criar possibilidades para deslocar a ciência desse lugar entre muros, que classifica e dita as regras do conhecimento, é fazer trincar pequenas aberturas que vão se conectando e se expandindo, deixando vazar um pensamento escorregadio capaz de conduzir o corpo para experimentar uma ciência menos sólida e colada. É através das experimentações que a ciência escapa dos muros altos construídos para marcar o lugar das verdades absolutas, permitindo o pensamento variar e o corpo transportar outras definições para descrever as composições do conhecimento.

Por exemplo, em boa parte do tempo “a ciência implica certos limites, passados os quais os enunciados atingem uma “epistemologização”, uma “cientificidade”, ou mesmo uma “formalização” (DELEUZE, 2005, p.29). Desatar essas linhas da cientificidade, recortar as

imagens no sentido que nos levam ao desmonte dos acontecimentos, permite-nos atravessar por uma ciência que esquiva, que sonha e que conscientemente constroe em seus castelos paredes menos duras de serem quebradas.

Para Minayo (2001, p.10) “a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade, considerada por muitos críticos como um mito, por sua pretensão de único promotor e critério de verdade”. No entanto, continuamos a fazer perguntas e a buscar soluções. A ciência é apenas uma forma de expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva, pois continuamos a nos inquietar, fazemos perguntas e sussurramos essa vicissitude de sentido dado no campo das “verdades”.

Pensar a ciência como esse campo que difunde uma verdade é também perceber qual é o seu espaço de consumação, de construção e ressignificação das suas estruturas. Esse lugar se constrói através da escola, da educação, do ensino e do aprendizado. Como recinto do compartilhamento de ideias, a escola se revela como o castelo construído sobre os aspectos científicos, sociais, políticos e culturais. Para além de seus muros físicos e curriculares a escola também aparece como um marcador social que limita e delinea corpos e mentes a partir de suas classificações, cores, classe social e modos de agir.

O espaço escolar é marcado pelo seu chão. Um lugar fixo que não afunda, não engole, aparece sempre por sua rigidez e dureza, sendo por ela que o sentido de educação é digerido no corpo humano. Por isso, se faz necessário pensarmos por uma linha aberta de como esse espaço se desenvolve a partir da relação ao qual a ciência reproduz no corpo uma materialidade esquemática, corpos esses que desejam escapar das páginas das ciências biológicas para cruzar linhas desatadas nas experiências de si.

Logo, educação e experiências de vida estão atreladas ao desenvolvimento do pensar, agir, conhecer, descobrir, criar. Aprender com os processos que se dão na experiência é um acontecimento que movimenta o corpo aos seus sentimentos.

O corpo é esse que aprende a nadar, nadando, sentindo as partículas das águas, percebendo como essas partículas engendram o corpo e o conduzem para outro lugar. Esse aprender não diz respeito ao universal, mas aos processos singulares. Assim, aprender como experiência é abrir o corpo para blocos de sensações que, sendo atravessado por estes blocos, cria campos sensíveis, não como campo modelar, pois cada corpo, singularmente, emerge a partir dos seus encontros (BRITO e COSTA, 2020, p.133).

Pensar na educação como linhas potentes que advém das experiências do aprender, é se deleitar sobre uma releitura do mundo, decifrando e ressignificando os símbolos a partir do que sente o corpo e o pensamento. É pelas experiências que a educação toma caminhos contínuos,

como um rio que se arrasta e encontra o mar aberto, ocasionando misturas de suas águas. A educação se faz dessas composições e fluxos, cavando o seu próprio buraco para conduzir o conhecimento.

Dessa forma, partindo do sentido da experiência, modos de ensinar significa desbravar o desconhecido e transcender o olhar para o sentir, capturando novas ideias para um agir em potencial. Essas conexões incidem dos processos que copilam a educação dando sentido a suas múltiplas aberturas ao desenvolver no ser humano a capacidade de visualizar o que está para além de sua aprendizagem moldurada e descrita dentro dos espaços que agregam a educação.

É por vias do conhecimento que o corpo se move, mostrando-se flexível e reflexivo diante do que se tem aprendido sobre o que a ciência em específico a biologia traduz ao que pode ser um corpo. Porém, entendemos que “o aprender não diz respeito ao acúmulo do conhecimento ou mera transmissão, tampouco vem como pre-enchimento de lacunas ou de estados de ignorância” (BRITO e COSTA, 2020, p.131).

A aprendizagem compõe-se de intensidades e fluxos, ela deflora a mente, exige do corpo uma abertura que desloque o pensamento num exercício de criação das próprias ideias. O ato de aprender estabelece um abandono das nomenclaturas que reveste o sujeito numa moral metódica, induzindo-o a pensar por linhas deslocadas. Assim o pensamento é capaz de se soltar das normas, podendo criar-se por outros campos da vida.

Por isso, esse texto em seu processo de criação toma a experiência como um dos mecanismos de força que revelam desejos que o corpo sente instigados por seus cinco sentidos, sendo conexões que se dão nas travessias das palavras. Sensações podem ser experimentadas pelo toque, cheiro, gostos, delírios, lembranças que o corpo aciona.

Penso nas próximas palavras que o pensamento acabou de formular, e os dedos no seu impulso acabará de tecer no teclado como uma explosão momentânea. Elas surgem no instante como nuvens carregadas que se esvaziam e libertam-se em milhões de gotas d'água alcançando os espaços vazios e sedentos formando rios, cachoeiras, lagos, e enchentes que arrastam outras águas criando novas conexões líquidas, encontrando mares abertos e profundos.

Chove lá fora, respinga aqui dentro. Os encontros estão acontecendo e ao traçar essas linhas sou arrancado para os murmúrios das minhas páginas já riscadas. Meu corpo sente-se amarrado nas mais profundas costuras, pontuações concertantes de minhas falhas. Nesse instante sou atravessado, travado numa paisagem que a memória traz conduzidas nas amarrações da carne, nas agulhas perfurantes do viver, nos fragmentos de mim. Como nos diz Santo Agostinho (2010), onde há memória, há lugar para entradas e saídas,

como um som que se ouve e passa, como a voz que deixa no ouvido um rastro, que permite que a lembremos, como se ainda soasse embora já não soe; ou como o perfume que, ao passar e desvanecer-se no ar, atinge o olfato e grava sua imagem na memória, imagem que a lembrança reproduz; ou como o alimento, que perde o sabor no estômago, mas a conserva na memória; ou como um corpo que se sente pelo tato e que, ausente, é imaginado pela memória (AGOSTINHO, 2010, p.96).

A memória é uma fissura que se faz em traços e linhas que ao estremece a pele, vibra pelos ecos, degusta os cheiros que são capturados pelo corpo. A memória não a vejo, mas posso senti-la num arrepio da carne, esvaziando meu corpo, dissolvendo em cores, cheiros, sons, lugares, momentos. Estou em um devaneio de mim.

Continua a chover, e o olhos também se fazem em gotas d'água, abrem-se para deixar fluir numa brecha do ontem, fragmentos do passado. O rosto é janela onde as gotas se desfazem lentamente, escorrendo para o abismo vazio de sua face pálida.

As gotas d'água estão formando rios, banhando a escrita.

Sentir o vazio, deslocar o corpo, entrar por vias de outros universos, de um manifesto corporal, que é de outras vidas, da natureza dos renascimentos, das criações de si, dos acontecimentos e incorporações.

Ouçõ os pássaros, o vento, as árvores, seus encontros e cantos. Quebram o silêncio fazendo ressoar uma melodia, canções que fazem do corpo seu repouso, deleitando sobre a pele, incorporando energias, alimentando-se das potências, digerindo a memória num ato fotossintetizante de linhas e cores, versos e atravessamentos.

O corpo vive, reage, move-se.

O corpo se experimenta, alimenta-se da escrita, comer o que se lê, digerindo com os olhos, com as mãos, com o corpo inteiro. Deixando com que a experiência da escrita nos afete, contamine cada membrana, cada poro, cada órgão. Deixar que os olhos não mais sejam olhos, que as mãos não mais sejam mãos, que a boca não seja mais boca, que a pele não seja mais pele, como um poeta-tocador escreveu: apenas sejam (MATOS, 2013).

Ser por entre linhas, curvas, formas e traços. A escrita é essa movimentação do pensamento, é água que balança e dança como rios que secam e vazam, sempre um movimento que escoar, dissolve, que infiltra. Ela é um “corte profundo, uma abertura na carne, tendo sido ela mesma o que provocou este rasgo” (MATOS, 2013, p.41).

Com esse pensamento retomo a escrita como pele que reveste o texto, rasgando a carne, deixando fluir na veia o sangue desejante, incorporação dos processos de criação, invenções que causam um mover-se por entre o papel. Para Deleuze e Parnet (1998, p.56) “é possível que escrever esteja em uma estreita relação com as linhas de fuga. Escrever é traçar

linhas de fuga (...) é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa.”

Torna-se outra coisa, traçar linhas de fuga, escorrer por entre linhas moveis é alcançar uma espécie de desterritorialização de força, desequilibrar, deslocar o pensamento para a invenção de si, não inscrevendo-se para fugir no sentido desolado da fuga, mas abrir-se a uma potência sobre o próprio corpo.

A escrita é uma saída da razão sedentária, sem denominação, dominação. A escrita é cria de forças que potencializa na busca de encontrar linhas sem pontos finais, a procura de uma razão andante, nômade, capaz de fazer saltos, percursos, travessias, desmobilizar sistemas, verdades, certezas e finalidades (BRITO, 2011). Ela cava, entra, fere, faz dobraduras, escapa. A escrita vaza, causa fissuras e possíveis rachaduras, ela é cambiante, não segue uma linha reta, ela rodopia na multiplicidade da sua energia. Ela é descentralizada de um lugar dito “lugar da verdade”, por isso ela precisa ser deslocamento das ideias, das palavras, do pensamento e do corpo.

São os vazamentos que dão passagens para múltiplas aberturas, traçando linhas que se chocam criando suas próprias impressões. Dessas linhas emergem o corpo escrito no limiar de uma vida pontuada, escrevendo vidas que se desenha em fios descontínuos, mergulhado o corpo em linhas abertas que se desfaz na travessia das experiências vividas e assim se (re)inventa. Por isso,

a escrita-autobiográfica pode fabricar um movimento-devir, aliais, ela é isso mesmo, sem núcleo central, não segue uma linha reta. Propõe-se que, em lugar das articulações, dos organismos, dos estratos, das territorialidades, se faça dessa viagem *autobio* linhas de fuga, movimento de desterritorialização/desestratificação, que se façam riachos e escoamentos e que se multiplique a vida e se faça passar a diluição do organismo, produzindo partículas, intensidades (BRITO, 2011, p.248).

Desterritorialização essa que, para Deleuze e Parnet (1998), é fazer correr tais linhas, um mover para outros lugares, um fora de si, tornar-se por novos territórios, novas descobertas, possíveis de outras imagens em fluxos vazados. Nada está pronto, nenhuma escrita define a forma, nenhum corpo é por completo um corpo, nenhum pensamento é acabado, nenhum final de página é o fim de uma escrita.

Pode-se dizer como (FOUCAULT, 2001, p.269), “que a escrita se libertou do tema da expressão: ela se basta a si mesma, e, por consequência, não está obrigada à forma da interioridade; ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada.” Essas regularidades da escrita são sempre experimentadas no sentido de seus limites, ela está sempre em vias de

transgredir e de inverter a regularidade com a qual se movimenta. A escrita se desenrola como um jogo que vai infalivelmente além de suas regras, e passa assim para um fora.

Escrever não se trata de amarrar as ideias numa armadura dura, de linguagem encarcerada, trata-se de escavar as suas regiões mais remotas para fazer vaziar linhas de vida, linha que descentra o pensamento de um processo transcrito.

Assim as palavras se desequilibram, acontecem por vias de passagens, fragmentos que saltam e fazem mover o corpo para abrir-se a uma nova linha no pensamento, tingindo as lacunas de papel A4, borrando as margens que faz o corpo mover.

O que se vê como linhas de expressão corporal passou por um constante movimento para frente, para trás e para os lados, que foi desordenadamente captado, observado, entendido, lapidado, abandonado, retomado, atualizado, e, por fim, eleito para que finalmente se tornasse um desenho de tinta preta que tinge este papel branco (DIAS, 2009).

Nesse instante me pergunto se não poderia usar outra cor de tinta, uma cor mais vibrante e menos opaca que a tinta preta que tenho em mãos, ou até mesmo, deslocar uma ideia sobre outro papel, sentir outra textura que não seja essa ao qual a tela do computador me proporciona.

Com esse pensamento desejo escapar dessas folhas, correr sobre outra linha, devanear por uma outra forma de escrita. Desejo desdobrar-me em um novo traço, deslizar sobre outros fios, capturar uma imagem, forjar uma ideia, ser tinta, um risco no papel, outras cores. (Re)criar esses instantes, o espaço, e o tempo. Criar outros verbos para (de)compor o corpo no manifesto das palavras não esquematizadas. Imaginar um fora. Desenhar-se nas margens de outras vibrações, colidir uma experimentação fluida por entre dobraduras.

Dessa forma, escrita e o corpo vão sendo distorcido numa mudança de estado, decentralizando a forma, causando buracos metamórficos como no estado elástico do corpo de *“Alice no país das Maravilhas”* de Lewis Carroll (2002), ou do corpo do caixeiro viajante *Gregor Samsa* no texto *“A metamorfose”* de Kafka (1997). Nesses escritos, modos de vida são inventados, esvaziando o corpo para dar lugar a outras formas de vida, numa existência trânsito entre carne e fuga desejante dando origem a outras composições fluidas de si.

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo; não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (BAUMAN, 1999, p.18).

Como um ponto fluido deforme e deslizo pela escrita, manchando o papel para adentrar a um pensamento que se torna líquido, metamórfico, que vazam as formas, pois as colisões revelaram outras linhas escritas. Nesse instante me faço como um ponto irregular, um rabisco que traduz o composto das incorporações manifestadas.

Na emersão desse texto/dissert(ação), busco os atravessamentos de águas mais límpida para experimentar, escapar, e assim adentrar, cavar, criar, e se permitir diluir por uma escrita escorregadia, que se faz em traços, mas que ao traçar desliza e faz o corpo existir. Como nos articula Deleuze e Guattari (1996),

Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem (...) de todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.70).

As linhas são constantes criações do desejo, e é por elas que o corpo se esboça. É a partir dessas dobraduras desejanter e vibrantes que as conexões acontecem, traçando linhas inventivas que cavam entradas e escapam ao desalinhar as normas densas. Logo, escrever é algo a mais do que um adestramento, ela se constitui de certa maneira como uma manifestação de si mesmo e para os outros (FOUCAULT, 2004).

Como uma manifestação da escrita podemos nos perguntar como abrir-se a uma escrita de si? Quais palavras seriam possíveis para dizer-lhes os sentidos do corpo? Quem o (de)compõe?

Poderia ter iniciado a escrita com essa pergunta, mas só no agora desejo traça-la, como fios que conduzem linhas atravessadas ao meio, que é texto e que é corpo. Nessa travessia de escrita, o corpo desembarca na docência justamente para quebrar a barreira das posturas rígidas que se consome pelas estruturas biológicas, sociais e culturais. É nesse processo que o corpo reage indo ao encontro de sua (de)composição, da qual busca os rios de comunidade tradicional amazônica para se encontrar com as memórias e símbolos que experimentou na infância com seu corpo esquivado, desviado das imagens corriqueiras que a ciência nomeia. Corpo esse que entra na escola, desconfia das imagens coladas nos livros didáticos e se experimenta pelos rios, pelos recortes e esvaziamentos das imagens representativas de si, afundando nas águas para viver outras formas de existência.

É o corpo estranho que nas aulas de matemática é olhado pelo reflexo da diferença, e que atravessa o corredor moldado para não tropeçar nos olhares dos apontamentos. É o corpo-

bicha que digere as estruturas da escola como espaço que não convida a desenhar outras formas de vivenciar a educação. O mesmo corpo-bicha que adentra a escola como professor e resiste aos muros da escola com seu corpo maleável e desviado das amarrações binárias. Por isso, o corpo como imagem fixa, sem seus arrebitamentos surgem como uma provocação ao pensamento, um convite desejável a criações de outras formas de delinear e vivenciá-lo pela experiência de si.

Digerir para si uma nova imagem de corpo em movimento, é permitir transcender a sexualidade e sua subjetividade, expondo um outro, que é corpo, é bicha, viado, afeminado, se refazendo pelas afirmações de si, tomando o termo bicha como um desmonte dos julgamentos sociais, como uma afirmação para dar lugar a outras formas de sentir o corpo. Nesse sentindo, o corpo marcado na diferença anuncia os chamados dos termos bicha, que se refere

à inteireza da unidade, mas à indefinição de uma impessoalidade. Não se quer aqui delimitar o que seja a bicha, mas justamente romper com o verbo ser para afirmar os devires, as experimentações existenciais que deslocam e desmancham determinadas situações, possibilitando a invenção de outros meios de vida (ZAMBONI, 2016, p.13).

Ainda segundo o autor a bicha aparece entre o humano e o animal, uma espécie de metamorfose da carne que constrói e sustenta-se pelo desejo como oscilações, sempre assumindo o risco de ser toda cortada e deformada pela máquina dos gêneros, ela insiste como signo que força a pensar, como linha perturbante que precisamos tensionar, para na passagem inventar outras paisagens existenciais.

Por isso, as inspirações para pensar a escrita e as variações desse corpo em desvio adentra as linhas da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari como processo que confronta o pensar, cavando caminhos e fazendo aberturas, deslocamento, traçando linhas que causam o rompimento das configurações estabelecidas. Os atritos que as leituras causam me esvaziam no processo de experimentar o novo para criar outros olhares para a pesquisa, encorajo-me de seus usos para pensar por uma escrita-devir, uma escrita líquida que escape ao corpo-bicha, professor e pesquisador em formação.

Trazer o corpo e suas linhas de fuga é fazer escapar aos olhos esse emaranhado de linhas vibrantes composto por multiplicidades que permitem a pesquisa ser misturas de leituras, imagens, escrita, poesias, fotografias, artes, colagens, desenhos e outros que tomam como elementos em potências dessas páginas, ao compor uma escrita viva e experimentada em sua essência. Ao encontro dessa escrita, imagens e fotografias integrada ao meu acervo pessoal permeiam a escrita dando leveza a pesquisa como linhas que traduzem a arte do corpo, da memória, dos desejos experimentados numa fuga das palavras configuradas. As fotografias

criam suas próprias saídas, são aberturas que deslocam o olhar para o universo pessoal da pesquisa e de quem se (re)inventa pela pesquisa, escapando pelo zoom de suas formas.

Nesse processo criativo, seguimos numa linha de escrita que se movimenta junto com o corpo, diluída em seu percurso criador, que é vivida das experiências, das descobertas, dos atravessamentos e das linhas irregulares, pois não se sabe quais caminhos serão cavados nas próximas páginas, ou mesmo quais palavras irão desenhar uma nova saída. Seguimos navegando por essas páginas, deslizando os fios, fluido como água.

ATRAVESSAMENTOS SÃO...

[...] Meios que já tomaram as possibilidades como linhas de fuga, com suas fissuras expostas incidindo seus vazamentos. Ecos podem ser ouvidos, sentidos e experimentados. Há um convite entre linhas. Experimente-me.

Muitas palavras repetidas irão soar, como gritos de liberdade consumindo todo o texto, molhando suas estruturas, rasgando-o de cima a baixo, dissolvendo suas páginas num mergulho de verbos variantes, movendo-se entre escrita e pensamento, emergindo por entre linhas líquidas.

Chove agora, e as águas se movimentam numa dança contínua, escorrem pelo chão, molham a terra, encharcam o pensamento, infiltram a pele, atravessam o corpo, regam a escrita. Criam-se as passagens, descobre as saídas, encontros e entradas.

Águas compõem linhas, são ...

Movimentos,

Vibrações,

Variações,

Força,

Fluxos,

Potências,

(...)

Águas que brotam,

Nascem,

Cavam,

Abrem,

Deslizam,

Rompem,

*Rasgam,
Escapam,
Correm,
Cortam,
Dobram,
Vazam,
Escoam,
Criam,
Escorrem,
Avançam,
Rompem,
Fluem,
(...)*

*Águas são. ...
passagens,
experimentação.*

*Águas são. ...
aberturas,
delírios.*

*Águas são. ...
escapamentos.
forças.*

*Águas são. ...
conexões,
metamorfoses.*

*Águas são. ...
levezas,
incorporações.*

*Águas são. ...
entradas,
cortes.*

*Águas são. ...
composições,
nascimentos.*

*Águas são. ...
transformações,*

melodias.

*Águas são. ...
danças,
movimentação.*

*Águas são. ...
vazamentos,
rompimentos.*

*Água são. ...
aberturas,
encontros.*

*Águas são. ...
colisões,
vivências.*

*Águas são. ...
intensidades,
continuidades.*

*Águas são. ...
deslocamentos,
experimentação.*

*Águas são. ...
saídas,
desejos.*

*Águas são. ...
rios,
fluxos.*

*Águas são. ...
memórias,
mergulhos.*

*Águas são. ...
corpos,
infiltração.*

(...)

Águas são deslizes, abrem os ...

Caminhos,

Rios,

Corpo,

Sexualidade,
Infância,
Masculinidade,
Memórias,
Escola,
Docência,
Educação,
Lugares,
Tempo,
Mares,
Escrita,
Silêncio,
Olhares,
Desejos,
Existência. ...
(...)

ÁGUAS QUE ESCOAM.
(De)formam...

ÁGUAS QUE ENCHEM.
Escrita líquida...

ÁGUAS QUE VAZAM.
Invenção de si...

ÁGUAS QUE VARIAM.
Linhas de fuga...

ÁGUAS QUE INVADEM.
Devires...

ÁGUAS QUE INFILTRAM.
Criação...

ÁGUAS QUE MOVEM.
Fragmentos de vida...

ÁGUAS QUE DESLIZAM.
Corpo-aluno; corpo-professor; corpo-pesquisador...

ÁGUAS QUE MOLHAM.

Encontros...

*ÁGUAS QUE NASCEM.
Invenção dos Corpos...*

*ÁGUAS QUE COLIDEM.
Corpo-Bicha...*

*ÁGUAS.
Travessias...*

ESCORRER ENTRE LINHAS,

Atravessar os rios, molhar as páginas, borrar a margem, deslocar a imagem de si, delinear a memória, fragmentar o pensamento, mergulhar o corpo.

Contornar meu mundo.

Desdobrar as páginas, oscilar entre as águas, variar as formas, tecer a essência do corpo.

Fragmentar a memória em linhas líquidas, linhas que narram o encontro de corpo e rios.

Descobertas de si.

Mergulhar o rio, ser o rio, abrir uma entrada, compor-se dele.

Incorporar as águas.

Agora sou água em sua extensão, límpidas e variantes. Rios que deslizam para desaguar nos encontros de outras águas, outros rios, criando suas aberturas no desejo de encontrar-se, escorrer.

Desejo ser rio nesse instante, escoar entre essas páginas, inventado meu próprio fluxo, sem uma ordem ou linhas que determinam chegadas. A ordem é dos vazamentos das palavras, fazendo os encontros acontecerem, fluírem.

Corre no pensamento um fragmento de vida, estilhaços do corpo. ...

...

Menino do interior, cercado de histórias, mitos, segredos e rios. Corpo embrenhado, amazônico, de comunidade tradicional, dos balanços das árvores, do clima calmo e suave como o anoitecer de tardes mais quentes, onde o vento assovia uma fina canção.

Corpo cercado de mato, banhado de rios.

Mistérios líquidos de águas barrentas, das travessias de rios, Rio Caeté¹. Como fios que se movimentam e desaguar em diferentes direções; outro rio te cerca compondo uma linha

¹ O rio Caeté possui 149 km de extensão, classificado como rio de água branca, pois possui água turva, barrenta e, em alguns setores, amarela e seu rio principal, com nascente localizada no município de Bonito e foz nos municípios de Bragança e Augusto Corrêa (FERREIRA; BOTELHO, 1999). As águas do rio Caeté passam por

contínua que rasga e atravessa o teu corpo-lugar, que toma o meio como forma, pois antes mesmo de ser rio em Taquandeu², já tomará para si um percurso anterior, deslizando sobre outras águas. Esse rio que se formou dentro do teu corpo-lugar/Taquandeu, onde as experiências são vividas e sentidas no encontro das correntes contínuas.

Águas que formam rios, brotam vidas que fluem em sua extensão. Águas que atravessam o corpo, que experimentam no desejo de viver.

Águas que cavam a memória.

Fragmentos de vida. ...

...

“Menino esquisito”. ... (Assim ouvirá falar).

Tinha a rua como diversão. Lugar de liberdade, onde podia ser livre, correr com o vento, voar com as borboletas.

Estava sempre fugindo dos heróis. Não desejava ser o mocinho ou muito menos vilão! Talvez não vir a ser essas imagens sólidas fosse a sua melhor criação. Por isso estava sempre a se inventar, a criar uma saída, compor outras sensações.

Faz um balanço.

Balançar. ...

Sentir o vento, sair do chão, voar. Alcançar o vazio com o corpo, preenche-lo. Uma aventura no ar. Não era herói. Apenas o menino estranho que agora voava com as asas da imaginação.

Delírios da infância.

Balançava-se para inúmeras direções, arrastava o corpo causando colisão com o vento.

Encontros sonoros.

Os balaços feitos de velhas cordas trazido do mar pelo avô. Mar perto, mar longe, nunca se sabia de qual mar veio. Meu avô, esse que era o homem da casa, exemplo que lhe caberia melhor se espelhar, exemplar. “O homem da casa”, dizia sempre a minha avó.

Homem de muitos mares, ou de nenhum. Pescava a sobrevivência, e as vezes nos pescava com suas histórias de mar.

Balançar. ...

várias zonas na plataforma continental, cada uma com distintas características hidrográficas e dinâmicas, é uma região rasa, bem misturada, onde suas águas são inicialmente despejadas. A zona frontal é uma região de intenso gradiente salino próximo ao fundo, com águas de características continentais alcançando valores de água quase oceânica (SEGUNDO; HILÁRIO, 2007).

² Comunidade tradicional amazônica, localizada a 12 Km da sede do município de Bragança-PA, na Rodovia Bragança–Viseu, no km. 06, à margem direita do Rio Caeté. A peculiaridade do nome diz respeito à consistência das pedras, bem como à sua coloração. Devido à transformação fonética sofrida pela composição de itá + cuã + deua, na qual a supressão de *i*- em posição pretônica, a forma *ta* conserva a constituição do nome “pedra” (CALDAS; FERNANDES, 2015).

...

Armar a brincadeira, soltar a corda, ser livre.

Lembro-me do balanço, dos cheiros da infância. Rodopia o corpo até ficar sem ar, delirar.

Correr descalço, pular corda, brincar de queimada, jogar taco, pira-esconde. “Brincadeira de menina” me disseram um dia.

Olhares. Ingênuos ou marcadores?

Balança o corpo para frente.

Continua a subir, mais alto. Queria tocar o céu, agarrar as nuvens.

Balançar. ...

....

Jogador de futebol? Certamente não o deseja ser.

Era tão desajeitado para transitar ou mesmo arrancar a bola do adversário que o único posto que lhe caberia estar era entre as traves de goleiro. Proposital ou não, lá estava marcado por sua diferença. Não se movimenta, não fale alto, não transite, NÃO.

Andar era uma armadilha, correr era denunciar.

“Pega essa bola direito viadinho”

Jogador de futebol? Certamente não o deseja ser.

(...)

Ficar entre duas traves no campinho de futebol improvisado. Era o lugar do não visível, sem toque corporal, sem voz para gritar “passa a bola”. Não confrontava com olhares os outros meninos, não transitava, estava quase sempre imóvel, reservado.

Ao fim da tarde eles repetiam mais uma partida, criavam novas estratégias de jogo. Eram ardilosos e vingativos, estavam sempre se confrontando.

“Jeito de homens”. Meninos e seus jogos.

Balançar.

Voar mais alto.

Voar. ...

...

O balanço é ao caminho do rio. Do alto vejo seus fluxos, seus movimentos. Um convite a entrar. Sentir a água, afundar, criar, ser água, ser rio, não ser, experimentar. Atravessar outros universos de mundos conectados, encantarias dessas águas.

Mergulhar.

Há se as pessoas pudessem ouvir o que as águas tem para contar de mim, não hesitariam em se afogar por um instante.

Entrar no rio, abrir-se a novos encontros.

Descobrir as variações de mim. ...

...

O rio, lugar de refúgio. Passava horas em mergulho profundo, buscava experimentar novas sensações, afundando lentamente meu corpo até sentir os grãos de areia tocando meu rosto, meus braços, minhas mãos, meus pés, meu tórax. Eu era um todo e o todo era eu, ou o todo nem existia e eu o simplesmente os criava no pensamento.

Movimentos.

Se as forças me permitissem um pouco mais de oxigênio, dormiria sob a cama de areia coberto com o lençol d'água transparente, embalado na leveza das águas, acalantado aos cantos de mãe d'água.

Encantarias da Amazônia.

No fundo do teu rio, deitado sob o teu lençol, abria os olhos e ficava admirando o reflexo inverso e melancólico que me traziam o céu, as árvores e a passagem dos pássaros. Imaginava estar em outro espaço, não existindo como corpo sólido. Ali o corpo já não era o mesmo do balanço, muito menos o estranho do futebol.

Que corpo era?

Corpo invadido. Vibração de águas doces.

Variações de mim.

A água era o meu novo balançar. Já não voava ou rodopiava, mas fluía junto com o rio.

Meu corpo era pura liquidez, atravessamentos, movimentos, aberturas que se deslocavam pelas dobras que as águas causavam.

Me faço dos deslizes dessas águas.

Sentia-se livre para desdobrar o corpo em múltiplas direções desejanter. Era água, era rio.

Encontros possíveis.

Podia variar a mim mesmo e ser outro. Experimentava a metamorfose do corpo.

Era gente, criança, bicho, folha, areia, luz, gotas d'água.

Corpo movente.

Sentia meu corpo modelar outras formas de viver, outros modos de existir, diluindo a mim mesmo por uma potência inventiva, criação de meu corpo estranho.

Nascimento. ...

....

O rio é útero vivo e o desejo é o cordão umbilical que liga ambos em um processo de existência entre rios correntes e corpo variante.

Nascia-se de muitas maneiras, num manifesto do corpo. Escoava entre fios d'água. Desejava as mudanças como faz o rio que na passagem seguinte já não é o mesmo, sempre passando por um estado novo de transformação.

Corre o rio, encharca o corpo, infiltra a existência. Dilui o corpo, flexível das linhas abertas. Experimenta a si mesmo numa descoberta de águas, forças, de incertezas que esvaziavam o corpo. Pelas águas enxergava seu próprio rosto, desbravava a sexualidade.

Experimentar o corpo, fluir como rio.

Enxarcar.

Águas correntes, límpidas que abrem os caminhos para a descoberta do novo. Afloram a sexualidade e os anseios sexuais. Suaves desejos do meu corpo. Leve como folha seca que se lança no vento e se debruça nas águas. Colisão entre corpo-folha e corpo-água.

Balanços. ...

Rios. ...

Desejos. ...

Entre um mergulho e outros, pensava ser mistério de corpo. Desejos que escorrem, assim como faz o rio por suas linhas de fuga. O corpo nu, fonte pura de desejos internos, desembarcam em uma descoberta de si.

Encontros de águas. Prazeres do corpo. ...

...

O rio foi o primeiro contado com a sexualidade, descobrindo o corpo ao olhar outros corpos que nessas águas se banham. Olhava-o entre as folhas, entre as árvores, capturava seus movimentos, observava seus gestos e o devorava dilacerando o seu corpo em partes: mãos, pernas, costas, olhos, boca, coxa, bunda, pênis. Todos misturados em águas.

Experimentar outro corpo pelo olhar, despindo-o. Era ali, entre descobertas e rio que o descobria os desejos da carne, ao olhar o rio, ao olhar o outro. Nesse instante flui a sexualidade, como águas de inverno, turvas e violentas, fazendo o rio correr veloz para longe, sem direção, abrindo caminhos, cavando novas entradas líquidas.

Vaza o corpo, escapa as emoções.

Segredos que só o rio sentiu e ouviu.

Excitação.

Sexualidade deslizando.

O rio me descobria, e eu o descobria.

Atravessamentos. ...

...

Aflições e incertezas começaram a fazer certo sentido. A resposta vinha como água, não mais clara e precisa e sim barrenta e agressiva. O rio foi o corpo criador pelo qual as mudanças nasceram, as aberturas tomaram formas compondo outras existências de si, nascendo entre os encontros, diluindo a identidade e modos de existir.

Mergulho de rio.

Transbordamentos. ...

POETIZAR A MEMÓRIA...

Na arte do corpo ela se transforma.

Deslizando as máscaras;

E revira,

Fazendo o corpo ficar nu.

E muda,

Não muda,

Desnuda

O homem,

Enquanto a pele descasca

E da forma a arte

(Aquilo que deseja ser).

O mundo,

Profundo,

Discreto,

Indiscreto,

Ativa a alma,

Os desejos do bem e do mal. E

Calado,

Abafado,

Uma voz ecoa

No silêncio

Sob o choro que cresce, e

Decresce

E afunda

E desliza

Na pele

Virando arte.

Assim se esvaindo,

Subindo,

Além das curvas que transporto.

Não é uma mulher,

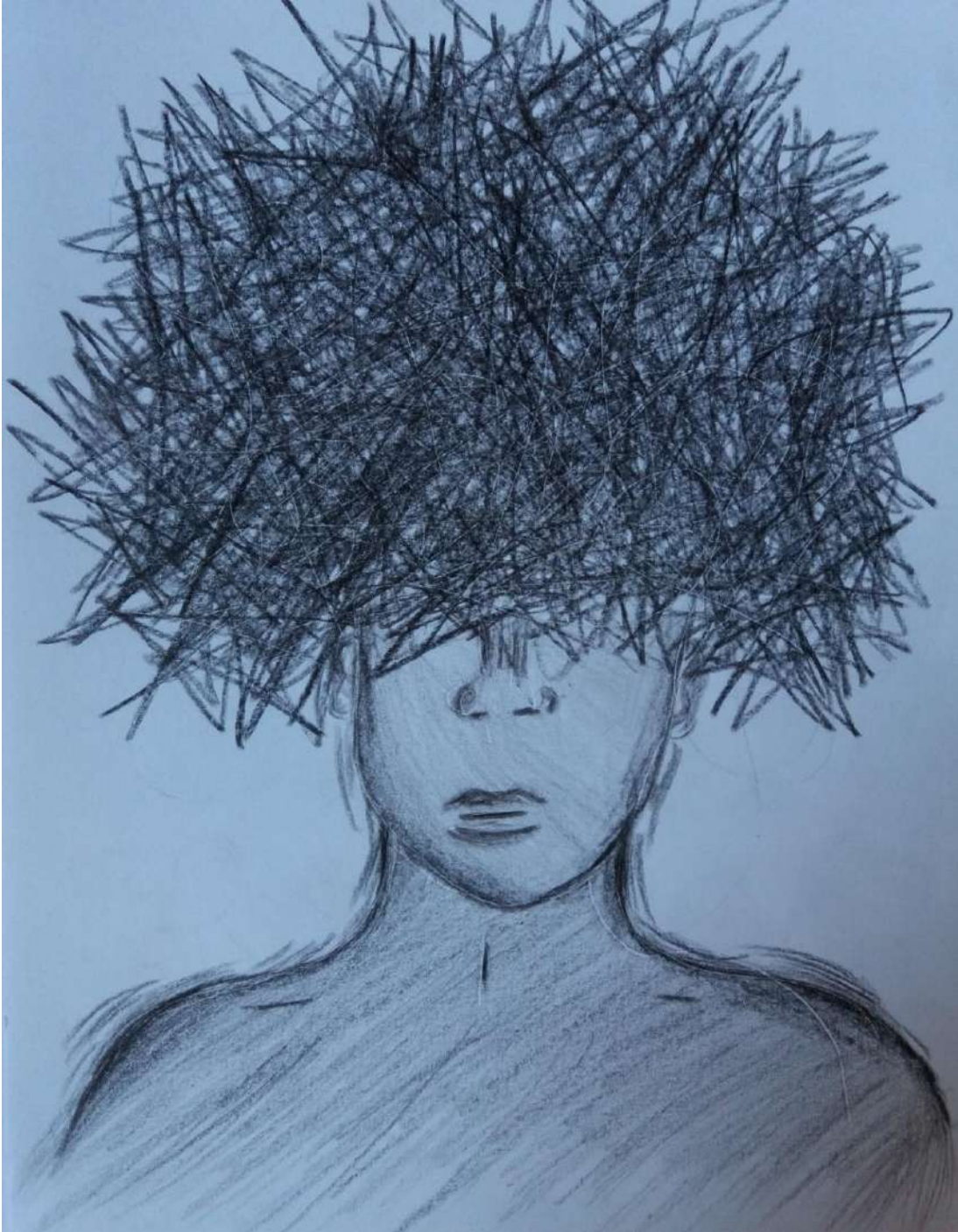
Não é homem,

Mas um corpo

Sem nexos,

Incompleto,

*Complexo, aberto,
Distorcido e
Vivido, e
Não vivido,
Desconhecido.
Se desmonta,
Monta,
Ao lento prazer.
Se transforma em água,
E trans-
borda a dor
A superfície e
Derrama.
Expõe o delírio.
Rompendo barreiras,
Escorrendo n'água
Corpo à deriva.
Que compõe a poesia na memória.*



.... *Composição de lápis de cor; desejos atravessados em folhas de papel A4; imagem riscada.*

I

Desde o começo do mundo água e chão se
amam
e se entram amorosamente
e se fecundam.
Nascem peixes para habitar os rios.
E nascem pássaros para habitar as árvores.
As águas ainda ajudam na formação dos
caracóis e das

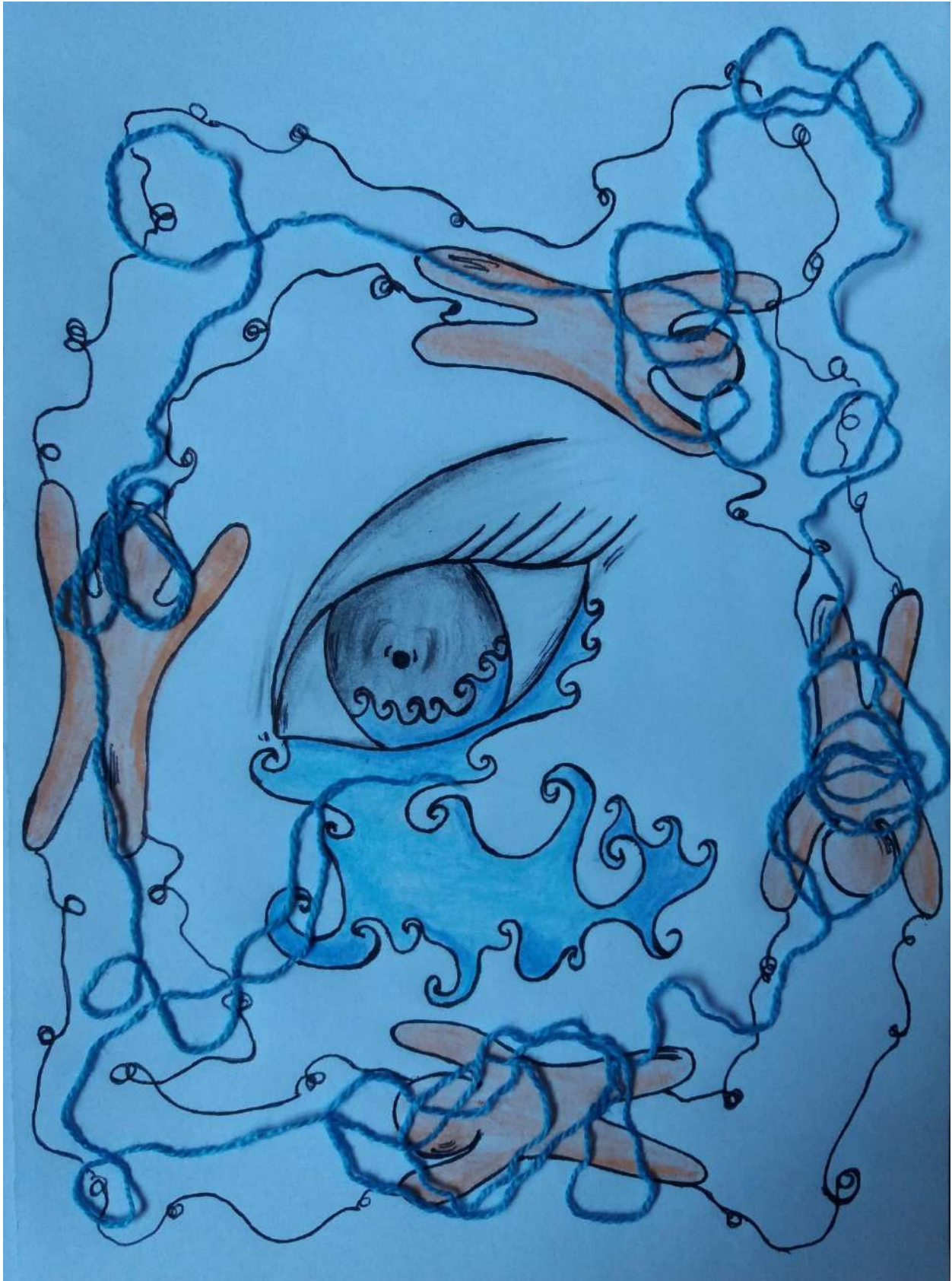
suas lesmas.

As águas são epifanias da criação.
Agora eu penso nas águas do Pantanal.
Penso nos rios infantis que ainda procuram
declives
para escorrer.
Porque as águas deste lugar ainda são espreiadas
para
alegrias das garças.
Estes pequenos corixos ainda precisam se
formar
barrancos para se comportarem em seus leitos.

Penso com humildade que fui convidado para o
banquete dessas águas.
Porque sou de bugre.
Porque sou de brejo.
Acho agora que estas águas que bem conhece
a
inocência de seus pássaros e de suas árvores.
Que elas pertencem também de nossas origens.
Louvo, portanto, esta fonte de todos os seres e de
todas
as plantas.

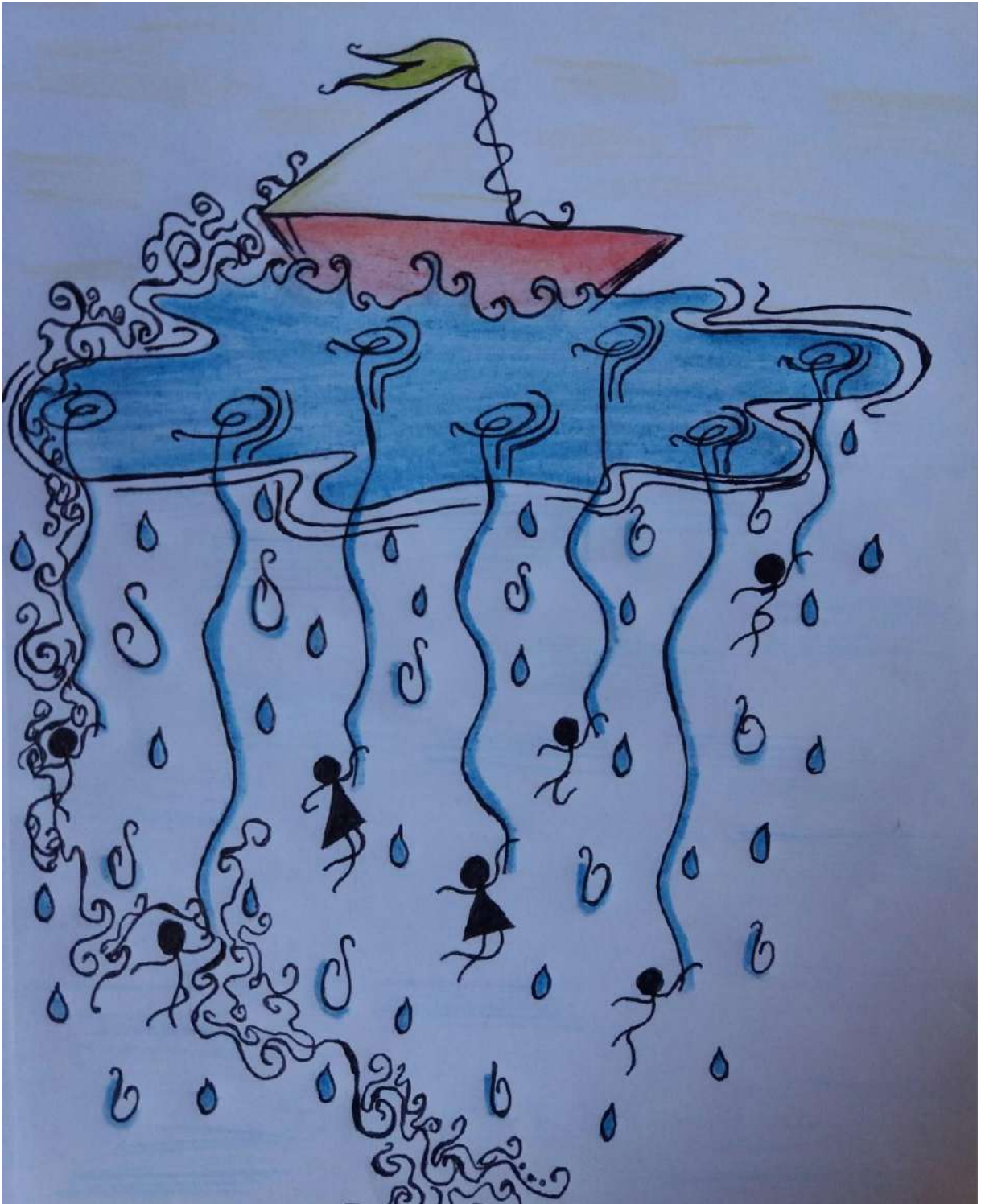
Ve que todos somos devoradores destas águas.
Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar
que
trazem para nós, na umidez de suas palavras, a
boa
inocência de nossas origens.

(MANOEL DE BARROS, Menino do Mato, 2015a)



...Linhas de mim; fios de algodão [fios d'água], páginas molhadas, memórias da infância regada; força que escorre no azul do lápis de cor.

*Escrevo memórias com a chuva,
águas me começam.
Nuvens se esvaziam,
gotas d'água dançam no ar,
atingem piruetas, rodopiam causando melodias.
Seu traço faz canção,
composição de inverno.
Mergulho d'água no corpo nu da terra,
encontro marcado.
O chão está banhado, ganhou um cheiro que é só dele,
desses cheiros que na infância experimentou.
Tem crianças na rua,
pula poça d'água.
Molha o rosto, molha a brincadeira,
banho de chuva,
molha.
Molha o corpo, molha a vida,
molha.
Cai água no telhado,
o menino na biqueira sacia a sede,
vive essas memórias.
As borboletas onde estão?
estão repousando a olhar.
As formigas pararam de trabalhar?
certamente aproveitaram essa chuva para descansar.
No quintal as flores estão risonhas a se banhar.
O teto está a cantar.
A casa cheira a dias molhados.
Os fluxos das águas cavam a paisagem,
os caminhos estão alagados.
Os rios estão a se encontrar,
o mar está a esperar,
lembranças dessas águas.
O rio corre para longe, sem medo de escapar.
Onde será que vai parar?
Talvez no mar,
mas nada certo se ele encontrar outro caminho para se aventurar.
Continuo a escrever, continua a chover.
Barco vagueia no ar,
no meu corpo mar.
Dias encharcados por essas águas que lavam a memória.
Menino corre na rua,
encontra o vento, se banha na chuva, mergulha no rio,
As águas me começam...*



... Composição de lápis de cor [tons de azul]; cor dos sonhos; delírios incorporados em papel A4.

Encontrar as linhas descontinuas de mim entre formas e cores desejanates que me arrastam por esses fios soltos de memória viva que desatam o corpo por vias das sensações. Entrar nos resquícios da memória, delinear a si, permitir os atravessamentos acontecerem, dando lugar as diversas linhas que movem a memória, fazendo o corpo emergir por entradas, cruzamentos e saídas.

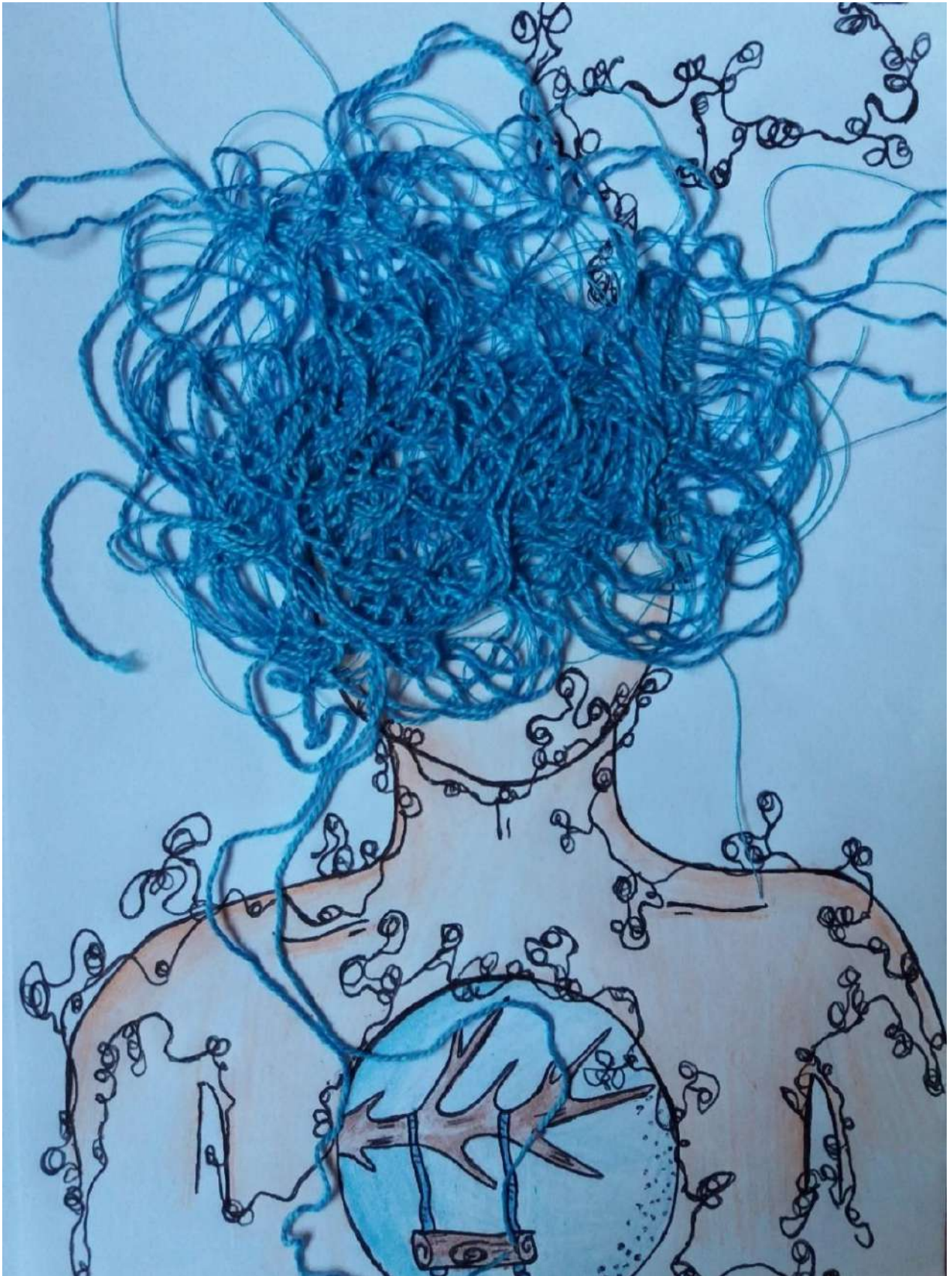
No resgate da memória o corpo se experimenta e sente os rios que na infância mergulhou, e que faz seu retorno nos movimentos que essas águas provocam e povoam. As águas que por esse rio passam encharcam os caminhos da memória revelando no corpo linhas que exalam cheiros, cores, lugares, sons, vozes, olhares e traços. Sensações que atravessam, corrompem e liberam-se pelos poros exalando emoções em pinceladas de cores e riscos.

Chuvas se lançam bruscamente sobre o chão dilacerando a forma em gotas d'água que se desmancham para formar rios e mares tornando-se caminhos diluídos, e que se arrastam para uma saída de si, misturando-se com outras águas numa incorporação potente que as trasbordam.

Águas é por onde as mudanças acontecem, as potências tomam aberturas e os encontros variam, é onde o corpo se faz.

Parou de chover. O chão tem um cheiro peculiar que me arrasta para o ontem, tem cheiro do passado, de experiências anteriores a essa ao qual traço essa linha no papel.

*Risca as linhas,
 Delineia o pensamento,
 Escolha as cores,
 Borra a imagem,
 Preenche o vazio do papel,
 Experimenta o corpo,
 Tinge a memória,
 Desalinha a escrita,
 Pinta-se.
 Um balanço no velho galho da árvore, me faz lembrar,
 Balançar,
 Voar...
 Voa a infância,
 Voa o corpo,
 Voa a memória,
 Voa o menino,
 Voar...
 Rasga o vento,
 Faz os movimentos.
 Encontra em seus delírios os desejos de colidir,
 O corpo é ar,
 Rompe o espaço,
 Desliza no tempo,
 Misturam-se as linhas.*



... Colagem de fios sobre o vazio do papel A4 [linhas de algodão] linhas de fuga; emaranhado de desejos [linhas de costura -descosturada-], linhas soltas; emaranhado se fios; [cores da infância] azul que riscam o chão do papel A4.

II

Eu queria ser banhado por um rio como
 um sitio é.
 Como as árvores são.
 Como as pedras são.
 Eu fosse inventado de ter uma garça e outros
 Pássaros em minhas árvores.
 Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs
 em minhas areias.
 Eu escorresse desembestado sobre as grotas
 e pelos cerrados como os rios.
 Sem conhecer nem os rumos como os
 Andarilhos.
 Livre, livre é quem não tem rumo.
 (MANUEL DE BARROS, Menino do Mato, 2015a)

A memória traça travessias de outros corpos:

corpo-homem
corpo-mulher
corpo-estranho
corpo-escola
corpo-aluno
corpo-professor
corpo-educador
corpo-bicho
corpo-tempo
corpo-mar
corpo-desejo
corpo-cor
corpo-escrita
corpo-linha
corpo-fuga
corpo-declive
corpo-movediço
corpo-rua
corpo-mato
corpo-rio
corpo-chuva
corpo-brotamento
corpo-borboleta
corpo-rachadura
corpo-viado
corpo-páginas
corpo-metamórfico
corpo-vento
corpo-potência
corpo-lugar
corpo-sexo
corpo-passagem
corpo-criação

*corpo-escrita
corpo-líquido
corpo-fabulação
corpo-estilhaço
corpo-bicha
corpo-prazeres
corpo a corpo
incorporações
faço-me.*



...Composto de papel A4; riscos de lápis de cor; atravessamentos.

Águas moventes
 força que invade
 que rasgam a terra nua
 que banham o corpo

Águas oriunda da infância
 que desemboca os rios
 formam as correntezas
 inundam
 trasbordam
 corrompem

Menino do mato
 dos olhos de curupira
 caçador de aventuras
 assobio do meio-dia
 poesias de mãe d'água
 Encantarias amazônicas

Águas tem olhos
 capturam o corpo imerso
 transitam por seus encantos
 nutrem vidas

Seu corpo líquido escorregadio
 esquiva entre as árvores
 raízes inundadas
 vidas geradas

Menino do mato
 adentra o rio
 desce a correnteza

desliza para o seu ventre líquido
 fecundação

....

Silêncio dos rios

Águas estão a atravessar

Mãe d'água estar a cantar

Respiro um fio d'água

Nasço

....

Corpo líquido

Diluição

não me fixo

escapo entre as árvores

Fios d'água

molho a terra

cavo uma nascente

gero outros corpos

....

Sou a curva que faz o rio

passagens entre os seres

sou água

sou rio

Sou

...

Afundo

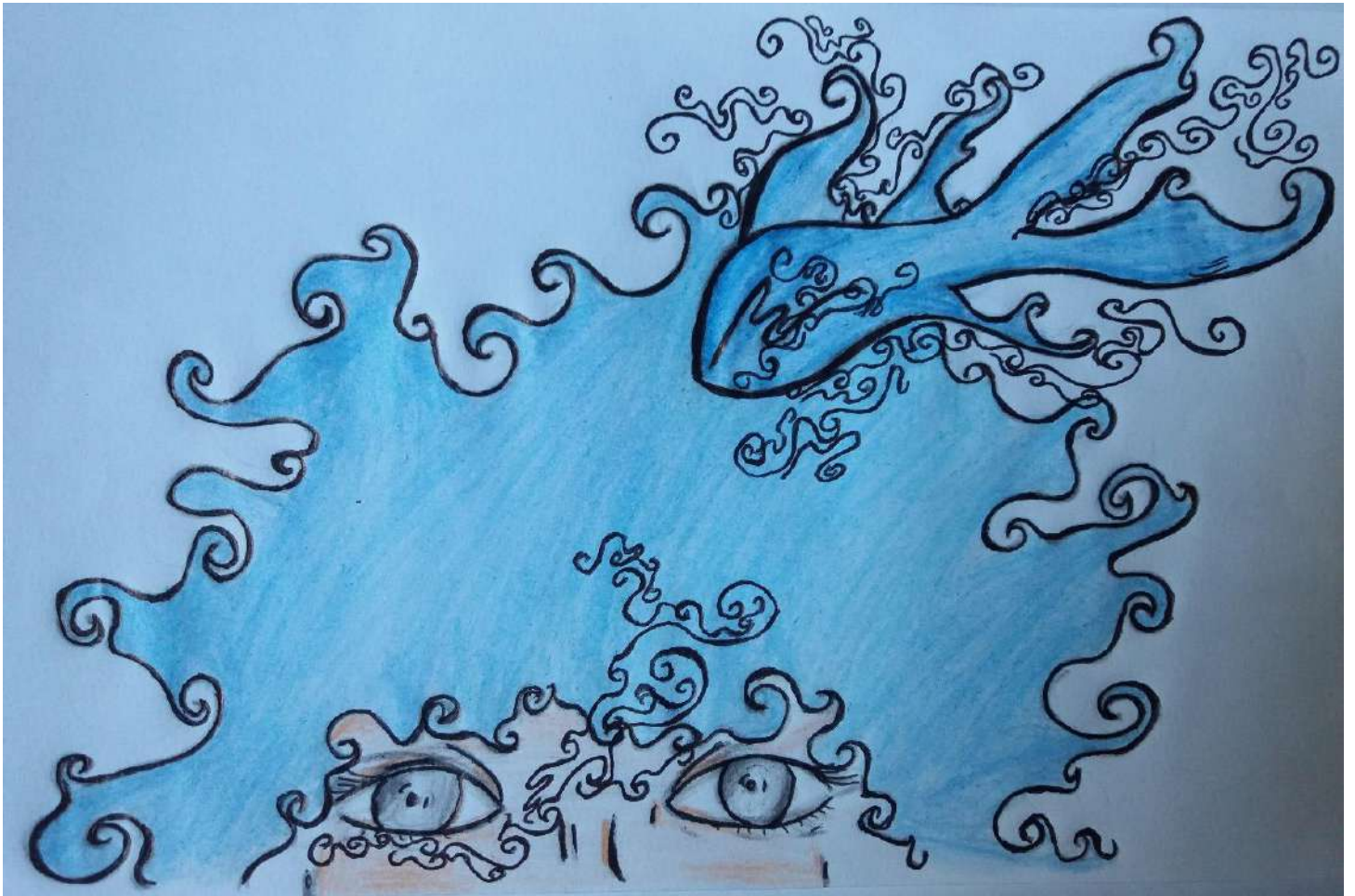
Desdobro

Deformo

Deslizo

Esvazio

Sou líquido



... Diluição de lápis de cor; mergulho de rio; molha a memória, fluxos d'água, fragmentos da infância.

III

O menino de ontem me plange.

(MANOEL DE BARROS, Livro sobre nada, 2018b)

Corre uma linha
desvia o caminho
faz uma volta
cruza outra via.
Percorrem os fios
traços sem forma
linhas variantes
entradas.

As linhas já tomaram direção
onde esquivou seu ponto?
Por qual ângulo tomou partido?
Seu destino? Não se sabe.
As aberturas estão fluindo

cruzando linhas
pintando a memória.

A parede tem olhos
O quadro tem voz
Falas perfurantes
Risos cortantes
Passos dilacerados
O corredor grita
A escada engole
O banheiro risca
A quadra de esporte elimina

O intervalo, gritaria e correria
O recreio não é lugar de brincar
Tem olhos perseguindo
Corpo marcado
Ouve-se os gritos
Tem uma bicha na sala ao lado

Tem esconderijo na sala
Se acomoda na cadeira
Risca o papel
Risca o quadro negro
Giz branco
Paredes sujas
Fecha a porta
Inventa uma fuga
Pinta as saídas
Escorre para as paredes sem olhos
Enquadrado
Esconderijo...

Não fale

Não ria
 Não ande
 Não pule
 Não cante
 Não chore
 Não corra
 Não dance
 Não seja
 Não...

Cadeiras riscadas
 Paredes trincadas
 Corredor gritante
 Olhos penetrantes
 Um dedo aponta
 Muitos risos ecoam

O caderno está riscado
 VIADO...
 VIADO...
 VIADO...
 VIADO...

O silêncio é um rio que corre
 Que corta
 Escapa aos olhos
 Rios de lágrimas...
 Rios de mim
 Cavam os caminhos
 Dias chuvosos...

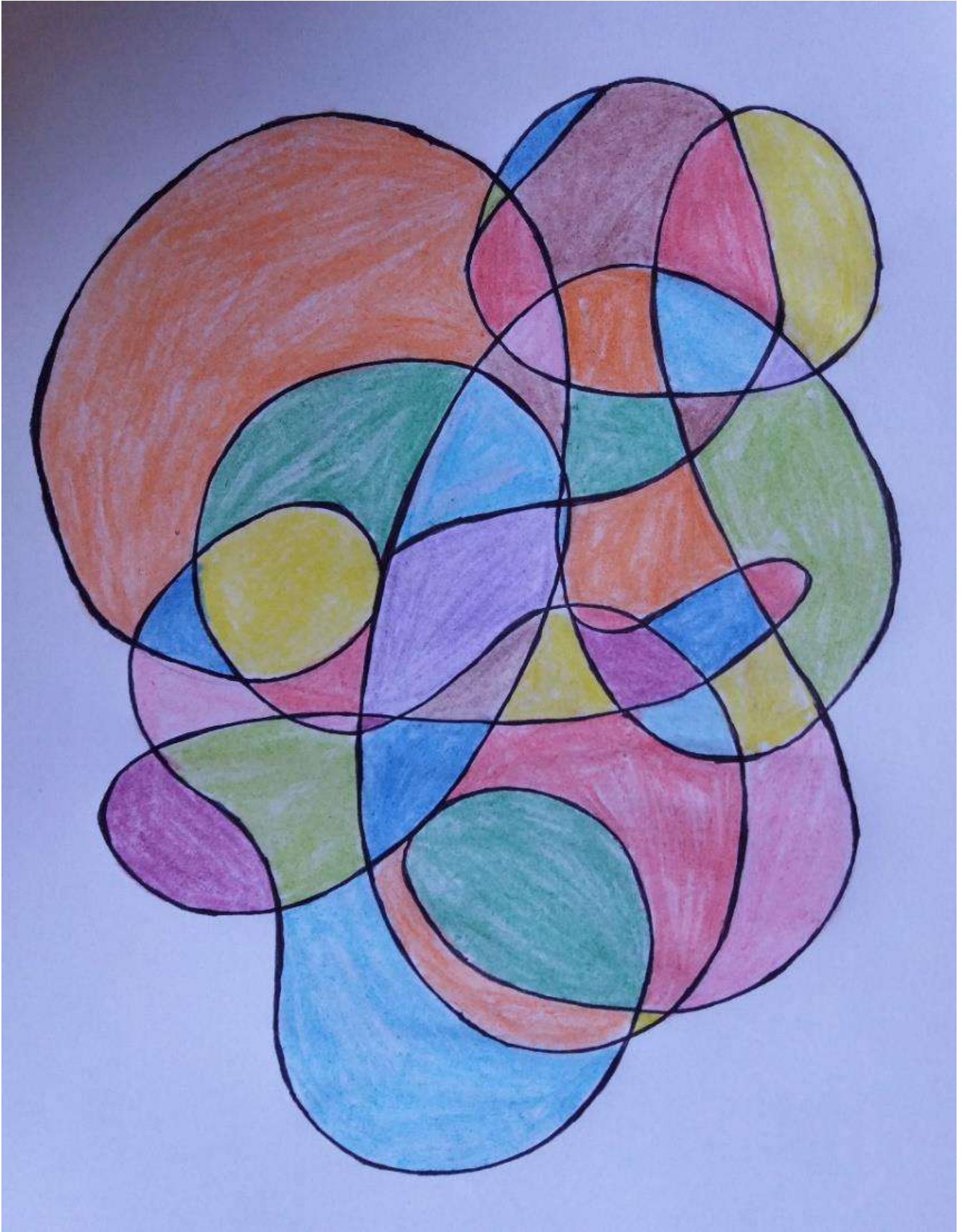
Riscam as cores
 Riscam as saídas
 Amarelo. ...
 Vermelho. ...

Riscam as cores
 Riscam as saídas
 Olhos de borboleta
 Deseja voar
 Metamorfosear
 Borboletear
 Balançar
 Rasgar o ar
 Voar. ...
 Deseja engolir as cores
 Devanear no ar
 Como nascem as borboletas?

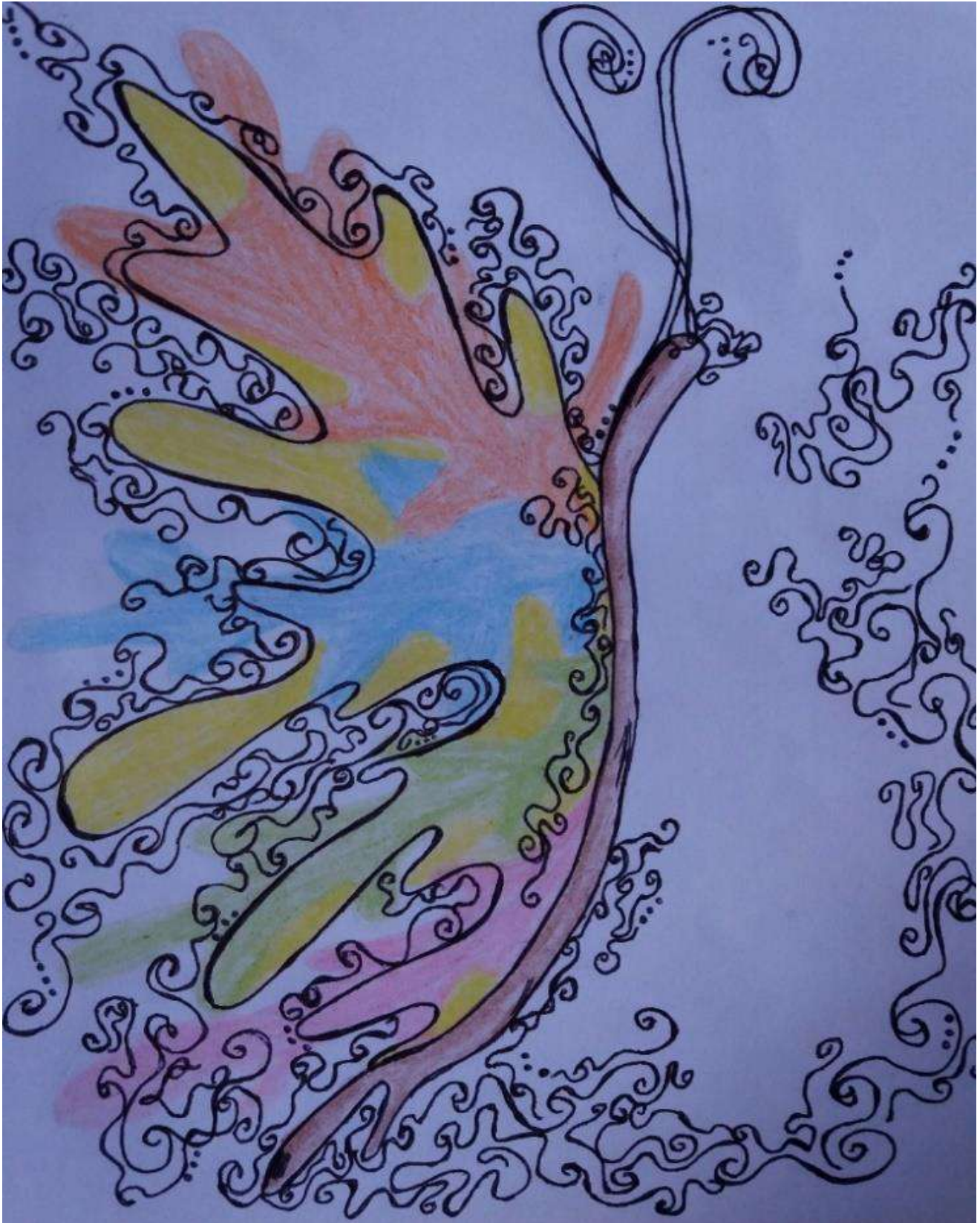
Linhas para soltar
 Desdobrar
 Borboleta para se libertar
 Cores para se misturar
 Voar. ...

Verde. ...
 Laranja. ...
 O azul se desloca
 Borda cores de fuga
 Linhas de uma infância bicha.

Cores de borboletas
 Asas para voar. ...
 Cores para metamorfosear...
 Pular
 Andar
 Dançar
 Correr
 Gritar
 Chorar
 Asas para pintar...



...Traços da infância; aquarela voadora; cores que metamorfoseiam o papel A4.



...Riscos de memória [composição]; mistura; balanços; metamorfose das cores.

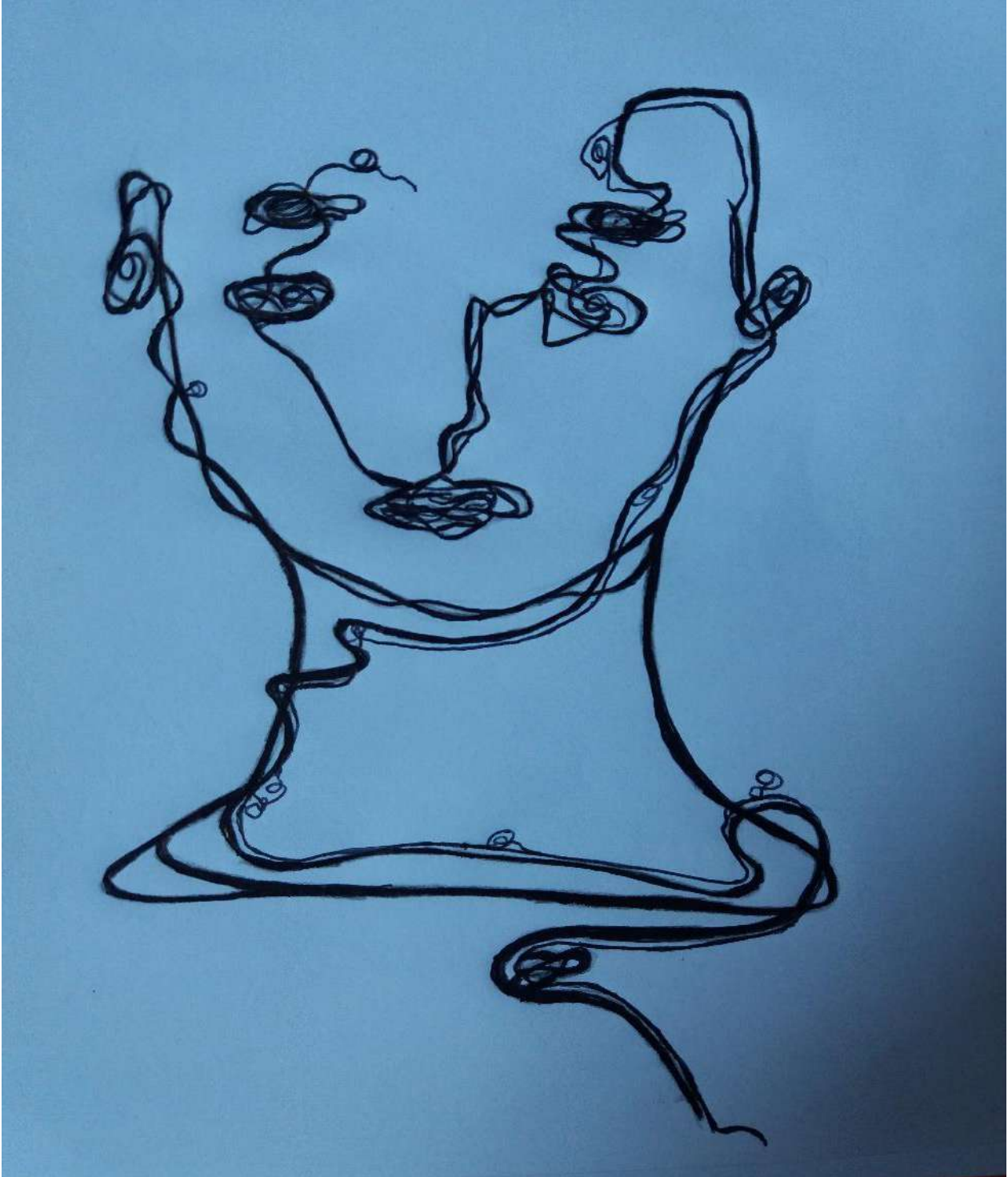
IV

Uso as palavras para compor meus silêncios.
Não gosto de palavras

fadigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito as coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
Para gostar de passarinhos.
Tenho abundância por ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
Eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.
(MANOEL DE BARROS, Memórias Inventadas, 2018a)

BORRANDO A ESCRITA;

FAZENDO O CORPO



... (De)composição em linhas do corpo; riscos desalinhados borrando o vazio do papel A4.

*Escrever são linhas de fuga,
Escapamento.*

*Linha são traços de vida,
Pensamento deslocado.
Linhas são experimentações,
Movimento das ideias.
Linhas são potências,
Águas correntes.
Linhas são rios que atravessam o corpo,
(De)composição da existência.
Linhas são criações,
Consumação dos desejos. ...
Cria a escrita, inventa o corpo.
Escrita líquida, águas de mim.
Linhas que transbordam, molham, vazam,
Quebra dessas páginas.
Linhas são de fugas. Linhas de corpo. Linhas de texto.
Linhas. ...*

“Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.11). E sobre essas linhas que se encontram numa fuga só pode haver uma coisa, a experimentação da vida (DELEUZE; PARNET, 1998).

Assim, compor linhas, captar os movimentos, desconfigurar as significações, colidir com as páginas, traçar linhas de vida significa experimentar o corpo em sua potência criativa. Escrever em linhas de experimentação é sentir o corpo fissurar, romper os caminhos retilíneos, não seguir as linhas densas, mas ser a própria linha, ser sua própria abertura.

Discorrer a escrita pelo corpo são linhas sempre em aberto, se (re)construindo, não sendo passado e nem futuro, se fazendo nos instantes onde as coisas tomam a desordem para fluir o pensamento. Ela é nascimento transitivo e não há uma direção única por onde deve-se tomar partido, nem um ao qual sinaliza uma linha de chegada, tampouco dois termos que se trocam. Por tanto, escrever não se trata de amarrações, trata-se de aberturas (FOUCAULT, 2001).

Por isso, a escrita é uma espécie de travessia para o corpo, onde as vibrações permitem deslocar as palavras do seu estado sólido, esboçados pelas possibilidades das mudanças das formas. A escrita são linhas que corrompem, pintam, costuram, deslizam entre as brechas do papel, adentrando lugares mais extremos, nas profundidades.

Traçar linhas contínuas, diluir as palavras, romper com o vazio das páginas em branco, degustar pelo corpo esse texto/textura numa experimentação/dissertação, que se abrem, fazendo-se em linhas das potências em seu estado inventivo que tece, traça, elabora, imagina, compõem, delinea, esquematiza, arma e (re)cria.

As palavras são criações expressivas do corpo, elas estão sempre passando por processos de variação. Por isso, “as expressões devem despedaçar a forma, reconstruir o conteúdo que estará necessariamente em ruptura com a ordem das coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.43). Assim, ao romper as páginas de papel A4, as linhas constroem passagens, dando lugar a outras formas de expressão capazes de borrar as estruturas para o surgimento de outras maneiras de experimentar o corpo.

Nesse processo de escrita, quebram-se as agulhas, rasgam as páginas borradas pelo silêncio, pintando aos gritos as correções impostas. Pinta-se por uma nova abordagem de educação, de ensino que traz a sexualidade atravessada nas determinações da ciência, para pensar a escrita ligada ao próprio sacrifício da vida, pois ele é consumado na própria existência (FOUCAULT, 2001).

A escrita como aberturas de experimentação estabelece no corpo uma manifestação, transcendendo a epiderme e se debruçando nas margens de uma escrita viva, que sente e respira entre linhas de escrita e o corpo-pesquisa, deslocando-o das zonas acadêmicas, fazendo fissuras no lugar onde o corpo habita e experimenta.

Muitos riscos de memória conectam letras, tonalidades, traços, linhas, imagens, fissuras, passagens. Linhas que geram, (de)formam, nutrem, povoam, compõem e movem-se produzindo conexões gestados das criações.

Criam-se as linhas, nasce uma escrita, um corpo, uma vida. Um novo verbo se estabelece para marcar o lugar da existência. Riscam o verbo imaginar para compor, construir, retratar, constituir, exprimir, traduzir, devanear, e assim, descolar o que se tem compreendido sobre corpo e modos de interpreta-lo. Verbos que são potências que trasbordam sobre o corpo, que atravessam por entre linhas borrando a forma, cavando os caminhos. O que escrevo não tem começo, é uma continuação, assim como exclamou em seus escritos Clarice Lispector (1973, p.29), “escrevo de corpo inteiro na medida que meu fôlego suporta.” Com esse pensamento, escrevo no decorrer do tempo, nos deslizos das palavras, nos declives dessas páginas.

O CORPO TORNA-SE FONTE DE INVENÇÃO ...

[...] Criação das nascentes.

Gestado nas entranhas da terra, cria do mato, filho de água doce.

Um corpo que nasce, que dilui os pontos físicos da matéria.

Um vir a ser. ...

(De)composição.

Um torna-se. ...

O corpo é água e se faz por movimentos constantes,

infiltrando a pele que o compõe,

vazantes. ...

vazamentos.

Suas zonas são experimentações,

aberturas,

deslocamentos,

deslizes,

Desejos. ...

Oscilação do corpo.

Dobra sobre si mesmo, corre, escorre, desliza,

escoa. ... e,

ecoa.

Corpo que alcança o silêncio de si,

invade,

expande,

cruza,

molha,

rasga, e. ...

se desmonta, se rompe, quebra, e. ...

se (re)cria.

Vive. ...

O corpo se espalha no espaço e no tempo nas passagens em aberto,

entre um corpo e outros. ...

outros corpos,
 lugares,
 olhares,
 sentidos,
 endereços,
 tempos,
 travessias,

outras linhas. ...

. ...

Pelas linhas cruzadas experimenta as travessias. ...

senti o corpo,
 flui as águas,
 varia as formas,
 cerca-se dos devires,
 vibra as potências,
 desloca os órgãos,
 derrama os fluxos,
 corre o rio,
 escorre o corpo,
 Escoa-se pelas águas.

Todos os corpos tocam as águas,

 corpo-múltiplo. ...

 Extenso,

 Intenso,

 Veloz,

 Imerso,

 Movediço,

 Profundo,

 Diverso,

 Líquido,

 (De)composto

 Fragmentado.

Não há imagem fixa,
apenas fluxos.

Não há vínculos,
apenas decomposição.

Não há reflexos, nem nexos,
apenas agitações.

Não há cabeça, tronco e membros.
apenas frações.

Não há repetição, repartição.
Há apenas vazamentos.

Não há nomes,
apenas desvios.

Não há forma,
apenas deformação.

Não há consolidação,
apenas leveza.

Não há ruído,
apenas desejos.

Não há uma unidade,
apenas linhas. ...
linhas de vida,
linhas de fuga.

Não há o corpo,
apenas multiplicidade.
aberturas. ...
conexões. ...
forças. ...
vibrações. ...
velocidades.

Desorganização da ordem, desequilíbrio dos órgãos.

Balaço do corpo. ...

Balaço do vento. ...

Balanço das marés. ...

Balanço de mim.

É o corpo-nascente.

Nascimento de rio, brotamento da placenta terra, gestação do mundo.

Fios d'água,

germinação de vidas, nascimento de. ...

Gente,

Bicho,

Águas,

Memórias,

Luz,

Rios,

Infância,

Marés,

Tempo. ...

Linhas,

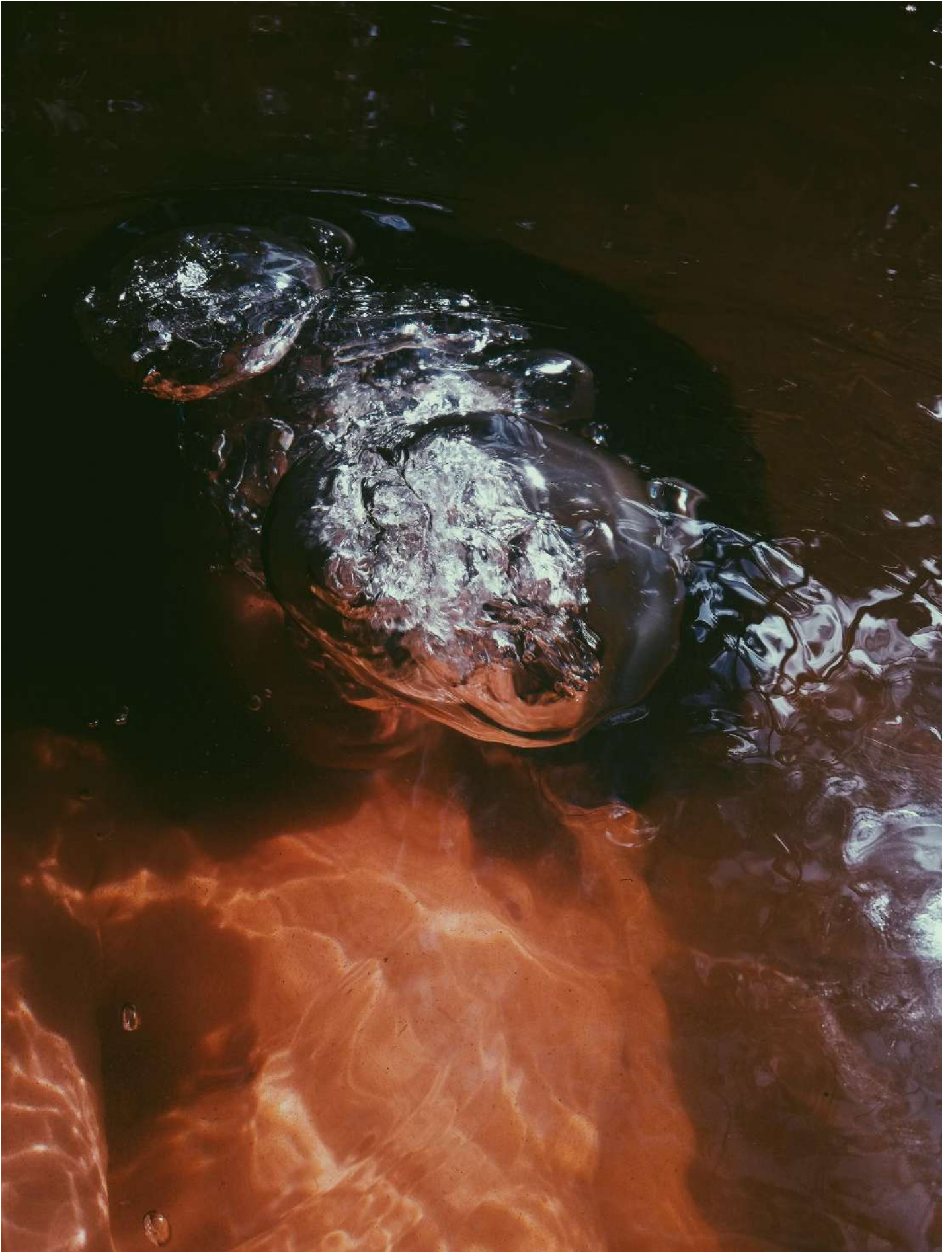
Vivências,

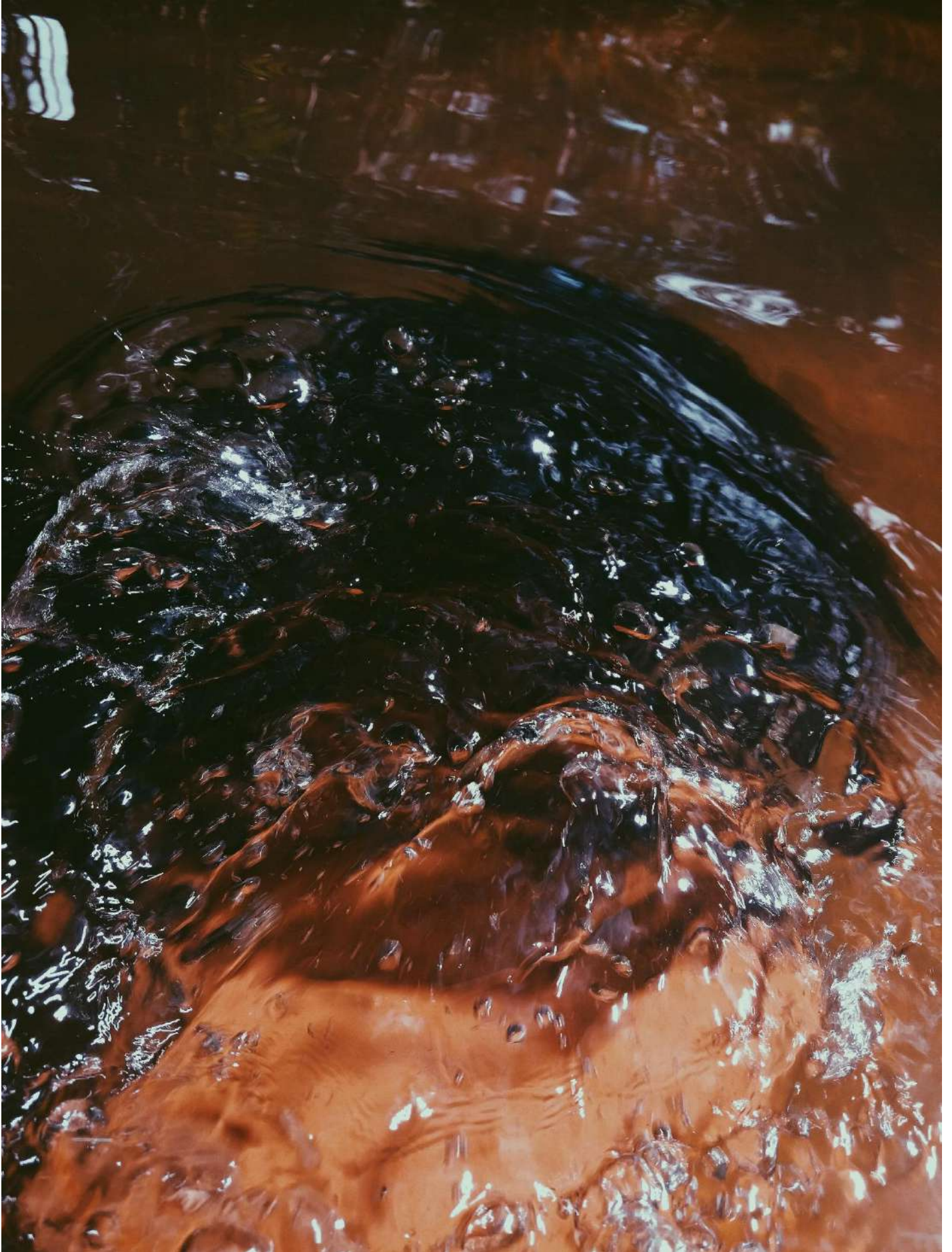
Travessias,

Composições,

Misturas Amazônicas. ...

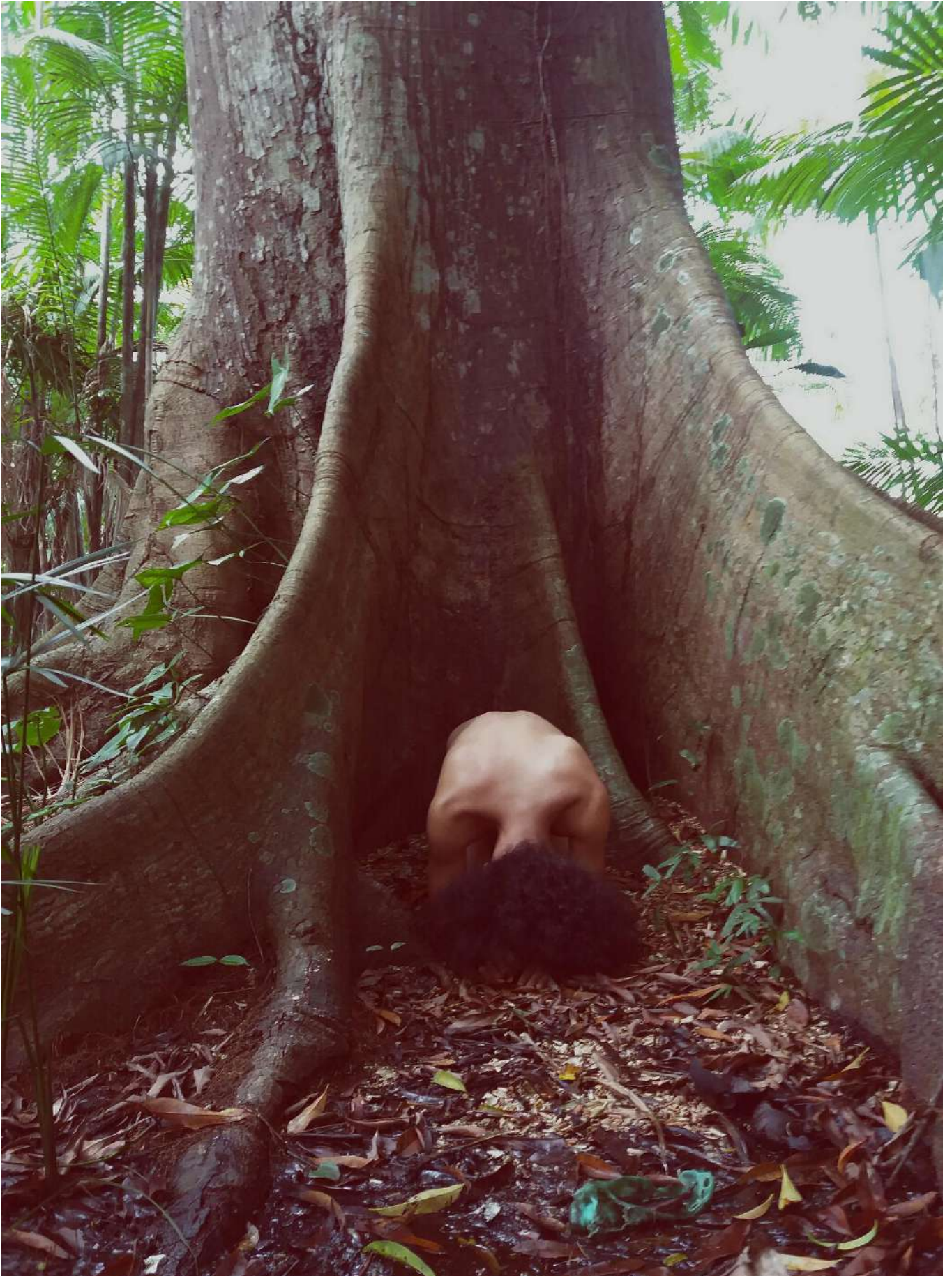






Pela invenção de mitos, essa paisagem é um objeto representado que confere à cena o teatro da cultura e a legitimação de crença. Com esses componentes se constrói a paisagem ideal. A beira do rio, as lendas, a ponte, a noite, a casa, a família, a vida em comunidade, as árvores em torno e o rumor do silêncio nos lábios do vento. Ao inventar a sua paisagem o caboclo inventa-se a si mesmo para essa paisagem. Criando um mundo novo para ser, ele se cria como ser capaz de habitar esse mundo poetizado. Tudo parece governado por forças transcendentais (LOUREIRO, 2016, p.129).







As águas dos rios são também um espelho de água. Elas também têm olho na sua origem, um olho por toda a sua existência, uma vez que a água que nós olhamos, nos olha também, visto que nossa imagem nos é devolvida pelo espelho d'água. A água fluente tem toda uma integridade propiciadora dessa evanescência do espírito, dessa questão do devaneio (LOUREIRO, 2002, p.149).



O caboclo Amazônico é um viajante imóvel, que não viaja no deslocar de um barco. Ele não viaja deslocando-se do espaço, ele viaja deslocando-se no tempo e na profundidade. Por isso ele cria realidade em profundidade e não sucessividade do espaço (LOUREIRO, 2002, p.149).



Na linha da ribanceira, entre o rio e a floresta, estão os arquivos da vida amazônica. É uma verdadeira escola do olhar. Uma pedagogia da contemplação. Um aprender a aprender olhar. O olhar que experimenta a vertigem de uma alma errante. Na margem do rio e da floresta irrompe a vida, em duplo. É o reino das ambiguidades e da semovência de contornos (LOUREIRO, 2016, p.127).



No seu descomeço

era **Corpo** em branco, silêncio de mundos.

Uma voz, duas vozes, outras vozes,

uma escrita, linhas de si,

ecos do **Corpo**.

Zonas carregadas de intensidade, que

quebram, misturam e criam aberturas vitais para

experimentar a potência do **Corpo**.

Águas se formam,

colidem, se liquidificam.

[corpo, sexualidade, identidade, espaço, tempo]

Incorporação. ...

Corpo que se fez duplo, triplo múltiplo.

Corpo, no plural:

[lugar da existência]

Corpos,

que **corpos** são esses?

o que desejam?

Abrir

Infiltrar

Vazar

Infiltrar

Rasgar

Experimentar

Inventar

Escoar

Ecoar

Sonhar. ...

Corpo líquido.

Águas que metamorfoseiam,

travessia de rios.

Corpo,

[Memórias pintada nas cores da essência]

Amarelo

Azul

Rios

Vermelho

Verde. ...

Misturas de cores. Mistura de **Corpos**, enxurradas,

Devires. ...

O **corpo** é ele mesmo uma trajetória de infinitas variações, de movimentos desordenados pelo qual atinge o vazio do papel. Como uma flecha atirada num intervalo do tempo, rasgando a existência, fluindo para em direção aos desejos. **Corpo** continuo dos devires, derivação. Variações da forma. Estado líquido da matéria, nascente de invenções, **águas** correntes, movimentos que flui, contraído das passagens. **Águas** nunca são as mesmas no instante em que mergulhamos nela, há ciclos de mudanças dentro da sua natureza realizável. Mudam-se as apropriações dos estados, evaporam suas estruturas, reinventam-se por outros caminhos não definidos, condensam.

Leves,
pesadas,
líquidas,
sólidas,

fazem constantes movimentos, devaneiam as formas,
fusão. ...

vaporização. ...
 solidificação. ...
 liquefação. ...
 sublimação,

composição que atingem outras derivações.

Nesta aventura encarna-se a composição do **corpo** por sua vivência. Linguagem que compõem suas travessias, aberturas, linhas, endereços que movem o **corpo**. Há palavras escrita sobre a pele.

Escreve-se para criar e recriar a si mesmo.

[Paisagem da pesquisa]

Imaginação
 [páginas de papel A4]

Memórias
 [Desenhos riscados]

Escrita de si
 [**Corpo** fragmentado]

Justificativa
 [Desejos]

Pensamento ordenado: todos os declives do **corpo**.

Conjugação do verbo “VIR A SER”. ...

Nenhum sentido há nessa ordem.

Nenhum verbo cabe.

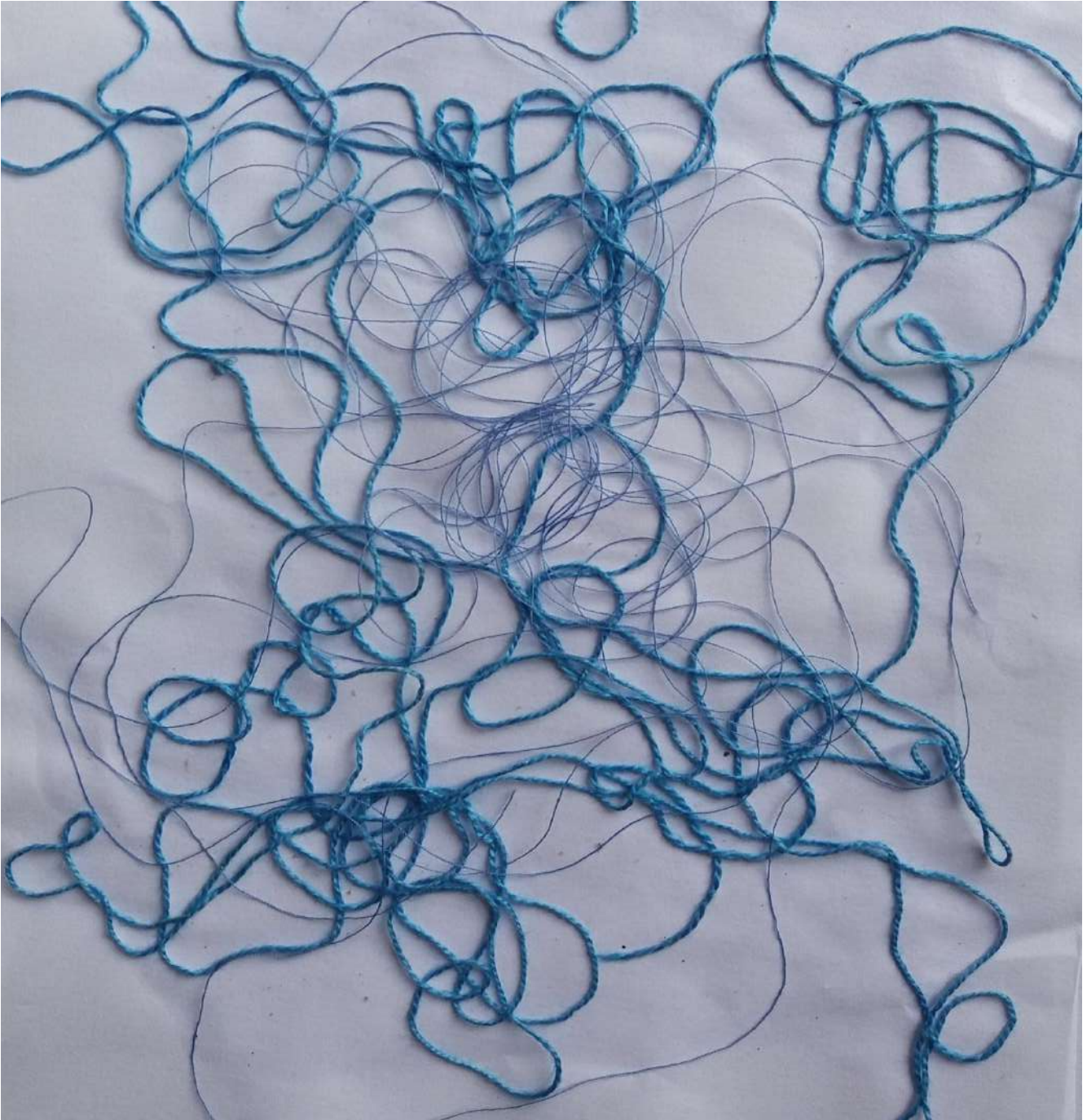
Todos verbos escapam,

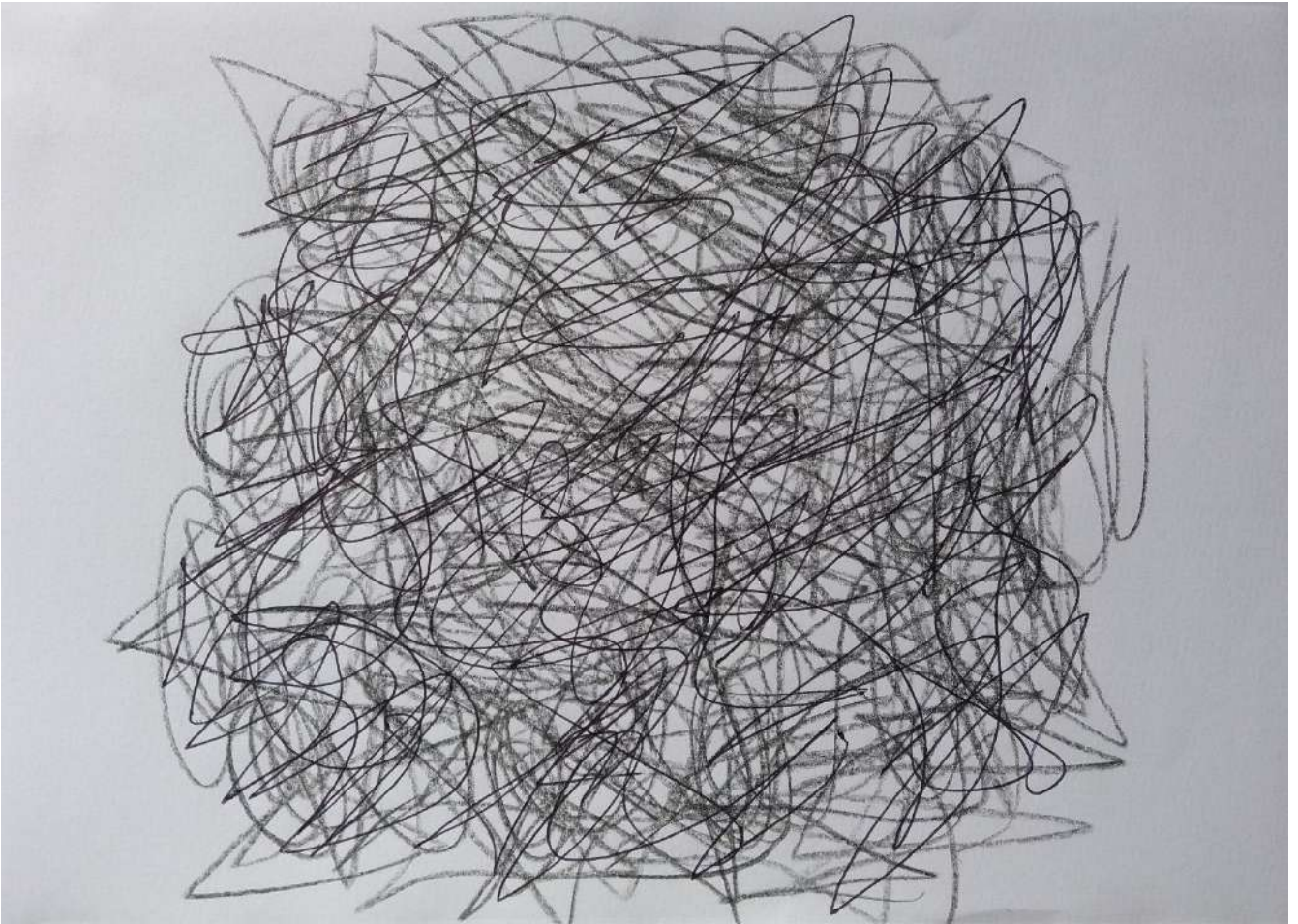
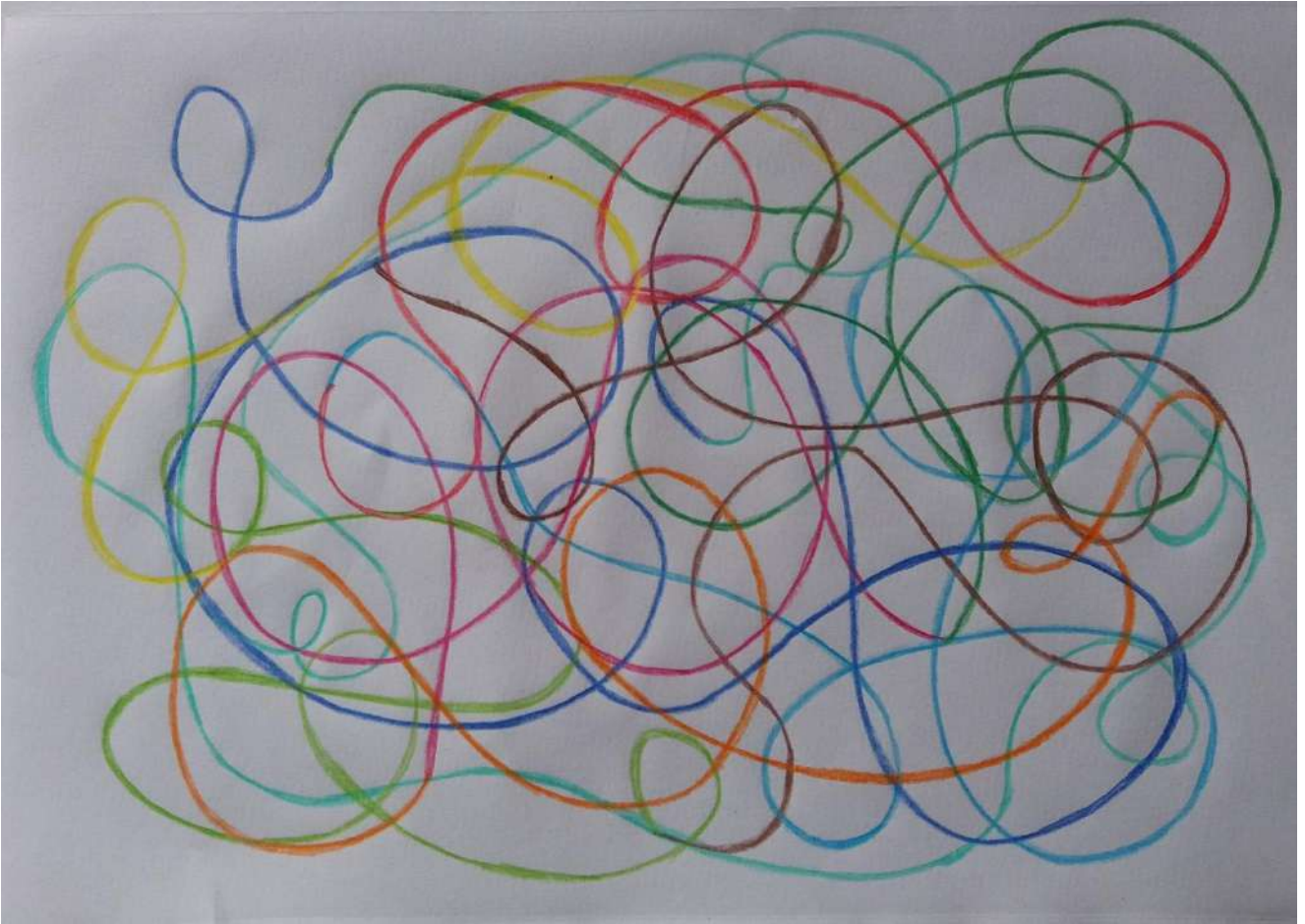
rompem,

esvaziam-se,

desmontam-se no **corpo**-matéria no fluxo para o **corpo**-devir.

Tornar-se [sem verbalizar o termo].





Corpo-escrita, **corpo**-texto, **corpo**-experimento, po(ética) da ação, da criação, devaneios das texturas, delírio dessas páginas, variação do **corpo**, desprovida da ordem. Ao escrever, ouvir, e sentir o **corpo**, rasgo a carne dura, modelada e estruturada por uma imagem social.

O **corpo** é caminho. Uma entrada e uma saída. Adentra-lo é perder-se ou encontrar-se. Não se sabe o seu destino, seus olhos se voltam para o meio, onde as direções tomam força formando outros caminhos a seguir.

Caminhos são encruzilhadas, cruzamentos, direções que percorrem o **corpo** num ato de escrita viva por uma saída no pensamento.

O **corpo** tem suas entradas, singular das variações, com inúmeros caminhos que intercruzam outros, fazendo novos (re)começos ou fechando-o, uma armadilha no pensamento, esconderijo das emoções. Uma jornada arriscada para um aventureiro. Porém, uma vez perdido, é preciso cavar os caminhos, encontrando-se por entre lembranças, por entre ideias de velhas entradas. Estilhaço do passado. Movimentos da memória.

Aberturas.

Adentrar em si mesmo, é arriscar-se, propicio as aberturas da memória. Para encontrá-la, é preciso esperar a chuva cair, sentir molhar, deixar os rios escoarem, as marés vazarem, tomarem força para dessalgar como **Corpo** à deriva, como **água** que flui.

C
orpo



Corpo-processo, composição das linhas.

Corpo-dissert(ação). Corpo-experimento. Corpo-criação. Corpo-página.

“Corpo-escrita-de-si” (Foucault, 2004).

“Corpo-bicha” (Zamboni, 2016).

“Corpo sem órgão” (Deleuze; Guattari, 2010).

Corpo-bicho. Corpo-desejo. Corpo-líquido.

Corpo-devir.

O corpo que concebe

que cria

que sente

que sonha

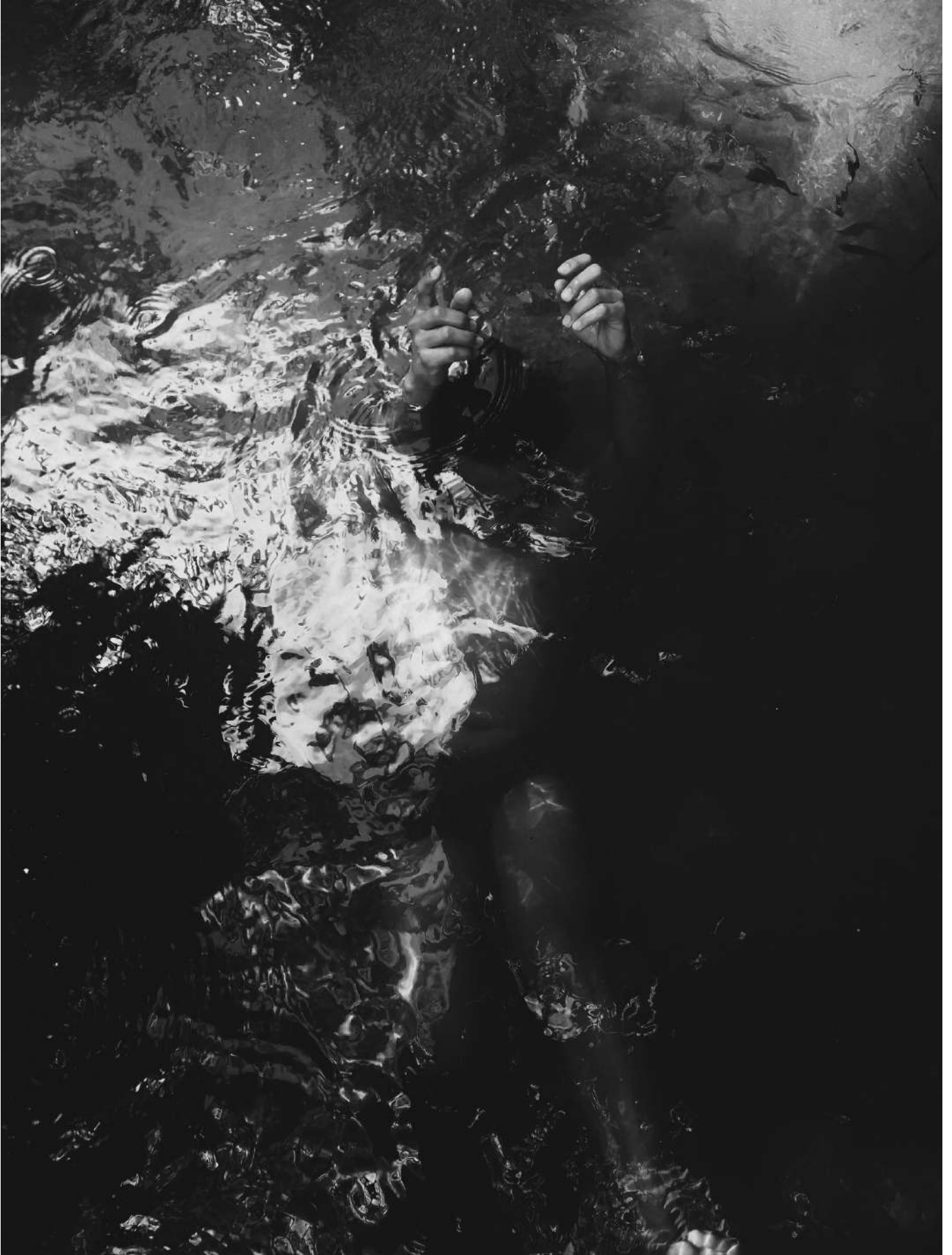
que varia

que inventa

que desvia

que trinca

que invade



É o corpo nu.

Corpo passagem

do rio

do mato

da bicha

do professor

da pesquisa

do texto.

É o corpo que deseja

que fala

que gesta

que escreve

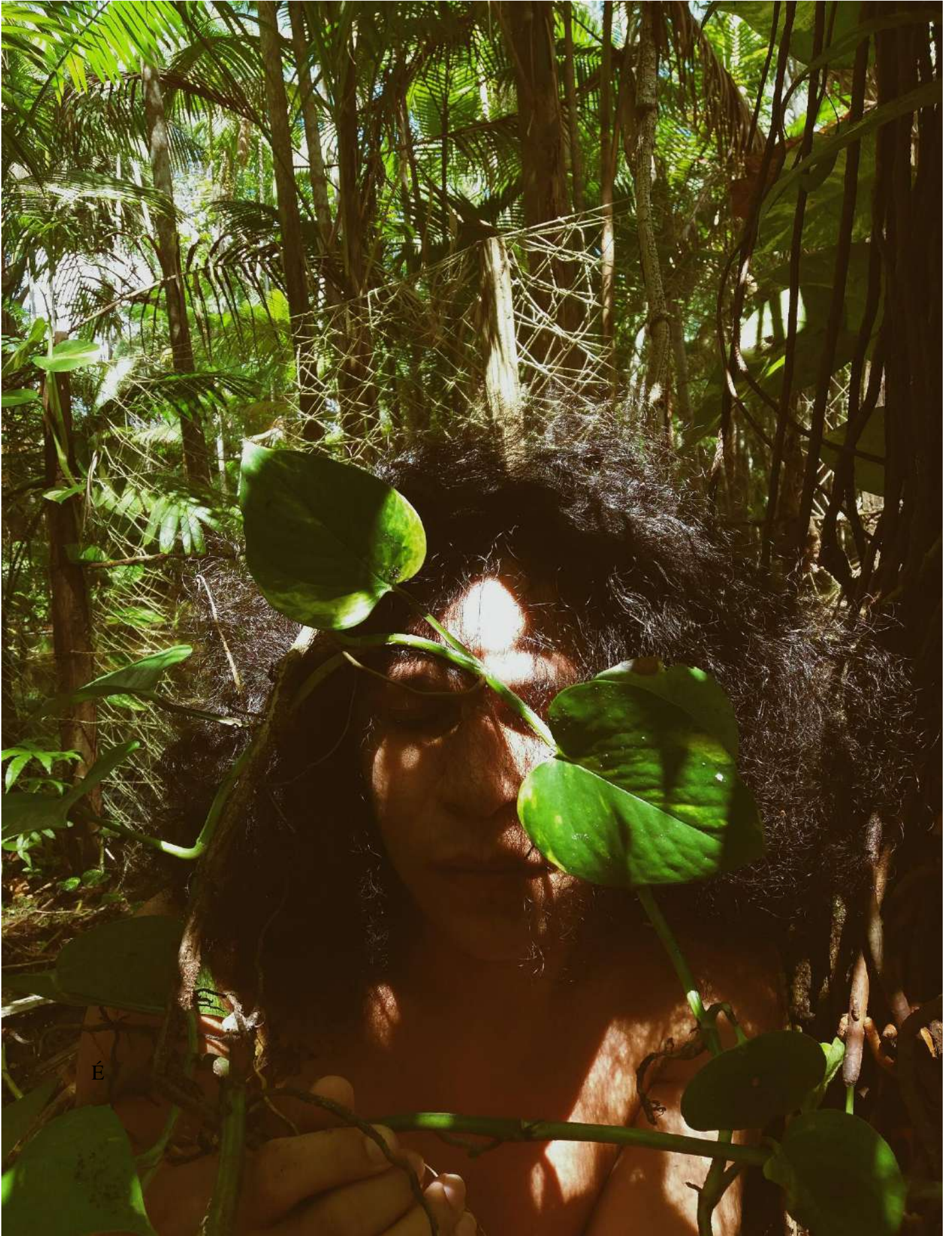
que pinta

que risca

que borra.







É



O corpo-memória.

Corpo Papel A4

Cor

Tinta

Linha

Colagem

Mistura

Traço

Esboço

É o corpo-ensino.

Corpo que voa

que rir

que atravessa

que versa

que ensina

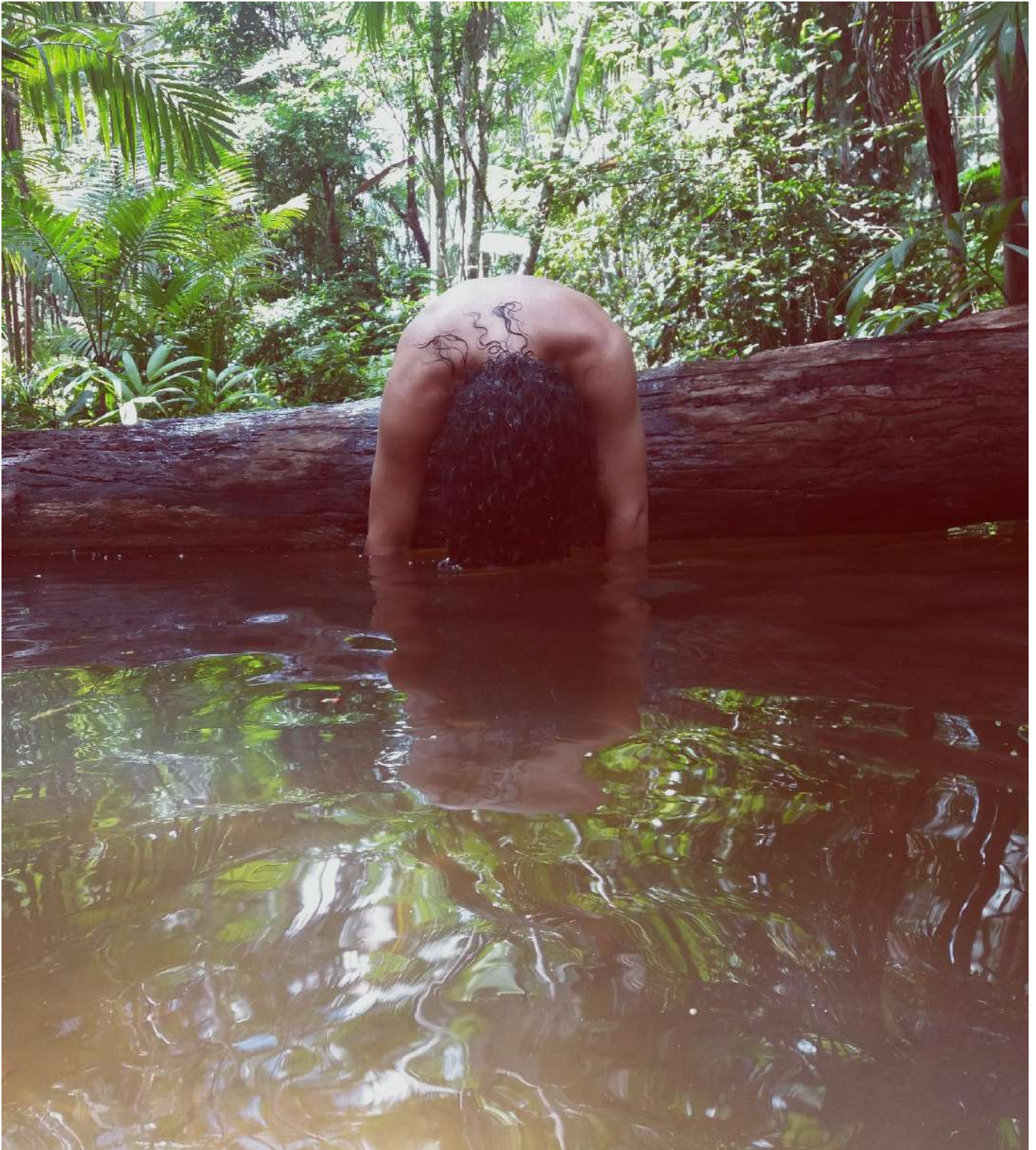
que aprende

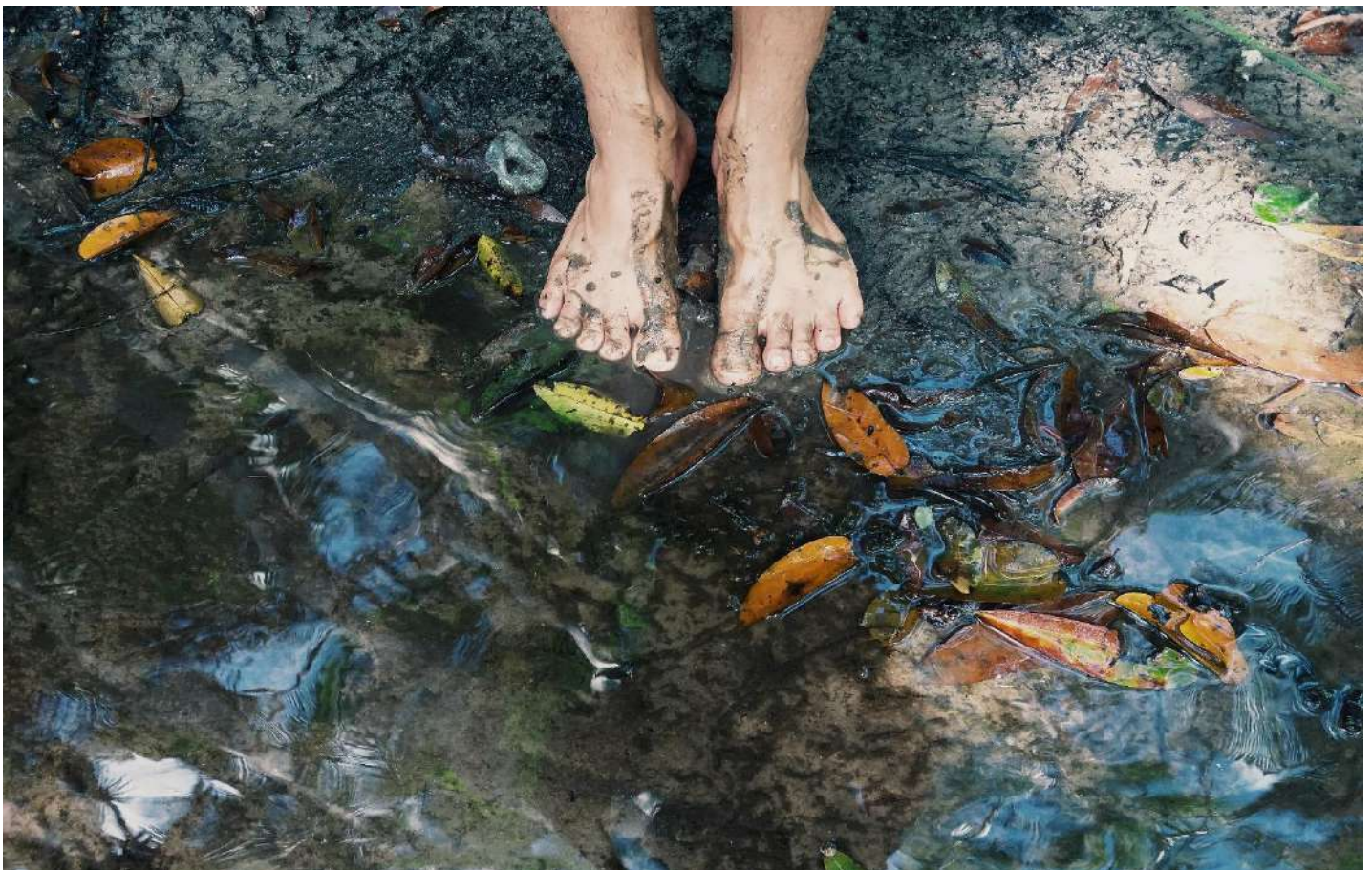
que risca

que vaza

que escapa.

É o corpo-viado





Corpo movediço

 afeminado

 bicha

 passagem

 baitola

 entrada

 saída

 estranho

 humano

 fissuras

 liquido.

O CORPO COMO METODOLOGIA DE ESCRITA,

é isso que esboçamos aqui. O corpo no percurso de sua variação mostra-se nos contornos dessas páginas e já não ocupa um espaço e constitui uma unidade orgânica ou inorgânica, agora ele é poesia em papel, balanço de cores, misturas de elementos, se compõem das sensações. As páginas retomam as linhas, escorrem por entre as formas, buscam o vazio do texto para delinear tons mais abertos, quebrando o preto da escrita, fazendo as palavras tomarem potências para delinear sobre as linhas que reveste as experiências do corpo.

A metodologia dilata o papel e possibilita ir ao encontro das palavras, da escrita e do corpo, esboçando linhas não ordenadas vivenciadas no instante, retirando as velhas armaduras que recobrem a essência, absorvendo água da chuva, germinando nova vida, como nascimento que rompe a casa semente ou como flor que se liberta no desabrochar das pétalas. São possíveis pontos de partidas ao qual o corpo experimenta, criando velocidades, fazendo vazar linhas potentes que saltam em busca do reconhecimento de si. Linhas que advém dos deslocamentos do olhar para perceber o próprio corpo em meio ao caos, movimentando o pensamento no surgimento das próprias fissuras permitindo ser travessia e ao mesmo tempo atravessado para compor aberturas capazes de se romper pelos fluxos experimentados a partir das vivências.

Nessa travessia onde pesquisa e pesquisador se misturam numa manifestação de aberturas e saídas, a escrita como força atravessa o corpo-pesquisa para florescer, nascer entre linhas que se deslocam cavando os sentidos por entre cores e descoberta de si. Pensar a escrita como nascimento livre das metodologias de pesquisa é deixar fluir no corpo os processos de experimentação, desenhando caminhos que as tornam alcançáveis como mecanismo de força.

Nessas teceduras o pensamento flui desbravando outros recintos que movem e estilham o corpo voltando o olhar para dentro de si num ato de libertação das amarras. O corpo aparece como um convite que vibra, permitindo sentir suas variações, desalinhando os fios que tecem o pensamento entre linhas mais solúveis, menos densas e compactada. Voltar-se para dentro de si significa traçar novos achados para compreender o que pode vir a ser um corpo, encontrando sua própria saída, percorrendo por entre um emaranhado de linhas que se soltam colidindo com outras linhas formando uma espécie de escapamento contínuo.

Trata-se, portanto, de desdobrar palavras sobre palavras no processo de desligamento da carne, o corpo rompe as páginas, criando linhas de fuga, oscilações. A escrita se caracteriza como pontos de passagens, escrita viva que desliza sobre as formas. São extensões que possibilitam aos encontros não ordenadas vivenciadas no instante, permitindo-se retirar as velhas armaduras que recobrem a existência-corpo, deixando fluir novos rios, permitindo-se nascer nas travessias, pelas experiências.



Corpo-aberturas/Arte: Nadson Silva

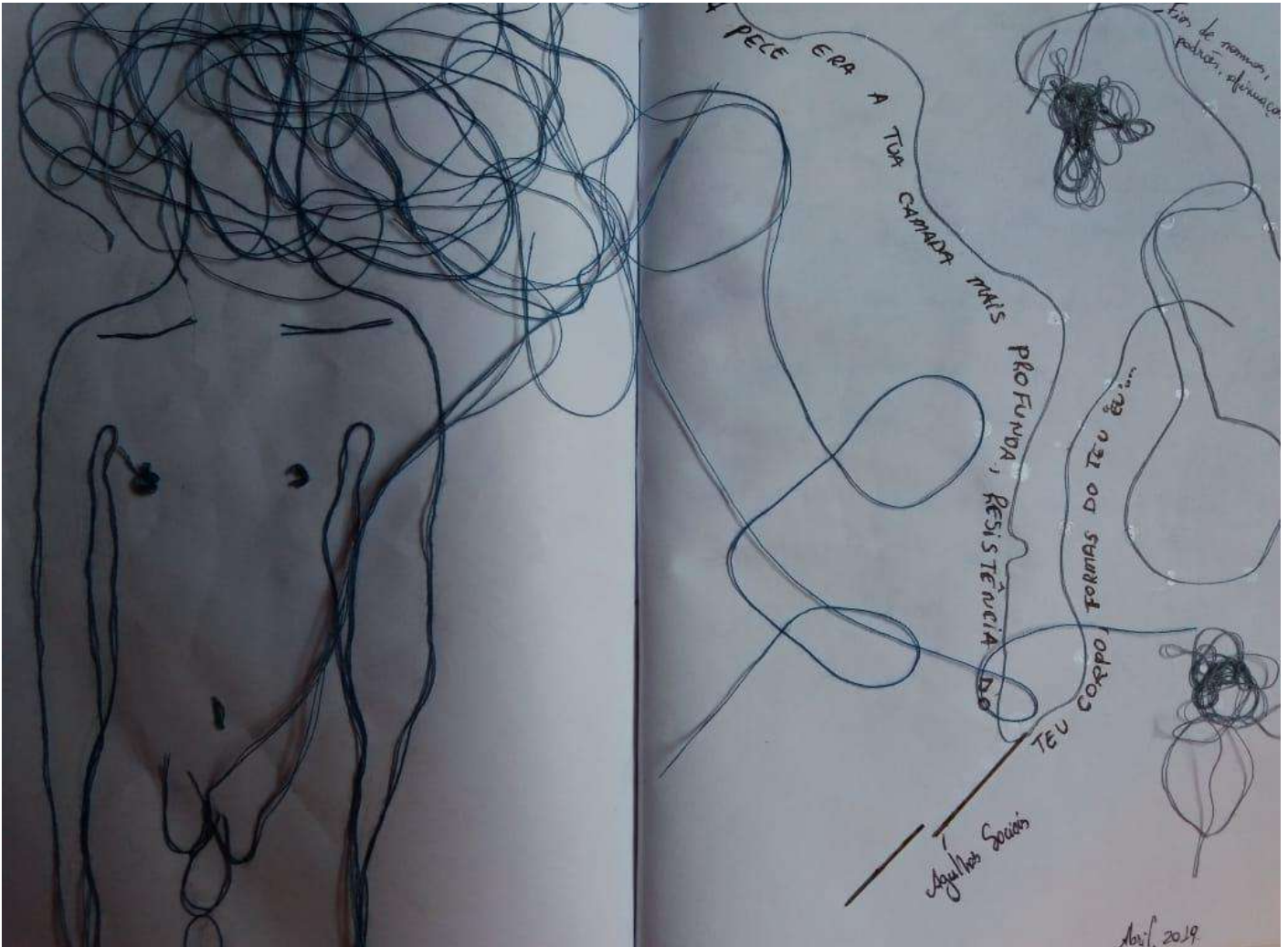
Caber em um corpo, nos espaços, nas vozes, no olhar, nas molduras sociais, enquadrar uma imagem confortável, distingui-lo para melhor rende-lo. Aprisionar uma imagem de corpo, esquematiza-lo, organiza-lo. Fôrmas modeladoras sociais.

Racham-se assim as paredes, ecoam muitas vozes, trincam o pensamento, vibra o corpo. Quebram-se as agulhas, recortam o corpo, dilaceram a escrita, movimentam-se. Vida e movimento estão estritamente conectados. O movimento é uma das condições para sentirmos como o mundo é, sendo, portanto, um dos principais modos como aprendemos a significar-nos (GREINER, 2011). São por eles que as vozes causam ecos, apropriando-se do corpo e por suas diferenças afirmando-se em um verbo de existência, onde a linhas traçam zonas e desvios. Por isso o corpo ao confrontar a metodologia de escrita torna-se movediço, criando as saídas e furando as entradas, não sendo começo e muito menos fim, sendo método do meio, coluna vertebral.

A metodologia de pesquisa é o nosso alvo bélico, que pretendemos desprender com linhas mais soltas e menos densa. Por isso, essa pesquisa não advém de princípios, mas de alguns cortes como interferências no pensamento e modos de vida. O corpo nesse contexto tem seu significado, emerge como um convite, ou um exercício a experimentar os deslocamentos que as criações são capazes de conduzir. Uma manifestação que se faz em sala de aula, para aulas de ciências, da qual originam o corpo como formas de ensino e conhecimento disciplinados.

Devido o afastamento das salas de aula em decorrência da pandemia no mundo essa experimentação consiste nos deslocamentos das imagens corporificadas dos livros de ciências e biologia sobre a experimentação do meu próprio corpo como professor e pesquisador. O que se tem são imagens e representações que as páginas científicas constituem, sendo experimentações que podem ser sentidas por outros olhares e assim conduzi-la para aulas de ciências e biologia. Não queremos aqui criar mecanismos para o currículo escolar, o que se pede nesses experimentos é mover o pensamento, deslocar o olhar, criar saídas para um ensino mais sensível na busca de enxergar todas as possibilidades que o corpo traz para o ensino de ciências, no exercício experimental que possam vir a se descolar das fixações representativas.

A experimentação é um ato de (de)composição das figuras educacionais, mergulhando em linhas, colagens e cores que fazem com que o corpo tome seus movimentos e invadam criando outras aberturas, deixando a identidade, o sexo, os desejos, as expressões e a sexualidade emergir pelas travessias, tomando a educação como abertura para conduzir o conhecimento por meio das experimentações e desvios possíveis.



Manifesto em corpo-linhas/Arte: Nadson Silva

Formas e representações de quem somos se decompõem nos pontos de passagens, descolando suas estruturas das amarrações sociais. Romper as amarrações da imagem que se criou, rasgar os papéis que desenham pelo olhar da diferença o seu contorno desviante, molhar a escrita, é isso que o corpo faz quando traça as linhas. Porém o corpo como problematizador do sistema não é, e nem se submeterá a uma estrutura, ela escapa por entre as formas dada a priori num suspiro de vida, e se espalha para compor outras existências.

Por esses deslizes o corpo transita em seus múltiplos recintos, abrindo passagens, esboçado por uma extensão de linhas que preenchem os espaços, desconectam as bases das páginas de papel A4, e o corpo nesse movimento, torna-se em camadas finas, rabiscada sobre tonalidades quentes, abrindo-se por entre as passagens, transpassando a coluna vertebral da pesquisa. O corpo em experimentação confronta, corroem as normas, rompe as fronteiras esgarçado pela escrita, vazando a metodologia.

CRIAR A PRÓPRIA LINHA,

Mergulhar em meio ao caos, fazer as travessias. Caneta, lápis e cores delineiam o corpo, emergindo de águas mais profundos, balanços de rio.

O corpo passa a existir entre as dobras das linhas, deslizando entre páginas de escrita, deformando a imagem, cavando novas fendas, experimentando suas descobertas existenciais.

Nascemos entre os movimentos, pela escrita, por infinitas aberturas, vias de forças, ou nascemos no pensamento, entre linhas de escrita, cores, traços, riscando a imagem para transbordar outros de nós. Pela escrita de si tomamos as potências para ser ele mesmo múltiplas linhas contínuas, reinventando-se para narrar sensações que experimentou na escola como aluno e como professor de ciências, sentidas e vividas no contado direto e estreito onde a pesquisa toma potência. O corpo emergido das águas amazônicas transcendem e inundam a pesquisa que molham a educação vazando por múltiplas direções abrindo as saídas.

Ecos são possíveis ouvir nos encontros onde as inquietações tomam forças: *“não sou uma bicha, sou uma bichona!!!”*

Um corpo afirmativo. Um corpo-bicha. Corpo-professor. Eu o sentir rasgando-me a mil pedaços, ou mesmo fui engolido por suas palavras movediças. Sua voz vibrou sobre o meu corpo, um barraco se formou, o corpo pesquisador estava vazando naquele instante, buscava encontrar-se consigo mesmo, manifestar seu desejo em meio aos ecos sentidos. A condução de uma escrita de si também se faz pelos ecos que outros corpos são capazes de manifestar na colisão que as palavras causam ao afirmarem como linhas que se localizam dentro da diferença, que faz com o que o corpo varie entre seus fluxos, nascendo outros.

Nascer de outras maneiras, por outros sentidos, brotar como água em seu leite nascente, rompendo a terra, abrindo as camadas do corpo. Para Jésio Zamboni (2016) a bicha é por ela mesma nascimento.

Passando a existir como uma flecha que, após lançada e atingir certo local, pode ser relançada quantas vezes forem possíveis. Por isso, a bicha se espalha por tudo que é canto, ou antes, se faz canto pelo seu toque. Já nem se sabe o ponto de onde partiu, nem interessa, pois os rumos que percorre assinalam que ela só existe sendo lançada. Mesmo quando atinge um fim, ela se torna meio, via, ponto onde incide e se desenrola (ZAMBONI, 2016, p.14).

Ao tomarmos os ecos, as fissuras e as linhas, compomos processos criativos que pintam uma vivência bicha por seus desvios, riscada de memórias com suas cores escorregadias, colagem de vida, desalinhando as linhas na quebra das agulhas. Criam-se as páginas, delineiam suas estruturas para que o pensamento escorra, inventando-se entre linhas e descobertas.



Incorporação líquida/Arte: Nadson Silva.

Extensões de cores envolvem o corpo em seu processo criativo, pintam-se de muitas formas, se escrevendo nas quebras das agulhas sociais, retirando os fios, rasgando as páginas que o compõe.

Cola os recortes de corpo. Palavras de desordem. Sussurra ou grita o nome da bicha, viado, fresco, baitola, boiola. Olhares e gestos escondem no silêncio o corpo falho, desviante, estanho, extensão da diferença. Ouvir de Le Breton (2003) que o corpo não é mais apenas a determinação de uma identidade intangível,

mas uma construção, uma instância de conexão, um objeto transitório. O indivíduo descobre, por meio de seu corpo, uma forma possível de transcendência pessoal e de contato. O corpo deixa de ser uma máquina inerte e torna-se um *ater ego* de onde emanam sensações, torna-se o local geométrico da reconquista de si, território a ser explorado à espera de sensações inéditas a experimentar (LE BRETON, 2003, p.28).

Assim, a bicha como um corpo que transborda tona-se um *ater ego*, emanando sensações, cavando o seu lugar no mundo. Como um corpo movediço que engole a densidade, ela é incabível nas armaduras que a priori foi forjada para conter seus transbordamentos,

movimentos, face e voz. Ela se faz em sua liquidez e escapa, como água deslizando sobre as formas duras causando encontros, avançando para outros corpos, incorporando.

Logo, ela faz suas linhas marcada por suas inúmeras maneiras de existir, escondendo-se dentro de uma aparência calma, conseqüentemente frágil, refúgio dos olhares intenso do julgamento social, das costuras corporais. Rasga-se em pedaços o meu corpo magro de menino bicha, afeminado, amazônico com seus gestos e palavras inquietantes, que não compreendia as nomeações unitárias do corpo. Desejava ser páginas em branco, sem cor, sem escrita, ou não existir era o apogeu de muitas das minhas linhas de fuga. Buscava os pontos vazios, ambiente sem olhos, sem gargalhadas. Tornar-se invisível, inexistente, uma saída em seu estado de conflito.

Páginas riscada. Vozes cortantes...

“Fala como um homem” ...

“Tá batendo um fresco dessa janela” ...

“Fica dançando assim, parece uma bichinha” ...

“Já tem alguma namoradinha?”

“Para de andar desse jeito”

“Viado só presta pra dar o cú”

“Tu andas com esse tipo de gente?” ...

“Esses viados tem que apanhar pra aprender a ser homem”

“Já beijou uma menina? Não sabe o que tá perdendo...”

“Agora deu pra falar igual um viadinho... tu é viado é?....

“Tem que estudar. Acha que viado se dar bem na vida?”

“Agora tu vai ser o que com esse cabelo? Uma mulher?” ...

“Já deixou o cabelo crescer, depois vai tá de peito”

“Corta esse cabelo igual de rapaizinho”

Viado

Viado

Viado

Viado

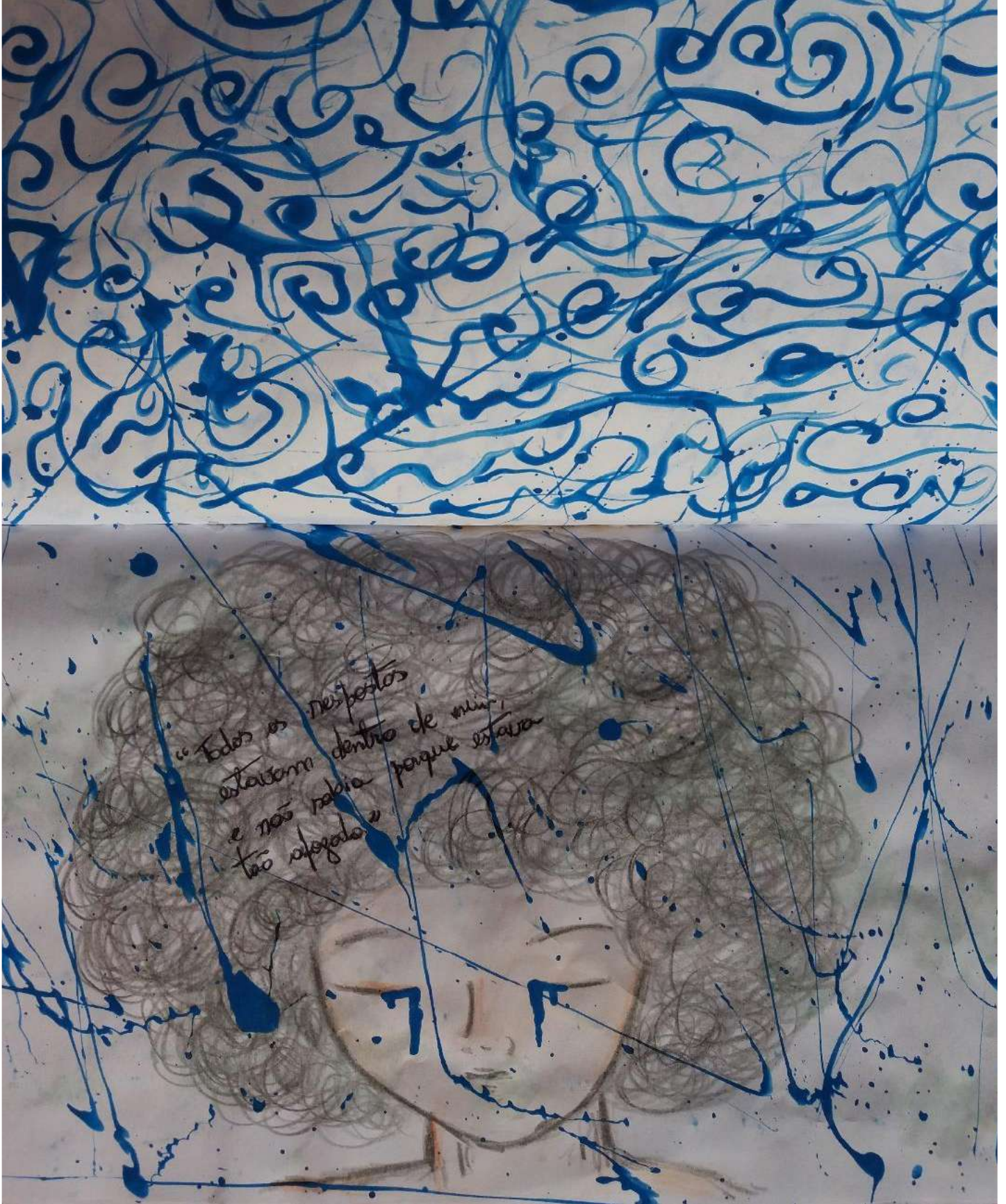
Bichinha

Viado

Viado

Viado

(...)



Transbordar (...)/Arte: Nadson Silva

Vozes soltas como armadilhas em dias de batalha. Guerra travada no abismo do corpo desviante, inquietante, desconecto. Corpo externo de uma face calma e tranquila, entrelaçado a outro interno, íntimo, profundo onde o mar se agita com as tempestades.

Encarna-se um sujeito, inventa as entradas, cria suas próprias linhas de fuga, formas sem nexos. Delineia o devaneio, deixa o corpo falar, gritos em páginas. Pinta o rosto, esboça o corpo, descreve a voz. O cabelo se arma, parece se soltar, como asas de borboletas jogadas ao vento, que não esboçam uma direção, só querem ir, no desejo de metamorfosear para renascer por outros contornos, outros instantes de vida.

Dissolve as normas, rompe as vozes, os olhares, os julgamentos. O corpo em seu processo de variação emerge dos rabiscos e das cores nutrida da memória, e que já não ocupa apenas um espaço ou constitui uma unidade orgânica ou inorgânica, agora ele é poesia em papel, balanço de desejos, misturas de elementos, se faz em linhas, traços e gradações, torna-se fonte de invenção, é ele sua própria (re)criação.

Assim, escrever sobre as marcas desse corpo em constatare desvio é atingir pontos de rupturas, quebrar as estruturas, desarma-lo das costuras sociais, daquilo que foi colado para defini-lo, desabilitar os lugares confeccionados para tece-lo de forma a ajustá-lo, corrigi-lo. Escrever sobre o corpo é questionar o seu lugar e por quais mecanismos de força estão se consumido determinados corporificações.

Questionar o corpo como um ponto de interrogação, esvaziá-lo, decompor sua matéria dura, recortar suas representações corporificadas é um ato de guerra, uma batalha em campo onde as armadilhas estão postas em combate. A busca de reconhecer o corpo por sua diferença, seus movimentos e atravessamentos faz com que o pensamento corra, permitindo essa escrita tomar os recintos da diferença para conduzir outras possibilidades de escrever e ditar sobre o que pode vir a ser um corpo. Trata-se das inquietações pelo qual atravessa o corpo, como um incômodo que o faz mover-se, deslocando o corpo do seu lugar fixo, do conforto das imagens.

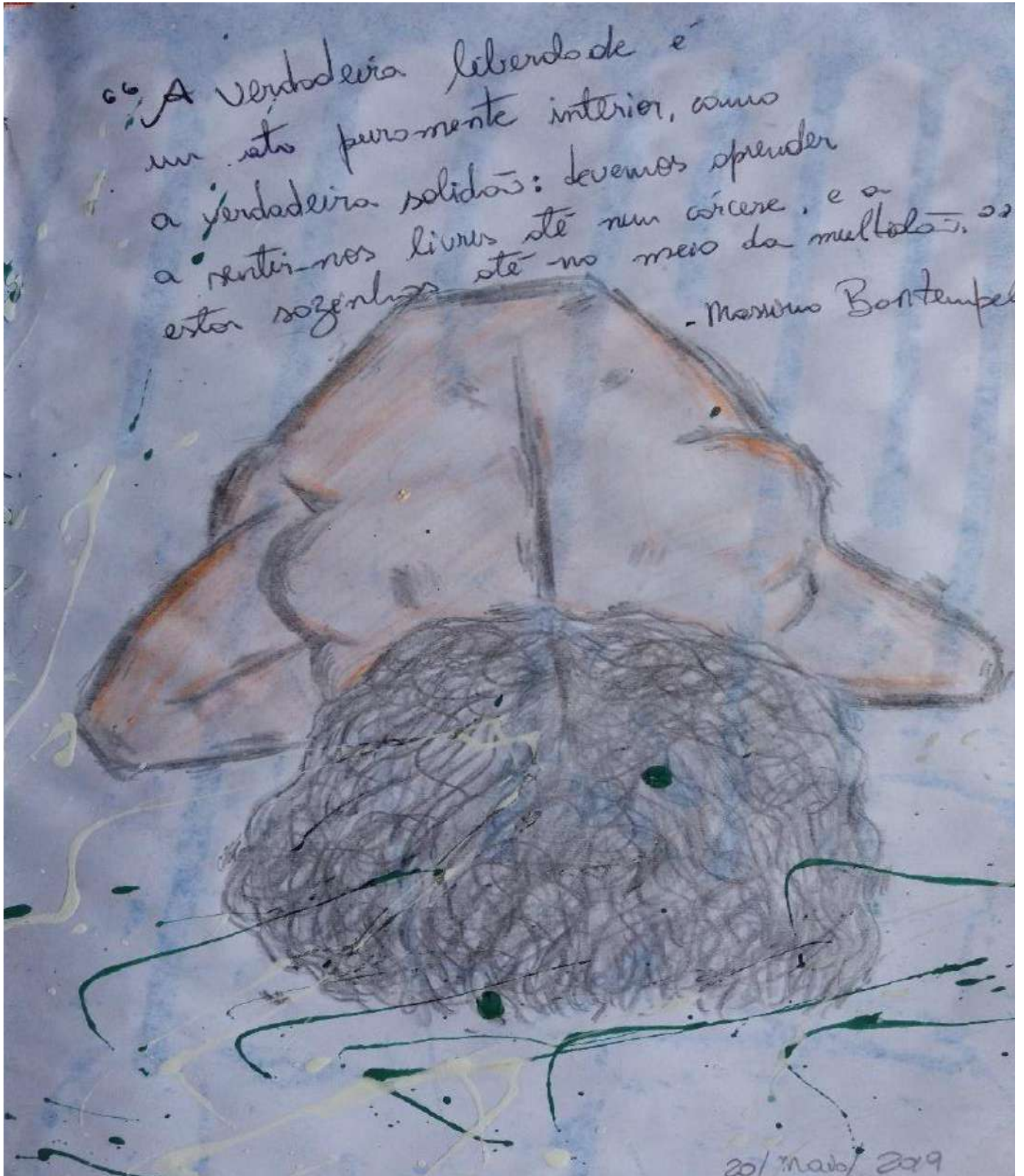
EXPERIMENTAR O CORPO...

Trata-se de um pensamento que não transforma a força em acúmulo, mas em diferença e intensidade. Isso tudo implica, naturalmente, inventar uma nova relação entre corpo e linguagem, entre a subjetividade e a exterioridade, entre os devires e o social, entre o humano e o inumano, entre a percepção e o invisível, entre o desejo e o pensar (PELBART, 1993).

Quebrar as agulhas, é cortar as palavras. Assim se experimenta a escrita por seus pontos descontínuos. O corpo lançado no tempo, na escrita, nas águas, desliza pelas correntes potentes de rio, deságua e arrependa o corpo, desmontando a carne, transbordando as formas, vazando.



É preciso causar as vibrações, trincar, criar fissuras, desarmar amarrações. Quebrar as agulhas sociais com a própria carne, rasgar o verbo, infiltrar pelos desejos. Agulhas quebradas, fios sem destino. Tremem os seus contornos.



(Re)corte de corpo/ Arte: Nadson Silva

O corpo já não aparece como frágil resquício do passado, moldado no silêncio para melhor se enquadrar nas molduras descritas a princípio. No instante em que traço cores e linhas meu corpo emerge das águas profundas de rio, sendo arrastado pelos fluxos das correntes líquidas, colidindo com outras águas, buscando nos recortes passagens para se compor após a tempestade, navegar em si, por seu corpo líquido, de uma existência bicha.

Passando por esse processo de afirmação o corpo torna-se em camadas, rabiscada sobre tons diversos, traços de uma vida borrada nas linhas de fuga, rasgando as páginas organizadas. Abre-se as passagens, permite-se, rompe as extensões das linhas que o transpassam. (Re)corta, cola e desloca o corpo. Experimenta-se.



Decomposição/Arte: Nadson Silva

Assim, podemos pintar as nossas próprias invenções, gerir a nós mesmos como gerem outros elementos do qual o corpo se diferencia. Gerir em cores, em papel, em escrita. Vazar a escrita, variar traçar múltiplas linhas, decompor, experimenta-la, devorar. Gerir a escrita, nutrir-se pelo cordão umbilical das palavras, metamorfosear em cores. Deformar a forma, variar.

A CIÊNCIA ESCREVE SOBRE O CORPO ...

... alinhando marcas de seus efeitos numa decorrência de veracidade inscrita, colada e estruturada sobre suas descobertas e encontros científicos. Pela ciência escrevem-se os sentidos, alinham-se os fios, pontuam-se as cores, codificam-se as texturas, perfura a experiência, cola as figuras.

A ciência é um conhecimento que se constitui pelas descobertas, mas também em seu universo amplo aparece como um código a ser interpretado no pensamento. A ciência escreve, desenha, formula e experimenta sobre o estado sólido da matéria, ela se firma e afirma, conduz um status fixo das verdades. É uma causa, que gera infinitas perguntas e que conseqüentemente obterá respostas únicas. Ela corre por linhas linear, ela não esbarra. A ciência é um respiro no mundo, ela gesta e vive das descobertas, dos encontros que afloram o pensar e o agir. Ela busca decifrar e codificar as incertezas. A ciência nomeia, classifica, é uma máquina em movimento.

A ciência como processos de ensino introduz o conhecimento organizado nascendo sob muitas ciências que estudam o mundo em fragmentos compactados, indo desde a ciências humana, biológica, social, tecnológica, naturais, até o universo das galáxias, do corpo e dos versos. No processo dos conhecimentos universais a ciência proporciona uma imagem exata daquilo que se entende sobre mundo e suas conexões. Ela é um passado, presente e futuro, é uma invenção que leva ao conhecimento e ao desconhecido. Ela é um começo, meio e possivelmente determina um fim, nas descobertas dos fatos. Ela assemelha-se a uma guerra, um campo de batalha minado de disputas.

A ciência é procedente das fórmulas. Em boa parte do tempo ela segue uma descrição para localizar e descrever lugares, temperaturas, forças, movimentos, o tempo, a natureza e conseqüentemente os corpos.

A ciência alinhada à biologia como conhecimento que estuda a vida em sua extensão macro e microscópica se localiza pelas interpretações, modos de ensino e experiência de mundo. A ciência escreve e interpreta o que pode vir a ser um corpo como uma fórmula escrita a priori. Há um mapa-destino desdenhado para os corpos e seus sexos que são consumidos pelas classificações biológicas: órgão genitais, cromossomos sexuais e hormônios com os quais se nascem, fixando-os em imagens organizadas e consumidas. Uma organização da carne, dos movimentos e do lugar onde se insere. O corpo por essas interpretações foi ordenado, regrado, e destinado para compor princípios sistematizados, ligado ao seu gênero, ao seu sexo e sexualidade, definindo e moldando o corpo-sexo em homens, mulheres e outros que foram riscados pela diferença ou por não caberem nos escritos científicos.

O corpo que é uma das composições das ciências biológicas percorre caminhos materializado, sólidos, regido e pontuado por meio das formas, formulas e fôrmas. Corpos unificados, nomeados, preenchidos e que são registrados no sistema.

O corpo como território das interpretações cava caminhos para desviar das marcas estruturas que cobrem o corpo da imagem-homem como figura central das movimentações do mundo, imagem essa que conseqüentemente risca outros corpos que não desejam nomear-se dentro do terreno sólido da imagem social como centro das representações.

No entanto, podemos discorrer sobre outras linhas possíveis que os constituem pelas linhas-natureza;

Linha-biológicas;

Linhas-culturais;

Linhas-sociais;

Linhas-humanas;

Linhas-sexos;

Linhas-binarias;

Linhas-órgãos;

Linhas-cromossômicas;

Linhas-células;

Alinhamentos da carne.

Iniciação do verbo.

Reproduzir.

Nomear.

Destinar.

Conduzir.

Formular.

Classificar.

Ordenar.

Significar.

Corpo-biológico.

Um corpo moldado.

Enrijecido.

De face única.

O homem [Unidade humana]

Cri(ação) da ciência.

(Cria)ção de Deus.
 Criação do mundo.
 Dominação da vida.
 Erétil.
 De poucos sorrisos.
 Autoritários.
 Filhos do sagrado, vagantes no jardim do Éden.
 Proliferação dos genes.
 Inundação da terra.
 Compilação da carne.
 Corpos não penetrados, de orifício único, de saídas eretas.
 Delicados?
 Gestos que rasgam a figura.
 Expulsão do paraíso.
 Excomunhão.
 Cores os definem. Amarração dos sexos.
 No jogo das cores, onde nos encontramos?
 Escrito.
 Descrito.
 Transcrito.
 Introduzir um lugar. Eis o verbo.
 Lugar do corpo.
 Lugar dos sexos.
 Lugar do homem.
 Lugar da mulher.
 Lugar dos desejos.
 Lugar da vivência.
 Existências. ...

O corpo tomou lugar das adaptações, apropriaram-se do clima, alimentando-se das suas mudanças, andaram pelo movimento da terra. Por eles, corpos andantes definiram as lutas, as guerras, as batalhas. Ganharam, governaram, perderam, sofreram, ou se dizimaram. Definiram as regras, dominaram o conhecimento, propuseram os caminhos a serem percorridos, descobriram o sentido do fogo, se aquecerem, se apropriaram de seus elementos e força. Na

luta pela sobrevivência conquistaram os espaços não habitáveis, aproximaram-se da natureza e de sua cientificidade. Descobriram as fórmulas, os experimentos, evoluíram como espécie.

Na sua evolução, revolução, o ser humano descreveu a sua ciência a partir dos seus achados e símbolos, consolidando formulas, classificações, normas e modos de compreender o mundo e seus códigos. Materializaram os saberes advindo dos ensinamentos científicos justificados e destinados às dominações e denominações, buscando no sujeito o lugar de significação e fixação desses conhecimentos em aberto.

Pelo olhar das definições e classificações colou-se em suas páginas o corpo e seus desejos, modos de vida e as sexualidades, os prazeres e as identidades, os gêneros e suas cores, o sexo e seus órgãos. Logo, o corpo humano é o primeiro lugar onde a sociedade sempre leu, encarando-o como uma espécie de escrita viva, onde as interpretações são locadas por dominação. Nesse sentido Louro (2000b) aponta que o corpo é esse "dado" ao nascer;

ele é um legado que carrega "naturalmente" certas características, que traz uma determinada forma, que possui algumas "marcas" distintivas. Nessa perspectiva, o corpo não somente "dado", mas também produzido, cultural e discursivamente, e, nesse processo, ele adquire outras "marcas", tornando-se distinto (LOURO, 2000b, p.61).

Assim, as formas de intervir nos corpos ou de reconhecer a intervenção irão variar conforme a perspectiva assumida. Por tanto, instala-se ao corpo uma máquina modeladora que reproduz determinados padrões erguida no alicerce de muitas vozes, lugares e pontuações. Uma imagem idealizada sobre o corpo é articulada para fixá-lo num molde, numa página ou numa escrita que obtenha formas.

Observar os corpos, avaliar, medir, classificar, pontuar, dar-lhes uma ordem; corrigi-los sempre que necessário, moldá-los às convenções sociais. Fazer tudo isso de forma a que se tornem aptos, produtivos e ajustados - cada qual ao seu destino, um trabalho incessante, onde se reconhecem - ou se produzem - divisões e distinções (LOURO, 2000, p.61).

Um processo que, ao supor "marcas" corporais as faz existir, inscrevendo e instaurando diferenças. Uma ordem é dada a priori, cabendo ao corpo corresponder-lhe de imediato. Como um agenciamento das práticas sociais, as marcas causam efeitos latentes e significados cortantes que penetram lentamente no interior dos corpos e mentes rasgando a carne, assinando lugares, vigiando as atitudes, moldando os comportamentos, corrigindo as falhas, definindo a sexualidade, ajustando o sexo, delineando o corpo.

Nos limites desses termos, “o corpo aparece como um meio sobre o qual se inscrevem significados, ou então como instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado por si mesma” (BUTLER, 2003, p.27).

Esses significados acabam por demarcar o corpo como espaço privado, de propriedade alheia, onde as agulhas são lentamente mergulhadas sobre as camadas da pele, costurando formas únicas de compreender a si. Uma penetração cortante datada sobre a ordem retilíneas que determinam espaços e modos de ocupar. Agulhas afiadas que alcançam o vazio do corpo, adentram suas estruturas e traçam as amarrações fazendo perfurações que pontuam modos determinado pelo sexo biológico, gênero e sexualidade.

Para Foucault (1988) podemos chamar de “ciclo da interdição”, onde a ordem oprime o sexo (...) não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não faça, em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Assim, faz-se funcionar uma lei de proibição.

Efeitos do poder que funciona por uma mecânica que se constroem em pontos específicos, traçando afirmações ao definir as estruturas cabíveis do que sente o corpo, como marcas estabelecidas que perpetua a ideia das normalizações, criando selos que definem e identificam o corpo no jogo de dois do campo binário.

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é norma, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (na casa por exemplo, cuja as paredes estão todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *hábitos* dos agentes, funcionando como sistema de esquema de percepção, de pensamento e de ação (BORDIEU, 2010, p.17).

Logo, a “ordem das coisas” parece estar vinculada aos dispositivos que induzem e anexam o controle do corpo, determinando suas estruturas ao torna-lo cabível as classificações que a ciências biológicas demarcou como espaço que situa o ser homem e o ser mulher, fixando seus corpos em imagens coladas sobre as páginas que trazem o conhecimento como ponto de partida.

Para essas organizações que a biologia traz, um código está sempre se instalando para determinar os atrelamentos descritos nos hormônios da reprodução e nos órgãos que comportam partes estruturadas do corpo. Essas estruturas acabam por delinear definições e limites, fazendo viver formas de expressões sólidas e heterogênea.

Nessa perspectiva segundo Louro (2000a) nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza.

Através de processos culturais, definimos o que é - ou não - natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas de expressar os desejos e prazeres - também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas (LOURO, 2000a, p.09).

As codificações marcadas no corpo arrastam os sentidos que levam o corpo as amarrações do gênero, do sexo e da sexualidade, compostas e definidas por relações sociais e biológicas que compilam e estruturam o corpo em imagens corporificadas. Evidenciar os princípios dessas descrições a partir da sexualidade, da identidade e do gênero, como uma construção elaborada pelas ciências biológicas e pela sociedade como uma totalidade, é tomar partido dos efeitos e condutas que se constitui como verbo “padrão de normalidade”.

Nessa vicissitude há uma imagem de corpo que estar sendo constantemente construída e consumida. O corpo é nomeado, ele é um sexo a priori, um órgão genital, um símbolo (XY³), códigos específicos do campo biológico.

Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (...) O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outras ficam elípticos e outras são sistematicamente eliminados ou riscados (PRECIADO, 2014, p.26).

Sobre o corpo é atribuído um sexo, e um gênero que conseqüentemente resulta em uma identidade singular das amarrações biológicas e que vai além, se inscrevendo entre linhas sociais e culturais. A arquitetura do corpo é colada e a identidade é desenhada sobre a heterossexualidade, reproduzindo uma imagem homem e uma imagem mulher, vias das transposições binárias, sendo ela uma tecnologia fundada nos sexos.

As construções dessas imagens segundo Bordieu (2010, p.20), “constrói e introduz marcas corporais da realidade sexuada, que funcionam como depositário de princípio de visão e de divisão sexualizantes”. Essa percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo numa educação biológica. São essas imagens de apropriação do corpo que constroem e consomem diferenças entre os sexos biológicos, conformando-o aos princípios de uma visão unificada, enraizada na relação arbitrária de dominação dos corpos.

³ XY: geneticamente masculino. Segundo a medicina atual, um corpo é considerado geneticamente masculino se tem uma combinação cromossômica que possui pelo menos um cromossomo X e um cromossomo Y (PRECIADO, 2014, p.134).

Essas diferenças amarradas as categorias biológicas fornecem as distinções entre os sexos, ou seja, entre os corpos e seus movimentos, e especificamente sob a diferença anatômica dos órgãos, podendo ser vista como justificativa para “naturalizar” a diferença socialmente marcada a partir dos conceitos de gênero na identificação dos sujeitos.

Como é que alguém “se torna” de um gênero? Nos pergunta Judith Butler (2003), e continua (...) há algum ser humano que se torne de seu gênero em algum ponto do tempo? É justo supor que esse ser humano não tenha sido de seu gênero antes de “tornar-se” de seu gênero? Qual é o momento ou o mecanismo da construção do gênero? E talvez, mais pertinentemente, quando entra esse mecanismo no cenário cultural e transforma o sujeito humano num sujeito com características de gênero? Haverá humanos que não tenham um gênero desde sempre?

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. O gênero está sempre presente, delimitando previamente o que se qualifica como humano (BUTLER, 2003, p.162).

A relação sexo/gênero rasga as nomenclaturas do biológico e se consome tanto numa construção sociocultural, quanto semiótica, um sistema de representação que atribui significado (LAURETE, 1994). Mas o corpo é em si mesmo uma construção, e o sexo é uma interpretação política e cultural do corpo, não existe a distinção sexo/gênero em linhas convencionais, o gênero é embutido no sexo, e o sexo mostra ter sido interpretado desde o princípio.

Como um tipo de ação o corpo pode potencialmente proliferar-se além dos limites binários impostos pelo aspecto divisíveis do sexo. Assim como o corpo, o gênero é algo que a pessoa se torna, mas nunca pode ser, então o próprio gênero é uma espécie de devir (BUTLER, 2003). Assim há maneiras de interpretar culturalmente o corpo, que não são de forma limitados pela aparente dualidade do sexo, mas por suas transversalidades e passagens.

Desalinhar esses processos subjacentes do que nos tornaram como corpo-sexo, corpo-gênero, corpo-identidade no sentido que oculta os vícios dos desejos e prazeres, é liberar-nos das amarras que nos define desde a criação do corpo como mecanismo de leitura do sujeito consumida na imagem (homem/macho/masculino), das configurações sociais do corpo, sociedade, identidade.

Devemos estranhar esse corpo fundado nas ciências biológicas, que corporifica uma imagem ideal a ser seguida e consumida pela identidade fora das páginas que a biologia naturalizou como verdade das representações universais.

Estranhar o corpo é também repensar seus limites, onde é possível problematizar muito mais do que compreendemos no consentimento compacto das ciências, do qual não se estabelece somente como um montante de células, órgãos e vasos sanguíneos, mas vê-lo enquanto identidade, como invenção, e que constantemente fala, questiona, oscila e passa a existir (SILVA e VALENÇA, 2016).

Nesse sentido, compreendemos que somos compostos de linhas bastante diversas no que nos diz Deleuze e Parnet (1988), e já não sabemos, necessariamente, sobre qual linha de nós mesmos estamos, nem onde fazer passar a linha que estamos traçando, em suma, há toda uma geografia, com linhas de fuga, linhas flexíveis.

O corpo afirma outras maneiras de se esquivar, curvar à “normalidade” dirigida a reprodução sistemática da ordem, desmonta entre linhas do sexo, linhas de gênero, para constituir linhas desejantes. Não existem pessoas face a face, identificáveis por seu sexo, mas sempre “a agitação de partículas singulares” (SCHERER, 2016, p.149).

Portanto a construção do gênero, também se faz por meio de sua desconstrução,

daquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/ quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação. O próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino* tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2003, p.25).

Por essa tecitura o corpo tona-se um lugar em que convergem sistemas abertos, então todo tipo de permeabilidade, infiltração, constitui os deslizos por entre as marcas que define o gênero\sexo. O corpo se distribui na medida em que explode o “aparelho binário”, destrói as certezas de identificação, embaralha e se dispersa incidindo direções.

Fala-se de um sexo vazado, de um corpo fissurado, que pelo desejo de tornar-se desconfigura as nomeações construídas sobre uma dada heterossexualidade do corpo. É o corpo fora das páginas que infiltra o biológico, molhando suas bases com desejo de rasgar o jogo social dos corpos estruturados na linha que compõe as pontuações sociais. Essa explosão do binário não significa determinar uma solução, mas um vazamento que permite a escolha do masculino e do feminino e sua dispersão por outras fissuras que o corpo é capaz fazer (SCHERER, 2016).

Verbalizar esses termos é deixar vazar o corpo social e biológico no desejo de alcançar outras formas de compreender suas multiplicidades. A homossexualidade decorrente desses deslizos que escorrem e abrem o corpo deslocando o gênero, decompondo a subjetividade. Não se trata mais das definições homem ou mulher, mas de inventar o sexo (DELEUZE, 2004). A

homossexualidade vai se abrir a todas as espécies de novas relações, micrológicas ou micropsíquicas, essencialmente reversíveis, transversais por seus agenciamentos.

A maquinação homossexual de Felix Guattari (1985), longe de depender de uma identificação ao progenitor do mesmo sexo, rompe com toda forma de adequação possível a um polo parental que possa ser apontado. Longe de se resolver em fixação no semelhante, ela e abertura a diferença.

Traçar linhas para decompor o corpo e sua (homo)sexualidade é permitir vaziar os jogos sociais das vias binárias, inventar modos de experimentar ao rasurar a homogeneidade, rasgando as imagens confortáveis que constantemente é criada sobre e para o corpo.

O homossexual torna-se um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular (FOUCAULT, 1988, p.42).

A homossexualidade é uma incorporação da desordem e não aparece como sexo uno, impenetrável das hierarquias patriarcais, o que o torna potente para as aberturas, reinscrevendo efetivamente nas fronteiras do corpo uma harmonia com suas novas linhas desejanter.

O corpo pelo desejo da carne risca a classificação *ho.mem*⁴, diluindo as classificações, desviando o pensamento no vazamento das nomenclaturas biológicas deixando versar sobre um corpo emparelhado dos processos descontínuos dos sexos, do gênero por seu desalinhamento, desconfigurando os verbos ordenados, rasgando as normas. Dado que aquilo que se invoca como "real masculino" e "real feminino" são construções do meio discursivo da ordem. Nisso falamos de uma contrassexualidade, e também de uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade.

A contrassexualidade que Beatriz Preciado (2014), define como uma tecnologia, e considera que

Os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados "homem", "mulher", "homossexual", "heterossexual", "transexual", bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de maquinas, produtos, instrumentas, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxas de energia e de informação,

⁴ Etimologia (origem da palavra *homem*). Do latim homo. inis. Substantivo masculino; pessoa do sexo masculino; espécie humana; humanidade: a evolução social do homem; esposo, marido, companheiro. A criatura humana sob o ponto de vista moral: todo homem é passível de aperfeiçoamento. **Ma. cho** **1.** Animal do sexo masculino. **2.** Homem (física e sexualmente). **3.** Valentão, fanfarrão, **4.** Dobras em duas dobras num pano, uma de cada lado. **5.** Peça da dobradiça, do colchete, etc., que encaixa na outra, a fêmea. AURELIO, O minidicionário da língua Portuguesa. 4º ed. Rev. Ampliada do minidicionário Aurélio, Rio de Janeiro, 2002.

interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatas, acidentes, detritos, mecanismos, usos e desvios (PRECIADO, 2014, p.22).

Assim, os corpos reconhecem a imagem de si não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes que reconhecem os outros corpos como pontos existentes. Reconhecem em si mesmos as possibilidades de aceder a todas as práticas significantes e significadas, com todas as posições de enunciação enquanto sujeitos que no decorrer do tempo nomeou e codificou como masculino, feminino ou desviantes.

Por esse desmonte no pensamento o corpo como matéria pode sempre romper com a casa-armadura, atravessar as janelas, desnaturalizar o espaço das paredes que o cercam, deixar de ser um habitante da casa para ir além. Como nos coloca (LEITE, 2016, p.156), que o sistema “sexo-gênero é uma espécie de território-casa dos corpos, e que deslocar seu ponto de apoio significa transformar as funções orgânicas, estabelecer novos parâmetros sensíveis que incidem, sobretudo, nas sexualidades”.

Então precisamos reinventar nosso próprio corpo. Um corpo que não esteja moldado por funções, mas por intensidades. Um corpo que dê passagem aos fluxos vitais, um corpo sem suas organizações pré-definidas a priori. Se no Anti-Èdipo Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), tomam o conceito de Corpo sem Órgão como uma Ontologia, um plano de imanência, a partir de Mil-Platôs, o CsO é apresentado como uma possibilidade Ética, criação de um corpo sem órgão para si. Isso nos leva a buscar aberturas para criar um corpo e suas possibilidades dentro do espaço onde o corpo se cria, colidindo com o fora para recriar saídas.

Entendemos que como seres vivos estamos numa formação social, o que não passa de uma organização estratificada para nós, em nós, no lugar onde estamos criando fronteiras, indo dos estratos aos agenciamentos mais profundos em que estamos envolvidos, fazendo com que o agenciamento oscile delicadamente, fazendo-o passar do lado do plano de consistência. É somente aí que o “CsO se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.22).

Tudo isso é manifestar para si um corpo sem órgão, e a bicha se faz desses atravessamentos. Tornar-se um entre-lugar, um agenciamento de elementos, homens, animais, vegetais, rios, linhas, extratos e moléculas. O CsO se manifesta por tudo isso, torna-se um plano, um coletivo, agenciamentos, vibrações. Nos tornamos essa potência fragmentada porque não existe "meu" corpo sem órgãos, mas "eu" sobre ele (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

E o que resta do “eu”? Uma pergunta estreita e cambiante de imutáveis limiares. Não se trata aqui de entender o corpo esfacelado, despedaçado ou de corpos sem órgão. O que existe, é uma intensidade no interior de uma multiplicidade, num agenciamento de conexões que

operam sobre o corpo. Sendo assim, é impossível criar para si um Corpo sem Órgãos, se não vivendo-o. É ele mesmo uma zona aberta de experimentação que acontece no lugar onde as veias tomam pulsações para reviver os limites que os cerca.

São por entre zonas em aberto que o corpo faz linhas (SANTOS, 2016), e ao fazê-lo varia, podendo ser atravessado pela pura diferença, desarranjando os códigos por linhas molares criando zonas de indiscernibilidade. Logo, o corpo deixa de ser produto da ordem e torna-se intensivo de si mesmo, onde as aberturas passam a fluir e a afetar não um órgão, mas um conjunto deles, criando suas multiplicidades.

O traçado de uma linha corre sempre pelo meio, pela espinha dorsal do corpo, tremendo seus contornos, e cada vez que isto acontece, experimentam-se novos fluxos, criando outras imagens de corpo e existência, no sentir, pensar, agir e gerir o que venha encarnar estes estados de tornamos outros, inédito que se fez em nós (ROLNIK, 1993). Por essas vibrações o corpo repleto de multiplicidades exprime ressonâncias e cavam caminhos, se desdobram e nele se perdem num labirinto onde o próprio corpo são passagens em aberto para encontrar possíveis saídas.

Por tanto, alcançar um estado pelo qual o corpo não ocupa uma identificação fixa, compondo-se de novas estruturas significa potencializar as dobras das formas, pensando extrair novos mecanismo que compreende o corpo como uma existência do meio onde vive e transita. Descolar o corpo para torna-lo fuga de escrita, significa traçar caminhos para tê-lo como atravessamento dos campos minados de forças que permite o surgimento para pensar outras formas de existência.

HÁ UM CORPO QUE RISCA À DOCÊNCIA,

... borrando os papéis e manchando as paredes com sua imagem desviante. O mesmo corpo que passa a existir como pontos moventes no mundo, como uma manifestação, uma revolução, um lugar, uma ação, um campo de batalha (NEGRINI, 2017).

O corpo aparece entrelaçado nas intensidades das linhas, que se lançam para inúmeras direções alcançando outros lugares que são das (re)criações, das conexões. O corpo é uma colisão, lugar dos encontros, de força e mistérios. Ele é uma entrada e, simultaneamente uma saída, composto por seus desejos. Ele é um rabisco, um risco, um riso, misturas de cores e texturas. O corpo é essa potência que vibra, rompe a armadura rígida da pele abrindo as fissuras. É habitado por linhas metamórficas, infiltração que molha, encharca e vaza. É um constante desvio, um fora do lugar. O corpo é um estranhamento dessa marginalidade cambiante que incomoda, se perde, encontra-se, confunde a ordem.

Em Zaratustra, Nietzsche (2002, p.47) evidência “o corpo como uma razão em ponto grande, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.” O que quer dizer de Espinosa quando nos convida a tomar o corpo como modelo?

Trata-se de mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que temos sobre ele, e que o pensamento nem por isso deixa de superar a consciência que dele se tem. É, pois, por um único e mesmo movimento que chegaremos, se for possível, captar a potência do corpo para além das condições dadas do nosso conhecimento, e para além das condições dadas da nossa consciência (LINS, 2002, p.68).

Criar novas saídas é ultrapassar esse conhecimento que temos sobre o corpo, compreendendo-o como esse inacabável vir-a-ser, um torna-se pelos intervalos do tempo, um entre e um meio movido por forças, referindo-se não à atividade do corpo ou ao limite do mesmo, mas à sua potência, pelas ações ao qual produz efeitos, vibrações.

“Nosso corpo não termina na pele” como colocou (ROSE, 2001, p.144). Ele é muito menos unificado, muito menos “material” do que costumamos pensar. É possível, pois, que não exista essa coisa de “o corpo” como um envelope limitado que pode ser revelado para conter no seu interior uma profundidade e um conjunto de operações que funcionem à maneira de uma lei (ROSE, 2001).

O corpo pode assim liberar as linhas pelos fluxos, se (re)organizando em oposição as fixações que as disciplinaridades produzem para capturar, rotular, estratificar e ordenar. O corpo como desejo-potência adentra e infiltra os lugares, entre eles o lugar da docência, lugar da reprodução das identidades, lugares fixos das nomenclaturas biológicas, sociais e culturais.

Na docência o corpo aparece, se mostra, como uma imagem que subtrai o espaço da escola e atravessa os campos minados da educação vias dos desejos.

Assim, pensar “o desejo como potência é não obter uma forma, mas processos, é atingir os movimentos, traçar linhas de fuga em toda a sua positividade, ultrapassar um limiar, atingir um *continuum* de intensidade que não valem mais do que por elas mesmas” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.20). É encontrar um mundo de intensidade pura, onde todas as formas se desfazem, todas as significações em proveito de uma matéria não formada, desterritorializada de signos.

O corpo a partir de qualquer categoria nos faz pensá-lo como jogo de conexões tomando o corpo como uma substância, fazendo-o percorrer e ser percorrido pelas forças que estão em jogo ao redor deste, compondo-o e decompondo-o (ALBUQUERQUE, 2002).

Por tanto, o corpo (de)composto de si, estilhaça um vir a ser, de forças que se fazem no balanço como água que se esvazia no encontro das marés dançantes, escoando à docência por seus vazamentos que escapam por entre aberturas deslizantes formando outros pontos líquidos, cambiantes das imagens de si, deslizando entre as fissuras já causada pela presença.

Adentrando ao olhar da docência podemos nos perguntar, quais corpos estão sendo consumido nas aulas de ciências? Quais as travessias que a diferença erguida sobre o corpo aciona na educação?

Com esses pontos de interrogação, alcançamos o corpo como lugar de conexões vazadas, de encontros, afetos, e (re)significação. Lugar esse que se faz no entre, pelas linhas do meio, entre o corpo e docência, corpo-bicha e ensino, ciência e experimentação de si. Decorrendo desses atrelamentos uma po(e)tica do corpo, ou seja, uma forma de pensar à docência e seus afetos, deslocando as imagens, movendo suas possíveis transformações, seus vazamentos.

Por essa poética do corpo deseja-se encontrar, buscar as saídas no reconhecimento de si. Como bem nos disse Foucault (2006, p.88), “para conhecer-se a si mesmo é preciso dobrar-se sobre si (...)”. Esse olhar que na potência dos feixes de si mesmo e do outro acionam o que Foucault verbalizou a propósito no cuidado de si, que não se refere simplesmente a esta espécie de conversão do olhar, a esta vigilância necessária sobre si, mas também a um movimento global da existência que é conduzida, e convidada de certo modo a dirigir-se ou voltar- se para si.

Podemos entrar na docência com esse reflexo do olhar, que cria suas feições e seus afetos vias das experimentações e aproximação das formas de existir no lugar da diferença, do

estranhamento, da significação e das invenções de si, passando por territórios do qual ocupam o corpo-professor e a educação.

O corpo em sala de aula é muito mais do que supomos que ele seja. Sua materialidade é marcada por divisões numa linha dupla das categorias sociais do que possa atravessar a docência pelo lócus da diferença. O corpo é uma conexão de territórios amazônicos e por esse espaço a educação toma o chão e os rios como mecanismo de força que impulsiona o ensino a partir da sua estrutura escolar. Por essas relações e conexões com o ensino o corpo-bicha emerge para ensinar ciências e colidir com o corpo dos alunos, com a coordenação e com os modos de ensino, sendo atingido pelo olhar que marca a diferença diante a outros professores que carregam a heterossexualidade como ponto de fixação de suas identificações e representações.

Mais para entendermos o processo pelo qual o corpo-bicha atravessa a educação no percurso escolar, compactuamos com os escritos de Zamboni (2016, p.13), que aciona “a bicha como à inteireza da unidade, na indefinição de uma impessoalidade.” Não se quer aqui demarcar o que seja a bicha, mas justamente romper com o verbo ser para afirmar os devires, as experimentações existenciais que deslocam e desalinham determinadas situações, possibilitando a invenção de outros meios de vivenciar as experiências educacionais.

Ao se tratar de um corpo que é atravessado por territórios tradicionais amazônico as marcações desse corpo são mais abertas e suas costuras mais profundas. Em comunidades tradicionais a bicha é olhada e jugada por seus movimentos, sendo um desconforto das imagens construídas sobre os rios amazônicos, da força bruta e da virilidade erétil. A bicha é confrontada a experimentar o mar como saída de sua viadagem, empurrada a vivenciar a masculinidade através da observação ao conviver com outras imagens apontada como ideal a serem absorvidas.

Dentro de comunidades tradicionais o corpo da bicha é aproximado da imagem feminina, das vestes e modos de se comportar, entendendo que nesse terreno movediço ao qual a bicha transita existe uma imagem-bicha já definitiva advinda de outros corpos bichas que ali se fundiram e se montaram com vestes e posturas femininas. Assim, corpos masculinos e femininos são alinhamentos que surge como aparato social da reprodução heterossexual, que opera por divisão e fragmentação dos corpos a priori pelo sistema biológico, e que identifica partes desses corpos-fragmentos como centros naturais e anatômicos na diferença sexual (PEREIRA, 2008).

Corpo esse que é medido com as características da qual a biologia e a cultura consolidaram. Quando nascem à primeira vista os órgãos genitais como uma organização pontua-se o gênero e a sexualidade dentro desse território com a mesma reprodução de que meninos são mais fortes e audaciosos e que meninas são naturalmente calmas e delicadas.

Quando se tem um corpo delicado e aparentemente dócil dentro do contexto amazônico destina delineá-lo como a “bichinha”, do qual retrata o diminutivo com a ideia pejorativa da diferença habitada sobre os modos de vir a ser. A bicha nesse lugar de apontamento é a que se afasta de modo integral de uma performance masculina esperada pelas convenções, por isso, perturba e provoca. Além dos traços femininos evidentes, destaca-se também por suas indumentárias, que não se configuram, mesmo no contexto gay, como próprias do gênero masculino (LADEIRA, 2017).

Dessa maneira aprende-se por uma linha retilínea a interpretar o que pode vir a ser uma bicha dentro desses recintos tradicionais de comunidades amazônicas. Afinal, qual o lugar da bicha dentro desses recintos e costumes tradicionais amazônicos?

Para a bicha não existe um lugar dado a priori como se fez com as mulheres e com os homens. Ela não cabe na pesca porque ela reproduz o corpo dócil e não se identifica com a domesticidade por não está propícia aos cuidados da casa ou até mesmo formar uma família. Ela foge das categorias binárias e das manifestações sociais das imagens fixas de uma identidade advinda das configurações densas consumida nas impressões subjetivas, moldando os lugares por onde passa. Ela ocupa uma categoria minoritária, em boa parte do tempo aparece solitária por não caber nesses pontos de alinhamentos, é chamada a sua anormalidade. Por esses impasses a bicha não se mistura porque precede dos processos heterogêneos. Ela rasga o verbo e escoar para vivenciar outras manifestações que o seu próprio corpo é capaz de conduzir.

Para Oliveira e Nascimento (2016), é possível elaborar relações de reconhecimento desses corpos amazônicos como fronteiras de identificação e diferenciação que levam a produzir lugares e sentidos ontológicos e sociais relativos ao que significa ser brasileiro, ribeirinho, homem, mulher, gay e bichas. Na economia do desejo e no processo de organização do espaço, esses territórios também assumem lugar e são interpeladas semanticamente na forma como a presença é avaliada.

Mais para acompanhar a bicha em suas variações não basta assinalar sua localidade (ZAMBONI, 2013, p.07) pois “ela é vertigem, cruzamento de territórios, estremecimento de fronteiras, linha transversal e radicalmente contingente, já que as atualizações de suas virtualidades sempre desenham paisagens diferenciadas.”

Por isso a Amazônia como lugar de descoberta e vivência emerge como território de escapamento, buscando as correntezas e poesias das águas para vazar entre velhas árvores caídas e assim romper o chão indo por outros encontros de si. O corpo em seu estado líquido não se fixa em substrato, assim também a bicha que a compõem se desloca e desvia-se dos padrões inseridos para aprisioná-la.

A bicha por essas linhas descontinuas se reinventa pelos rios, deslizando a carne para compor experiências na docência. Para a bicha de comunidade tradicional a escola e a educação emergem como linhas de fuga capazes de fazer vaziar esse corpo subjugado por linhas maleáveis. O corpo como ponto de desvio da bicha, adentra a escola molhando suas estruturas, infiltrando o chão por sua liquidez que se desloca pelas descobertas entre águas e correntezas, tornando-se um corpo que preenche a docência e a experiência do ensinar e aprender. Por tanto “a bicha é substantiva, mas sua matéria é móvel, mutante” (ZAMBONI, 2016, p.80).

A bicha aponta outras saídas no convívio de comunidade tradicional, ela desmonta as linhas que marcaram o corpo por suas nuances, diferenças, devaneios, descosturando as amarrações que aprisionam os movimentos. Já não é corporificada nessa cultura massiva que produz indivíduos dentro do teor normalizante, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão. O que aparece descrito sobre as marcas de uma singularidade que não cabe, que sobra, desliza, cambaleia, não se firma, aberto em sua liquidez, tomando a diluição das densidades sociais.

Assim, o corpo emerge na sala de aula por meio das experimentações, nas travessias de águas amazônicas, nascendo dos matos e do chão que demarca o espaço a ser consumido por outras imagens de si, despreendendo-se de suas organizações funcionais, sociais, biológicas e culturais. Como cria desse território inundado, meu corpo bicha diverge de outros por se aproximar da natureza como processo que se manifesta na reapropriação de uma identidade fora da heterossexualidade. Há uma unidade modelada aos conceitos que a biologia carrega em sua estrutura, há olhares e falas que penetram os corpos desviados que transitam comunidades tradicionais amazônicas localizado na sua diferença.

No entanto, torna-se um corpo pela bicha entre o lugar e os olhares que o atravessam é progredir no processo de resistência e afirmação da diferença por seu trajeto de construção. Por isso o corpo da bicha advém dos devires, logo não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura (DELEUZE; PARNET, 1998). A bicha dentro do cenário amazônico torna-se uma revolução na existência da carne, das ideias, passando pelas vias vibrantes da experimentação de si e do outro, das combinações que nos habitam.

A bicha é esse excesso do corpo, desvinculado do sistema, de movimentos cambaleante, movido das transformações, que no olhar da diferença aponta uma “anormalidade”. Em sua escrita “*Os Anormais*” o autor Michel Foucault (2001), menciona que o “anormal” é algo como um monstro pálido. O que essas nomeações tem em comum, é o que o autor diz fazer parte da genealogia da anomalia e do indivíduo anormal, o que poderíamos chamar de figura do "indivíduo a ser corrigido".

O indivíduo a ser corrigido vai aparecer nesse jogo, nesse conflito, nesse sistema de apoio que existe entre a família e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc. Esse contexto, portanto, é que é o campo de aparecimento do indivíduo a ser corrigido [...] O indivíduo a ser corrigido é um fenômeno corrente (FOUCAULT, 2001, p.72).

Por conseguinte, a partir daí vai se desenrolar toda uma série de equívocos que vamos encontrar na problemática do qual a sociedade determinou como “anormal.” O que Foucault chamou de primeiros equívocos por ele está no exato limite da indizibilidade. Dele, não se tem provas a dar e não se podem dar demonstrações, o que vai ser difícil defini-lo.

O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. E, no entanto, paradoxalmente, o incorrigível requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, as relações técnicas familiares, de educação e correção, é, uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção (FOUCAULT, 2001). Assim, a bicha como esse monstro empalidecido e cambiante com seu corpo desajustado escrito pelo verbo da diferença como o “anormal” das camadas lineares emerge como ponto incorrigível, que vai ser posto no centro dos atravessamentos e potencialidades incorporadas.

O corpo aqui diluí por sua multiplicidade justamente por não se fixar a uma estrutura regularizada, e por isso ocupa o lugar da diferença causando ecos, vibrações desejanter por uma docência sentida na hipoderme (sua camada mais profunda), e vivida na epiderme (sua camada superficial). O corpo sendo líquido encharca e rompe as densidades das paredes que comportam os lugares da educação. Lugar esse que cria e acomoda corpos e traços, capturando os movimentos, os sexos, os desejos e as singularidades.

O lugar da educação como nos referiu (ROSA, 2009), é esse ao qual ocupamos e do qual não saímos ilesos. A educação traduz suas marcas escrevendo o conhecimento e sendo travessia que move o pensamento para outros lugares em consequência de suas descobertas. Acreditamos que o espaço da docência parece configurar-se como um lugar onde se engendra uma política pedagógica.

Tal pedagogia sobe as concepções de Louro (2000a), é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura. Um processo de canalização do corpo e das identidades que são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, contidos, aprovados (ou não). Nessas localizações os corpos apresentam marcas visíveis desses processos, marcas que ao serem estimadas pela norma tornam-se referência para demarcar lugares, consumindo e produzindo modos de subjetivação.

Compreendemos que socialmente o corpo segundo Louro (2000a, p.09), é escrito pelas categorias do gênero feminino ou masculino investida no contexto de uma determinada cultura, e, portanto, com as marcas dessa cultura”. Também são socialmente estabelecidas e codificadas as possibilidades de expressar a sexualidade e suas conexões entre o corpo e a educação, identidade e desejos que aparecem descritas e compostas por relações de poder.

Relações com o qual Foucault (1988) enfatiza não se multiplicaram fora ou contra ele, porém se estabelecendo como meio para seu exercício, recriando em todo canto incitações a falar, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular onde decorre uma incitação e institucionalização ao discurso da sexualidade, prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou.

“As técnicas de disciplina são assujeitadoras porque criam não apenas corpos padronizados, mas também subjetividades controladas” (MISKOLCI, 2006, p.682). Assim, num processo de disciplinamento dos corpos, uma produção da heterossexualidade é tomada, evidenciando como prática de uma pedagogia da sexualidade linear que toma as inscrições de uma “verdade” sobre o corpo daquilo que os símbolos históricos e as páginas biológicas esquematizaram com suas cores, organização, reproduzidos ideias e armazenando princípios.

Sobre essas marcas ao qual foi exposto o corpo em disciplina, ainda é possível ouvir os ecos de uma docência que percorrem linhas almejavéis, horizontes alçáveis de territórios desconhecidos. Novos territórios que se alojam nos questionamentos e olhares dentro do lugar onde a educação toma partido. Como espaço de construção a educação pode desfrutar de uma linha menos densa permitindo transcender a outros lugares ao qual o corpo cava aberturas para um reconhecimento de si, processos que se dão no lugar de ensino, alunos e professor.

Como traduzir para educação e para os alunos esses novos corpos que são capazes de desmontar e potencializar outro mecanismo de força? No sentido de buscar as multiplicidades deslocando o corpo visto que na sua diferença escapa as linearidades estáveis das manifestações biológicas. Esses deslocamentos advêm dos cruzamentos que atravessam o pensamento pelas linhas das criações dos territórios do corpo que se faz fora e ao mesmo tempo dentro, ele é um meio pelo qual passam as forças, possibilitando viver outros mecanismos de aprendizagem e descobertas de si e do outro. Quanto as forças do corpo são reveladas ao outro que aparece como uma potência de troca, onde o reconhecimento da diferença se perpetua e rompe a casca dura que reveste o ensino, a educação e os modos de vir a ser.

Em uma educação completamente mapeada e territorializada por práticas e políticas pedagógicas, podemos questionar se há espaço para transgredir ao seu controle. Se ainda é possível transgredir a ordem dada para o entendimento do corpo.

Na modernidade institucional, abordar a transgressão é também descrever formas de resistência ao poder, pois, para Foucault, o corpo capturado e produzido nas redes de poder da sociedade disciplinar e na biopolítica é também ao mesmo tempo o corpo que resiste às manifestações do poder, já que “onde há poder há resistência” (CÉSAR, 2007, p.03).

Todavia, Foucault (2001) já nos mostrava as dificuldades de resistir ao poder, ao mesmo tempo em que ao descrever a sociedade disciplinar também demonstra aquilo que nós estávamos deixando de vir a ser.

Isso nos possibilita pensar que o corpo dentro da docência gesta uma determinada heterogeneidade ao contexto pedagógico. Por isso emerge como uma manifestação ou uma rebelião de si, que forjam e fundem-se numa incorporação corpo-espaco, lugar onde a docência acontece, berços onde são gestados e paridos corpos híbridas (ROSA, 2009).

Corpo e docência já tomam as linhas por seu processo de experimentação, sendo o mesmo inscrição e impulso das forças afetivas e vibratória, pulsante, atravessado em sua liquidez pelo desejo de alcançar a margem. Dilui-se assim a figura de uma dada masculinidade subjetivas das identidades consumidas.

Por essas diluições da carne e do pensamento, o sujeito parece esvaziar-se como diz Doel (2001).

Ele é um agenciamento que está continuamente estragando, vazando em todas as direções. Em toda a parte, trata-se de um acoplamento de fluxos assimétricos: desterritorialização e re-territorialização; codificação e sobrecodificação; desconstrução e re-construção; tantas articulações duplas e tantos movimentos de pinça que tornam (o lugar do) sujeito uma inescapável obra-em-andamento. Mas trata-se também de um local para uma infundável experimentação, complicação e invenção (DOEL, 2002, p.92).

Esse lugar ao qual se produz sujeitos não é, nunca, completa, ela é sempre uma obra em andamento. Daí o fato de que o sujeito como humano é sempre um corpo a chegar, pleno a chegar, um tornar-se. Não está pronto e acabado, ele perdura sem jamais fixar a matéria. É um contínuo rompimento de si mesmo, indispensável dos devires com suas entradas e saídas.

Por esses rompimentos, entendemos que somos compostos por linhas bem diversas: linhas de fuga, linhas contínuas, linhas que traçam e cruzam outras ao se conectarem e simultaneamente se desconectam em um processo perpetuo de vazamento e fluxos.

Há linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires que resistem à máquina binária, devir-mulher que não é nem homem nem mulher, devir-animal que não é nem bicho nem homem. Evoluções não paralelas que não procedem por diferenciação, mas saltam de uma linha a outra, entre seres totalmente heterogêneos; fissuras, rupturas imperceptíveis, que quebram as linhas

mesmo que elas retomem noutra parte, saltando por cima dos cortes significantes (DELEUZE; PARNET, 1998, p.35).

É preciso inventar as próprias linhas, traçar e não balançar. Linhas que escorrem, correm, invadem, e que envergam na curva das suas dobras, e ao curvar escapam. É o deslize do corpo nas irregularidades das linhas, declives constantes, uma obra em andamento, híbrido.

O corpo faz aberturas, e se mantém em maresia, movimentando a superfície no desejo de deslocar à docência do seu percurso linear, tornando-se no lugar onde as fissuras vazam, infiltrando a desobediência das palavras ditas, no deslizamento das margens para o dentro, lugar de si e dos outros.

Desse lugar mergulha a bicha delineando assim uma série de variações e perturbações pelas quais passam a (de)formar com sua imagem desviada, fissurando a educação com seu corpo deslocado. Rompendo com o lugar habitável das densas corporificações sociais a bicha traça seu território existencial pelas linhas de fuga porque essa existência tem chão, é situada, ainda que esse lugar não seja sedimento acumulado, propriedade demarcada, mas erosão, mutação contínua, atividade incessante de uma vida não-orgânica, não-organizada (ZAMBONI, 2013).

Por isso o corpo da bicha no transitar da docência, é essa potência criadora, que estar sempre a inventar-se, se (re)significando. Pensar numa docência movediça que abre os buracos para fluir a existência, criando córregos, preenchendo os espaços com seu corpo-líquido, escorrendo para novas direções no encontro de enchentes e vazantes.

Esse corpo diluído de si, causam tempestades contra construção de corpos ditos “normais” e “anormais”, subvertendo as normas da subjetivação. Buscar a identidade nas teorias queer para promover essa virada de força performativa dos discursos é justamente reapropriar das tecnologias sexopolítica de produção de corpos “anormais”.

A teoria queer apresenta um campo semântico provocante, composto por vocábulos como: re-conversão, deslocamento, reconfiguração, desnaturalização, subversão, performance, paródia. Muitas dessas expressões são tropos que indicam movimento e transformação, assinalando que algo muda após o ato performático de transformar um insulto numa forma orgulhosa de identificação (PEREIRA, 2008, p.500).

Historicamente, "*queer*" segundo a feminista Judith Butler (2000), foi empregado para se referir, de forma depreciativa as pessoas homossexuais. Sua utilização pelos ativistas dos movimentos homossexuais constitui uma tentativa de recuperação da palavra, revertendo sua conotação negativa original. Essa utilização renovada da palavra "*queer*" joga também com um de seus outros significados, o de "estranho" ou "bizarro", o que passa a ser (re)significado para

afirmar pessoas cujas subjetivações realizam, de uma maneira ou de outra, abalos nas estruturas normatizadoras de sujeito (SALIH, 2015).

A Teoria *queer* busca romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações, recebe um novo impulso que torna ainda mais adequado seu nome, afinal o termo *queer* mostra a presença do inconveniente e abjeto na constituição da sociedade, assim como sua re-significação positiva na teoria social (MISKOLCI, 2009, p.178).

O *queer* é o momento, é o deslocamento do corpo e da mente. É fluidez, oscilação, multi, plural, de impossível definição por estar se (re)inventando constantemente, ou seja, é a negação das normas, e também a proposta de (des)construção de algo novo, um movimento ético-estético político, que transgride, mas ao mesmo tempo propõe experimentações e experiências plurais que permeiam a diversidade de gênero, identidade e sexualidade (OLIVEIRA, 2017).

O corpo que nos escritos de Beatriz Preciado (2011, p.14), “já não é uma construção sobre o qual age o biopoder, mas antes uma potência que torna possível a incorporação prostética dos gêneros.” Ainda segundo a autora, a sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais. As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*, que não tem relação com um “terceiro sexo” ou um “além dos gêneros”.

Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes”. Por oposição às políticas “feministas” ou “homossexuais”, a política da multidão *queer* não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais” (PRECIADO, 2011, p.16).

Como potência que toma a linha da vida, podemos compreender os corpos e as identidades não somente como efeitos dos discursos vinculados, mas como jogo que resiste ao desviar das formas de subjetivação sexopolítica e dos espaços de consumação dos corpos.

Ao colocar as coerências e estabilidades que no modelo construtivista fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade. “O *queer* revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizados que criam classificações, que, por sua vez, geram a ilusão de

sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares” (MISKOLCI, 2009, p.169).

Assim, o corpo se altera e ao mesmo se (de)forma na experiência do encontro das afirmativas *queer*, partindo do desconforto em relação a estabilidades sexuais sujeitada nos processos sociais classificatórios, hierarquizados, em suma, nas estratégias sociais normativas dos comportamentos.

Por isso o corpo na apropriação do termo é atravessado pelo desejo de vazar o lugar da docência, fissurando suas regras e infiltrando suas paredes. Por isso, a bicha deseja ser seu próprio deslocamento para experimentar a educação e isso parece ser insuportável porque se aplica na sociedade uma masculinidade viril em que o macho é o único capaz de desejar, de olhar com prazer, de medir e de avaliar. Mas a bicha também faz, rasga as noções naturalizadas de verdade, questiona, e tem prazer em desconcertar. O corpo-bicha (TAKARA, 2017, p.161), “torna-se uma potencialidade docente, porque ensina o caráter desconstrutivo das relações, e assim ela ocupa o seu lugar na educação.”

Como problematizador que se estabelece nas relações de poder, a bicha é esse impasse que quebra o lugar da normalidade, que se (re)veste de sua bichice. Corpo que trinca a educação com sua voz afeminada, dançante com seus passos deflorados. Ela esbarra as salas com seus movimentos delicados. É ela quem escreve na lousa, macha o quadro branco da civilização patriarcal. O corpo é seu lugar, habitado por fluxos e linhas que cruzam outras linhas. São vibrações corporais que estilhaçam as estruturas.

Nesses movimentos a bicha aflora por um constante devir, mutação constante dos processos inventivos. Não existe a bicha em um lugar pontuado ou fixo, podendo ser apenas devir bicha, uma existência paradoxal que corrói as formações do ser (ZAMBONI, 2016).

O que se tem aqui é um corpo em estilhaço que introduz a outros corpos linhas de forças que intercruzam, chocam e escoam causando aberturas. Neles há linhas sempre em continuação, não possuindo pontos específicos ao qual podemos determinar seu início ou seu fim, o que há são fluxos, atravessamentos e potências. Há um corpo fora das classificações, transgressivo, variante. Um corpo que alcança o ensino e a educação pela diferença existente. Na sala de aula o corpo e sua diferença é perceptível e aciona os olhares para os questionamentos do aluno: ***“Professor, não consigo lhe ver como os outros, você tem um jeito que eles não têm (...), mas isso não é algo ruim, é bom... tem sempre um sorriso no rosto, e também uma gargalhada mais solta, é mais livre...”***

Por esses pontos descontínuos o corpo desembarca na docência justamente para quebrar a barreira de uma verdade fixa, tomando a educação como percurso de (de)composição. Um

corpo-docente-des(viado) que emerge dos rios, de comunidade tradicional amazônida, que é cria dessas águas de Taquandeuá, adentrando a escola – E.E.E.F. José Maria Machado Cardoso, transcendendo a imagem do jogo social. Um incomodo das cadeiras escolares no olhar do corpo estranho a frente das aulas de ciências, ao qual corrompe os muros, escorre pelos corredores da aprendizagem e (re)cria o seu lugar na educação, deformando a forma, deslocando-se no desejo de resistir a esse espaço.

Há um corpo inventivo na sala de aula com suas linhas diversas que pontuam a diferença, e que soam como um manifesto. Corpo que se experimenta, que expande, corrompe, ecoa e escapa por entre as fissuras causada no riso, no tremor de seu corpo errante, infiltrando-se numa educação singular, dessas que são experimentadas no contado direto e estreito onde as aulas de ciências tomam percurso.

O riso aparece como uma aventura política (ROSA, 2009), visto que o corpo ao experimentar sua masculinidade não deseja integrar-se aos ditames da normalidade e reivindicam, irônica e alegremente outros modos de existência, ou seja, uma política que engendra outras formas de subjetivação, na amostra de sua sexualidade.

O silêncio do corpo é estilhaçado pelo riso, pelo excesso, no sentar, andar, falar, ensinar, escrever, sentir, ocupar, aparecer, gargalhar. Os ecos já tomaram para si o lugar arquitetado pela diferença do estranho habitável, que se faz presente no alcance dos olhares, misturando sua imagem, oscilando entre tons e texturas, (re)criando suas faces, injetando outra postura, fazendo-se. O riso se refere a um sentido de humor que questiona a seriedade e a normalidade da vida.

Quando os corpos anômalos advogam normalidade; quando a estética se confunde; quando os corpos mudam sua lógica e exibem a centralidade de partes e órgãos antes menoscabados; então, o riso *queer* emerge sustentando que o poder que constrói corpos normais é falho, incongruente. O riso surge como atos de percepção que transcendem a realidade da vida ordinária, mostrando, muitas vezes hiperbolicamente, o abalo das re-configurações (PEREIRA, 2008, p.508).

O corpo manifestado pelo riso causa zumbido da normalidade estruturada, sendo melodia de liberdade na voz do aluno recriando outros movimentos ao torna-se solto e livre das armadilhas da masculinidade que faz vivenciar uma sexualidade desviante, desconecta das configurações estruturadas.

O riso é livre, o voo é livre, borboletar. É o voar das borboletas, leveza que desloca o corpo do chão estrutural das disciplinaridades. O corpo faz sua viagem, seu voo, seu deslize, na mesma potência e delicadeza com o qual brincam as borboletas no ar da infância, criando suas linhas, rasgando o vento com seu corpo móvel.

Ainda sob os olhares, outros alunos: ***“Professor voa igual uma borboleta na sala.”***

É o corpo experimentado com suas potências, seus fluxos. Corpo flutuante, que se (de)forma nas passagens, nos deslizos dos contornos, gestando outros de si, descoberto no encontro dos olhares. O corpo é notado, contemplado por sua leveza, composto em sua delicadeza, solto. É o corpo que desafia a lógica linear, as simetrias. É o corpo impulso de suas próprias forças, que é livre de si e das interpretações configuradas. É o corpo povoado de multiplicidades.

Por isso o corpo na docência são constantes experimentos de mudança, mistura de cores e atravessamentos de olhares. É uma mistura que se dar entre professor e aluno, uma conexão de questionamentos que se permite transparecer outras formas de viver à docência. Os corpos em sala se chocam e causam um certo estranhamento, que no diálogo e convívio experimentam e evidenciam suas transversalidades onde o corpo aparece composto por suas linhas diversas, deslocando o binário para uma composição entre desejos e forças. Na sala de aula o corpo a frente da lousa deixa ser capturado pela diferença no impulso de destinar outras maneiras de sentir e compreender a sexualidade, tornando-se um conjunto de aprendizado que se dar dentro e fora da sala de aula, sendo por essas linhas que a educação se torna maleável, alcançando assim os corpos dos alunos como uma manifestação de si por meio das diferenças evidenciadas.

Nessas expressões encontramos as linhas de fuga ou as desterritorialização do corpo e seus devires, devir-animal, devir-inumano ao qual nos falou Deleuze e Guattari (1995), das intensidades desterritorializadas, da multiplicidade, devires infinitivos, intensidades despersonalizadas e multiplicado.

Na semana cultural da escola o corpo desviado é visto pelo olhar da coordenação: ***“Professor podes preparar uma apresentação com os alunos? É que o professor de matemática não tem muito jeito pra isso... não consigo nem imaginar ver ele dançando.”***

Como único professor homossexual da escola, o corpo-bicha na docência é apontado por sua imagem cambiante que se espalha pelas denominações corporais ao qual a biologia, as relações, a mídia, a escola, a família e outros inúmeros lugares capturou como produto de efeitos pronto e acabado em corpos subjetivados.

A subjetividade está diretamente associada à materialidade do corpo. A história da criação de corpos e identidades sociais é também uma história dos modos de produção da subjetividade. O espaço de problematização das relações entre corpo e identidade é maior do que parece à primeira vista, pois vai muito além das técnicas corporais propriamente ditas e alcança as formas como compreendemos a nós mesmos e, sobretudo, a forma como somos levados a ver o outro (MISKOLCI, 2006, p.682).

O ponto de onde emerge a estética da existência não é a sexualidade, antes transgressão que ela pode instaurar diante dos modelos relacionais existentes, construindo novas relações para consigo e para com os outros, é uma forma de resistência que exige um esforço de desenraizamento, ou seja, deslocamento entre as categorias masculino e feminino. Por isso o corpo e sua bichice se desvia marcado no olhar que o afasta da imagem normativa, enquanto o professor de matemática é pontuado por seus movimentos firmes e fixos nas estruturas e moldes sociais.

Em meio a esse contexto de densidade, a presença do corpo-professor-bicha é uma abertura vital no olhar da diferença. O corpo-bicha é esse movimento constante de linhas que se fundem e cruzam outras linhas, que cortam e se entremeiam tornando-se um emaranhado de linhas, fluxos existenciais. É ela quem conduz sua história, caminhando sobre suas linhas tortas, desestabilizando a heterossexualidade. Ao fazer essa excitação,

a bicha funde outros sentidos, oferece outras leituras e coloca sua alegria como forma de disposição a intentar outros modos de educar e de informar, que convida outras formas de ser e, desse modo, não apenas uma, mas múltipla em sua potencialidade (TAKARA, 2017, p.155).

Inconstante, a bicha bagunça a noção de naturalidade e normalidade. Sua imagem contribui para pensar as práticas de pensar e ensinar sobre o que se tem como diversidade. Na escola, no corredor, na sala de aula, o corpo é sempre um vir a ser, um viajante. O corpo na docência é expressivo, é vivo. É o corpo capturado que vive a experiência do habitável que preenche o lugar ao qual sua voz e seus ensinamentos tornam-se processos de resistências desses corpos que aparecem quase sempre na margem. Experimentar-se por meio da educação ativa no corpo o desejo de construir outros olhares para desdobrar o corpo de sua estrutura fixa e compactada, lançando ao meio como uma manifestação da carne que funde com o ensino na busca de traçar outras formas de vir a ser e a compreender o que seja um corpo.

EXPERIMENTAR O CORPO ENTRE IMAGENS,

... é criar zonas que conduzem as linhas a desbravar outros mecanismos ao qual sente o corpo fora das imagens organizadas da ciência biológica, trazendo à tona alguns pontos de interrogação como quais corpos estamos consumindo e absorvendo dentro da didática do ensino de ciências? Como criar para o ensino de ciências corpos múltiplos que transversalizam o biológico e alcançam as linhas da sexualidade, da identidade e dos desejos incorporados?

Já faz algum tempo que se tem pensado, escrito e esboçado sobre o corpo. De tal maneira que poderíamos pensar se existe algo de novo a ser dito ou escrito para chegarmos as possibilidades do que pode vir a ser um corpo. Talvez possamos fazer isso se não nos ocuparmos a priori em querer “definir” o que seja um corpo ou mesmo buscar construir uma identificação para dar-lhes sentidos. Ao retomarmos a Nietzsche sobre “o que pode o corpo”, pensamos nas possibilidades, colisões e conexões que atravessam o pensamento na busca de entendê-lo não somente como ensino, mais também como existência. Quanto a essas possibilidades do que pode o corpo, voltamos o olhar para aquilo que fizeram distinguir sobre nossos próprios corpos como matéria fundida em uma imagem representativa com suas funções organizadas.

No entanto, perceber essas variantes é torna-se visível sobre aquilo que o corpo pode alcançar, sendo ele ponto de aberturas manifestado no desejo de experimentar o ensino por vias das colagens e linhas que os conduzem a traçar sobre si fluxos e formas que escapam as páginas e imagens biológicas. Nessas travessias muitas perguntas são possíveis fazer, porque o corpo está entre linhas do meio, sem um antes ou um depois, ele acontece no instante em que ele próprio se torna questionável. Chegar em algum lugar não é uma saída para pensarmos o corpo, pois ele por si só não traça uma linha de chegada, um termino, ou mesmo um fim. Não se termina um corpo, pois dele se abstrai variações, misturas e extensões que se inter cruzam gestando outras formas para a expressar sua multiplicidade.

O corpo não tem um fim porque ele é causa de um feito, um efeito. Podemos pensá-lo como um campo de batalha minado de explosivos que estão disposto a explodir. Nesse cenário de guerrilha segundo (SANDER, 2009),

o corpo parece servir de anteparo para múltiplas projeções da utópica aldeia global: em sua inelutável evidência, apresenta-se como signo comum da existência humana em qualquer lugar; e, de modo similar, demonstra sua inquestionável capacidade de “transformar-se” (SANDER, 2009, p.389).

Como utopia a imagem que absorvemos do corpo nos leva a perceber suas estruturas, formas e fôrmas carregada de sentidos e códigos, sendo visto como meio corporificado que nomeia, alinha, reproduz e ensina por mecanismos de verdades absolutas. Esse corpo projetado entra numa espécie de “maquinaria de poder”, como nos traz em seus escritos Michel Foucault (1987, p.164), que ao desarticular, o recompõe, nascendo como uma “anatomia política”, que são estruturadas sob as dominações, por isso sua rigidez e inquestionável impossibilidade de fuga.

Assim, discorrer sobre o corpo como imagem projetada em uma superfície sólida é ao mesmo tempo percebe-lo como signo da existência humana, que em sua origem ganhou uma forma, uma representação que infiltra e se aloja sobre os corpos sociais como uma costura que reveste a carne e introduz significados.

Por essas imagens temos o corpo descrito, que são alinhamentos do conhecimento, compartilhada a partir das páginas biológicas, onde suas formas aparecem fixadas numa ideia concreta e segura no que rege compreender os elementos do corpo por um caminho disciplinado. Pode-se dizer segundo Foucault (1987) que a disciplina produz efeitos pontuados a partir dos corpos que controla. Ela aparece como um exercício a ser realizado, como instrumento que ao mesmo tempo torna-se objeto composto de uma força que se molda triunfante e permanente.

O corpo para Foucault (1987, p.189), “se constitui como peça de uma máquina multissegmentar,” do qual as divisões, extrações e acumulações passam a compor campos de forças para obter um aparelho eficiente. Então, o corpo passa a ser interpretado, assumindo formas que os torne cabível a determinados espaços como um instrumento que se molda e se esquematiza para compor uma disciplina da carne.

Nas entrelinhas dessas ordens aparecem corpos colados, impressos, desenhado, ilustrado nos moldes que a ciência a priori descreveu como produto do conhecimento científico e humano, fixando no pensamento como meio que leva o raciocínio ao aprendizado das coisas, por seu mecanismo de indução e significação. Os mecanismos de indução mostram-se através das marcas que se arrastam numa cultura que agrega imagens fixas cercada de símbolos com significados que determinam um lugar a ser ocupado por essas imagens até aqui corporificada numa ideia central. Os lugares ocupados são interpretados como processos que ensinam e educam o pensamento, ao mesmo tempo em que educam os corpos nas amarrações que reproduzem imagens universais de si.

Após um longo processo pelo qual o corpo foi constituído como elemento do conhecimento, compreendemos com Sander (2009), que hoje ele desfruta de uma imagética ou mesmo de um corpo-imagem.

A produção de imagens sobre o corpo – na ciência e na mídia, por exemplo – opera paralelamente em duas direções: se, por um lado, sublinha a obviedade de um corpo como sinônimo de vida; por outro, de certo modo, desencarna este corpo: imagem sem carne (SANDER, 2009, p.400).

A biologia como a ciência que estuda a vida em sua multiplicidade e variedade imprime em suas páginas imagens-corpos que seguem em direção a dureza dos traços, configurando-os por suas funções e sistemas para que assim tornem-se organizados e por eles disciplinados.

Falamos das conformidades dos corpos, das fixações e aptidões, das suas formas rascunhadas nos vazios das páginas em branco das aulas de ciências, onde o corpo é uma amostra a caminho de novas aprendizagens. Na biologia o corpo é encontrado por efeito das grandes descobertas científicas, quando o homem em nome da ciência e da revolução do conhecimento desbravou a matéria corpórea, rasgando a epiderme, fazendo aberturas, cavando a carne, criando caminhos que o levassem ao encontro de suas funções para então demarcar os espaços identificando seus sistemas, delineando suas formas, fragmentando-o e nomeando-o.

Vivenciamos um corpo partido, fragmentado, exibido, dividido. É um corpo assujeitado, distante dos poros, sem oxigênio, corrompido de uma identidade e possível sexualidade. O que se vê são estruturas.

Para o conhecimento científico apartaram os órgãos dos corpos, cada qual propicio a sua função: sistema ósseo, muscular, circulatório ou cardiovascular, digestório, nervoso, endócrino, imunitário ou imunológico, respiratório, urinário e reprodutor. É o corpo-funcionamento, dessecado, empalhado e sistematizado. É o corpo das ciências, dos estudos, da aprendizagem, do ensino e dos livros didáticos. Pela ciência o corpo tornou-se um molde, um estudo descrito que ao preencher distintos espaços como a educação, a sala de aula, a aprendizagem e o próprio corpo que acabam por reproduzir imagens ligadas à sua representatividade corporal sobre o que possa vir a ser um corpo.

São muitos os lugares que o corpo emerge como fonte de “verdades”, e a educação é um desses recintos que imprimem e desenharam imagens corporificadas que atravessam nossos próprios corpos a partir do que a ciências delineou, descreveu e definiu.

O corpo, compreendido como essencialmente biológico, é aquele no qual são valorizadas as estruturas anatômicas, sua morfofisiologia, os sistemas e órgãos que o compõem, em um entendimento fragmentado e cartesiano, pois não se consegue vê-

lo em sua integralidade, a partir de uma identidade que corresponde a uma época histórica e cultural (SÁ-SILVA *et al*, 2019, p.86).

Portanto, há nesses cruzamentos uma unificação dessa imagem-corpo, que (re)produz uma universalização dos alinhamentos corporais. Porém duas linhas muito tênue são visíveis para distinguir: corpo-homem e corpo-mulher que são recorrentes das representações dos livros didáticos. Os corpos dentro dessas imagens ganham sentidos e códigos. A inscrição dos gêneros nos corpos segundo Louro (2000a, p.09), “o feminino ou o masculino é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura.” Elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade, deixando aparecer outras marcas corporais como o corpo-branco e o corpo-magro, saudável e estético, reproduzindo no olhar o corpo a partir do que a biologia e a cultura nos apresentam como mecanismo de ensino.

Para além dessas marcas visíveis ao virar as páginas biológicas percebe-se a não movimentação desses corpos. Seus desejos e sexualidade são apagadas, ganhando o corpo apenas funções para serem pontuadas como alicerce dos processos de escolarização. Corpos e funções são competências que os livros de ciências nos apresentam em função da aprendizagem ao ensino fundamental⁵ na unidade de vida e evolução, traçando como uma dimensão de saberes e práticas que são incorporadas em nossos corpos, no nosso meio do qual somos habitados. Compreendemos o corpo que a biologia nos traz como uma grande teia que no invisível de sua estrutura amara a carne, a identidade e os desejos em seus fios pegajosos. Somos levados ou mesmo capturados por essas imagens que nos configura em seu esboço, e assim é possível que se construa sob esse molde corpos rígidos, sem aberturas, fixo.

Adentrando as leituras de (SÁ-SILVA *et al*, 2019), o corpo trabalhado nas aulas de ciências através dos livros se configura muito mais como didático do que como humano, como um corpo estável, sem idade e mecânico, tornando-se um meio de reprodução compartilhada.

Há nesse campo das camadas biológicas finalidades que aprisionam o corpo, esquematizando-o em cores frias, traços marcados em nomes e funções. Dentro desse campo passamos a consumir, e assim a construir o corpo como imagem anexada as suas nomenclaturas associadas a uma representação universal do corpo. O que a ciência molda em suas páginas como corpo-imagem são mecanismos de afirmação, uma introdução do que podemos compreender o que seja um corpo a partir dos seus funcionamentos, suas formas, cuidados e

⁵ Corpo humano; Respeito à diversidade. (EF01CI02) Localizar, nomear e representar graficamente (por meio de desenhos) partes do corpo humano e explicar suas funções. (EF01CI03) Discutir as razões pelas quais os hábitos de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, escovar os dentes, limpar os olhos, o nariz e as orelhas etc.) são necessários para a manutenção da saúde. (EF01CI04) Comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças (BRASIL, 2017).

ligações que as unem numa rede de organismos, fechando-o a uma complexidade de sistemas que caracteriza e dar significado ao corpo humano. O corpo é assim, arquitetado, projetado, reproduzido, está ali parado, colado, tem múltiplas funções, se define pelas divisões científicas, nas amarrações biológicas ao qual ocupa um lugar silencioso que aparece despedaçado pela ciência. É formado por crânio e face. Cabeça, tronco, membros, músculos e ossos. Com pernas, braços e mãos. Na face estão os olhos, nariz, boca e ouvidos. O corpo é um infinito de células, cada uma sua função, como uma máquina que reproduz e introduz determinado conhecimento.

No estudo da vida, o corpo não aparece como uma totalidade, inteiro, preenchido. Aqui a vida também se parte, se esvazia, escapa do corpo. Não há vida nesses corpos porque a vida aparece estagnada exclusivamente a fecundação, ao nascimento, brotamento, rompimento do ventre ou da terra. A vida aparece separada do corpo, como uma palavra que se escreve fora do ensino, fora das páginas. O corpo como um quebra-cabeça vai sendo montado, moldado, uma parte de cada vez, cada um à sua função, como um corpo-cola que interage entre os órgãos causando o desaparecimento de outras linhas do qual se forma o ser humano no social.

Assim, podemos nos perguntar se estará a subjetividade oculta nessas imagens? E por onde experimentar a transversalidade a partir dessas imagens?

Somos conduzidos nas aulas de ciências a experimentar a rigidez desses corpos, imóvel com sua não identidade. Percebemos os gêneros pela fôrma como se desenhou esses corpos, silhuetas para o feminino e músculos para o masculino, num jogo social de delicadeza e força. Corpos que parecem não vazar as normas da ordem heterogênea dos padrões e das fixações molduradas e esquematizada. Olha-se para o corpo como um molde das representações, sem voz, sem rosto, sem sentimentos, despartados das experiências de si.

Algumas perguntas se soltam do pensamento como uma provocação ou um convite que nos levam a conduzir outras maneiras de articular sobre o que pode vir a ser um corpo. Quais corpos se experimentam nos livros didáticos de ciências? Em qual substrato estão colados e moldados?

O que move essas perguntas são o que podemos chamar de estranhamento do corpo. Estranhar o corpo não significa distanciar-se de si, pelo contrário, estranha-lo é um ato de rebeldia que faz com que o pensamento se esvazie, deslize e escorra em busca de novas aberturas, cavando como correntes d'água que escapam veloz entre as raízes criando outros caminhos para desaguar e assim encontrar seu espaço de desalinhamento devastado de outras sensações. Estranhar essas imagens é construir buracos sobre os nossos próprios corpos, é torna-se movediço, de superfície maleável capaz de criar travessias a possíveis modificações. Estranhar o corpo é descolar o corpo da imagem, é esvazia-lo de sua organização, ou seja, é

dar-lhe um outro sentido, uma trajetória que contemple as multiplicidades deslocada e deflagrada das experiências de si, onde o corpo se provoca, sente e experimenta aberturas vitais. É a busca de uma imagem-corpo em movimento em busca do exercício de si. Afinal o corpo é essa carga de possibilidades que se abre por entre linhas desejanter e linhas de fuga, reativando as sensações que o corpo produz para (re)criar outros. É por isso que o corpo se esconde na superfície, pois é onde o humano não quer mais encontra-lo.

A pele como contorno frágil, película sempre prestes a explodir, a não mais conter a carne convulsa. Pois há algo na carne que inviabiliza o humano, suas potências mal interpretadas, malditas. E a forma de tentar devolver o corpo à sua suposta estabilidade é, na verdade, uma tentativa de canalizar os seus fluxos para uma forma bem conhecida: o sujeito (SANDER, 2009, p.396).

E o que isso implica? Traçar mecanismo de força que deslocam e esvaziam o corpo das imagens coladas e descritas entre as páginas biológicas. Tecer linhas potentes que dissolvam o corpo de sua estrutura dura, rasgando e desalinando escritos, modos de ver e sentir-se pelo processo de experimentação. Experimentar o corpo como potência é provocar o olhar pelos desvios das linhas configuradas, tornando o corpo ele próprio abertura viva em sua experiência.

Experimentar como nos refere Brito e Costa (2020),

é se deixar afetar pelos encontros com a vida, com as forças que nos atravessam rotineiramente e nos arrastam para outros lugares, que instauram um caos interior, que nos provoquem de tal forma que seja insustentável retornar para o lugar anterior, para o que se era. Experimentar é se abrir aos encontros, deixar que algo passe, repasse, transpasse, que faça a vida se abrir em multiplicidades, na diferença (BRITO e COSTA, 2020, p.128).

De certa maneira, experimentar diz respeito aos encontros, vibrações dos afetos incorporados que arrasta o corpo dos lugares estruturados, o que causa uma agitação que proporciona novas sensações a pele, aos olhos, aos ouvidos, rompendo o corpo a uma abertura para o sensível. “A experiência relacionasse com o que se vê, com o que se toca ou sente” (AMATUZZI, 2007, p.09).

Discorrer sobre o corpo como experimentação é gerir suas fixações, aguçar os sentidos para deslocar, deslocar a imagem de si. Os deslocamentos são processos que fazem com essas imagens sejam mananciais inventivos, deixar abrir-se as sensações causando buracos que atravessam a sexualidade, digerindo o próprio corpo no exercício de si e do outro. Desejos que Deleuze e Parnet (1998) contam não ser uma falsa alternativa lei-espontaneidade ou natureza-artifício, sendo um jogo respectivo das territorialidades, reterritorialidades e movimentos de

desterritorialização, que se apodera no corpo para extrair deles velocidades variáveis e afetos flutuantes.

Por essas desterritorialização impulsivo dos desejos somos arrastados a vivenciar os fluxos que movem o corpo no encontro de novos limiares, novas perspectivas de desamarrar as linhas duras que compõem modos e modelos estruturados. No soltar das linhas modos de aprender e ensinar podem escorrer, abrindo entradas para múltiplas descobertas, tornando possível fragmentar formas de pensar e agir diante das novas ações e desenvolvimento que acontece nos processos de vivência.

Esse deslocamento é um incomodo que faz o corpo tremer, buscando encontrar entradas para compor-se das experimentações sentida na pele, abrindo os poros para deixar entrar linhas contínuas que escapam da carne, tornando-nos degustadores de nossas próprias imagens. Vivenciar as experimentações é riscar as páginas biológicas, é voltar-se para o currículo como organismo vivo das experiências que o corpo carrega. Para (PARAISO, 2009),

aprender com a experiência é, sobretudo, fazer daquilo que não somos, mas poderíamos ser, parte integrante de nosso mundo. A experiência é criadora e não reprodutora. No território do fazer curricular é possível ver improvisações, encontros, emoções... É possível encontrar sensações provocadas pelas forças das experimentações curriculares e a vivência de alegrias (PARAISO, 2009, p.290).

Por essa linha de pensamento o currículo-desejo surge como uma provocação. Proposital ou não cabe o corpo se deslocar por uma educação que descreve o seu lugar de produzir conhecimentos e modos de sentir o ensino. Perceber-se como corpo que transversaliza a educação é desviar das filas alinhadas, do sentar silencioso, dos livros disciplinados, dos corpos e seus comportamentos, das cores que reproduzem a ordem das coisas. Falamos de uma educação que não se rende aos muros escolares, que não conforta a aprendizagem entre linhas e páginas já descritas, desenhando-se sobre um currículo-desejo. Assim retomamos a pergunta de (PARAISO, 2009), para o que pode um currículo-desejo?

Desterritorializar as normas do currículo-forma, dos reagrupamentos, gerando possibilidades insuspeitadas de aprendizado. Criar novas possibilidades ali onde o currículo-dominante nem cogita que seja possível. Fazer composições com as crianças, com aquela criança, com uma professora, com uma poeta, com uma colega, com um amigo, com uma história, com uma poesia, com um livro (PARAISO, 2009, p.290).

O corpo sente ao experimentar o meio e a si mesmo por uma educação que acontece no espaço-tempo, onde os territórios são mecanismo de vida em curso, de uma ciência que toca,

causa afetos e conexões. Esse desejo em potência fabrica novas criações, aberturas e movimentos, deixando povoar-se pelas misturas, abrindo-se para outras zonas de pensamento.

Descolar o corpo das páginas é entrar por outras zonas que impulsionam o rompimento da funcionalidade, vivenciando outras formas de sentir o lugar do ensino e aprendizagem permitindo o corpo encontrar seu próprio ponto de inquietação.

Sentir as aberturas que os desejos transcendem no ensino da ciência é abrir os poros do corpo fazendo com que o meio e seus elementos se misturem, causando vazamentos das ideias fixas do “*currículo maior* que estaria ligado a uma territorialidade, a um modelo, no qual o padrão seria o currículo oficial. Um *currículo menor* seria a fuga dessa norma, o desvio que uma minoria faz dentro do *currículo maior*” (CORRÊA; BRITO, 2020, p.257).

Contudo, vale ressaltar que pensar um currículo de ciências por vias menores, como um exercício possível,

não significa renunciar ou negar o *currículo maior*/oficial, mas criar, adotar currículos das minorias. Seria diferenciar o *currículo menor* fazendo dele um menor. Desterritorializar o *currículo maior* de Ciências na escola do campo, nesse sentido, seria escapar do território padronizado, normatizado, que diz o que é correto ou legítimo ensinar de Ciências, e buscar criar deslizamentos, linhas de fuga que vislumbrem outras possibilidades para “ir sempre mais longe na desterritorialização” (CORRÊA e BRITO, 2020, p.257).

Uma educação desterritorializada se compõem dos processos que se dão no conjunto de ideias, pessoas, ensino, espaços e desejos de observar o mundo por outras lentes. Há na desterritorialização um incomodo, uma ânsia em deslocamento, perfurar as páginas para que assim apareçam desejos delineados em imagens-sensações onde nasça substratos que o corpo compõe distinguindo as identidades.

Nossas vivências soam como um disparo para compreendermos os sentidos e as colisões que o corpo é capaz de causar. As colisões são explosões de sentimentos, um impulso que nos incita a rasgar, recortar, pintar e delinear sobre os estratos biológicos, criando fluxos que se arrastam na pluralidade da educação. O corpo experimentado pelo desejo busca as travessias para (re)criar imagens carregadas de movimentos e forças. Trata-se do corpo-potência.

Abre-se o corpo pelo convite das experimentações de si, para senti-lo em sua intensidade, por seus rasgamentos. Delinear imagens é experimentar os deslocamentos, limiares que se compõem por zonas menos densas, carregada de uma leveza que arrasta o corpo as sensações, aos fluxos contínuos, digerindo o corpo numa troca de conexão que faz com que as potências tomem direções escapando das formas coladas e solidificadas.

Como uma fissura que se abre ao encontro de Deleuze e Guattari (1996, p.12) em “como criar para si um corpo sem órgão (CsO)”. Ao buscarmos um corpo sem órgão podemos experimentar e produzir um corpo intensivo, afetivo, compostos de pólos, limiares e gradientes povoado por intensidades. O corpo sem órgão (CsO) é o corpo da experiência, com suas próprias forças. É o corpo desarticulado das interpretações e das amarrações ordenadas que nos impedem novos modos de vida e organizam os corpos. “O CsO não é de modo algum o contrário dos órgãos, não se opõe aos órgãos do corpo, mas sim a essa organização dos órgãos que se chama organismo” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.19).

Criar para si um CsO é deixar atravessar por uma vitalidade não-orgânica, sem seu aprisionamento podemos nos abrir aos fluxos, aos devires, as potências, a experimentação de nós mesmos. É evidente que nos constituímos em um corpo organismo, e assim por ele organizados. Quanto a sua organização, estamos amarrados a padrões estabelecidos a priori, ficamos vulneráveis as regras, interpretações e censuras dos nossos desejos. O CsO segue uma linha oposta a essas configurações, ele não os reprime e sim os impulsiona a uma conexão dos desejos, a um conjunto de fluxos e forças por intensidades que estão ligadas a existência enquanto criação.

O CsO é desejo, é ele e por ele que se deseja. Não somente porque ele é o plano de consistência ou o campo de imanência do desejo; mas inclusive quando cai no vazio da desestratificação brutal, ou bem na proliferação do estrato canceroso, ele permanece desejo. O desejo vai até aí: às vezes desejar seu próprio aniquilamento, às vezes desejar aquilo que tem o poder de aniquilar (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.26).

Os desejos são aberturas que atravessam o corpo enquanto um exercício de si. Por isso o corpo sem órgão é um acontecimento, ele se esquia, pertence ao mundo das vivências, é ele próprio recintos das criações. O corpo “não é hermético, acabado e constituído, mas uma derivação, um somatório de forças” (SANDER, 2009, p.69).

O corpo é esse campo de forças capaz de dobrar sobre si mesmo para gerir outros. Assim, o corpo sem órgão nunca é o meu, ou o seu. É sempre um corpo.

Ele não é mais projetivo do regressivo. É uma involução, mas uma involução criativa. Os órgãos se distribuem sobre o CsO; mas, justamente, eles se distribuem nele independentemente da forma do organismo; as formas tornam-se contingentes, os órgãos não são mais do que intensidades produzidas, fluxos, limiares e gradientes (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.26).

Por essa perspectiva Deleuze e Guattari nos conduzem ao corpo como campo de força, capaz de distorcer os signos e ir além do símbolo. Ao descolar as imagens das páginas

biológicas revela-se o corpo como uma máquina desejante e pulsante que rompe seus contornos enquanto potência das experiências.

Trata-se por tanto, de perceber o corpo em sua plenitude, vivo e intenso. Só que isso não é possível sem antes desconstruirmos a imagem que foi criada para servir docilmente aos poderes do campo social. Eis porque o CsO aparece em Artaud como uma declaração de guerra: guerra contra os órgãos, guerra contra o corpo ordenado, organizado, guerra na verdade, contra o organismo em sua disposição e significância social. Trata-se de um “grito orgânico do homem contra toda transcendência opressora. Trata-se de uma rebelião do próprio ser” (SCHÖPKE, 2017, p. 287).

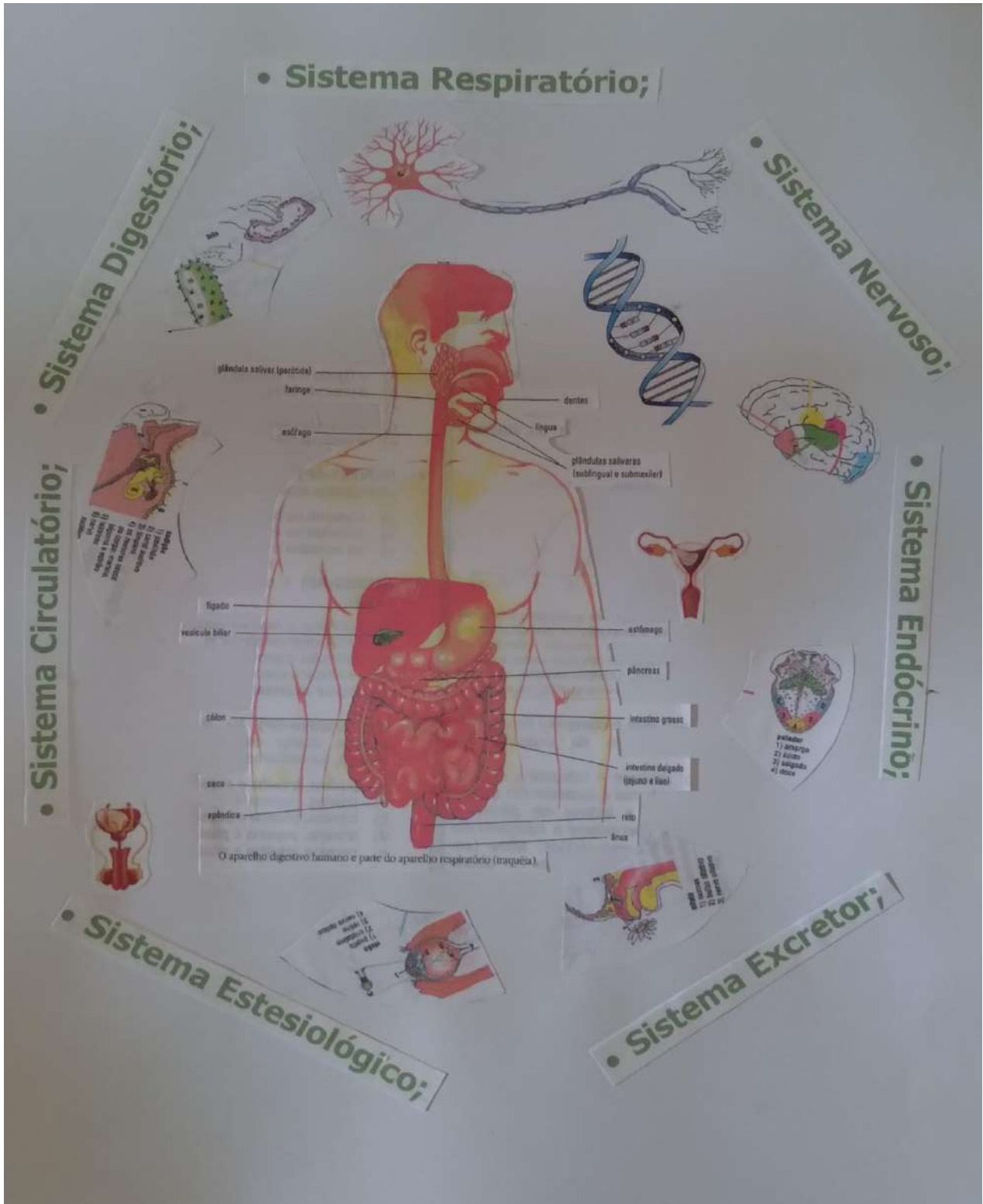
O CsO (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p.34) “é atravessado por eixos e limiares, por latitudes, longitudes e geodésicas, é atravessado por gradientes que marcam os devires e as passagens, as destinações daquele que aí se desenvolve”. O CsO é o corpo do devir, ou o corpo que devém, é o corpo intensivo que subjaz no corpo extenso como seu elemento genético, como sua esfera de potencialidade e força.

Por isso experimenta-se não o corpo, mais suas potencialidades, suas forças advindas das sensações e fluxos contínuos, pois ao construir outras imagens não se quer ajusta-se a modelos ou chegar a nenhum lugar, não se deseja prender-se a uma estrutura. Isso é germinar dentro de si o corpo-devir, uma germinação que conduzirá as imagens corporificadas para outro espaço, como uma linha de fuga que produz fluxos causando o rompimento das classificações, dos símbolos e das nomenclaturas.

Nesse percurso o corpo é composto como um todo, ocupado por seu próprio recinto, onde no seu processo de criação induz sobre elas travessias e colisões, uma soma de linhas e traços velozes que atravessam a sua própria superfície, na qual os cruzamentos são conectados e disparados no tempo e espaço, vazando partes recortadas de um corpo que se situa nesse meio entre desejos, cortes, ensino e invenções para si e para o outro.

EXPERIMENTAÇÃO:

do corpo sistema ao corpo linha. ...



Recortes - Imagem de livros doados como entrada para experimentação.

Introdução. Recortar. Corpo sistema. Recortar. Corpo disciplinado. Recortar. Corpo-imagem. Recortar. Livros de Biologia. Recortar. Conhecimento. Recortar. Ensino de ciências. Recortar. Funções. Recortar. Sistema Respiratório. Recortar. Cavidade nasal. Recortar. Narina. Recortar. Epiglote. Recortar. Laringe. Recortar. Cavidade pleural. Recortar. Pulmão direito. Recortar. Diafragma. Recortar. Pulmão esquerdo. Recortar. Brônquio primário. Recortar. Tranqueia. Recortar. Faringe. Recortar. Alvéolo. Recortar. Sistema nervoso. Recortar. Sistema nervoso central. Recortar. Encéfalo. Recortar. Medula espinhal. Recortar. Coluna vertebral. Recortar. Cérebro. Recortar. Cerebelo. Recortar. Tronco encefálico. Recortar. Sistema nervoso periférico. Recortar. Nervos. Recortar. Sistema nervoso somático. Recortar. Sistema nervoso autônomo. Recortar. Sistema nervoso simpático. Recortar. Sistema nervoso parassimpático. Recortar. Sistema Endócrino. Recortar. Glândulas endócrinas. Recortar. Hipófise. Recortar. Tireoide e Paratireoide. Recortar. Timo. Recortar. Suprarrenais. Recortar. Pâncreas. Recortar. Glândulas sexuais. Recortar. Rins. Recortar. Néfrons. Recortar. Ureteres. Recortar. Bexiga urinaria. Recortar. Uretra. Recortar. Sistema Estesiológico. Recortar. Fotorreceptores. Recortar. Mecanorreceptores. Recortar. Fotorreceptores. Recortar. Quimiorreceptores. Recortar. Visão. Recortar. Paladar. Recortar. Olfato. Recortar. Tato. Recortar. Audição. Recortar. Sistema circulatório. Recortar. Pequena circulação ou circulação pulmonar. Recortar. Grande circulação ou circulação sistêmica. Recortar. Componentes circulatório. Recortar. Sangue. Recortar. Coração. Recortar. Pericárdio. Recortar. Endocárdio. Recortar. Miocárdio. Recortar. Átrios ou aurículas. Recortar. Ventrículos. Recortar. Válvula tricúspide. Recortar. Válvula mitral. Vasos sanguíneos. Recortar. Artérias. Recortar. Veias. Recortar. Capilares. Recortar. Sistema circulatório aberto ou lacunar. Recortar. Sistema circulatório fechado. Recortar. Sistema Digestório. Recortar. Tubo digestório. Recortar. Boca. Recortar. Faringe. Recortar. Esôfago. Recortar. Fígado. Recortar. Vesícula biliar. Recortar. Tubo digestório médio. Recortar. Estômago. Recortar. Diafragma. Recortar. Intestino delgado. Recortar. Tubo digestório baixo. Recortar. Intestino grosso. Recortar. Sistema Reprodutor. Recortar. Sistema reprodutor feminino ou aparelho reprodutor feminino. Recortar. Reprodução. Recortar. Gametas femininos. Recortar. Tubos uterinas. Recortar. Útero. Recortar. Vagina. Recortar. Ciclo menstrual. Recortar. Sistema reprodutor masculino. Recortar. Bexiga. Recortar. Uretra. Recortar. Pênis. Recortar. Vesícula seminal. Recortar. Próstata. Recortar. Canal deferente. Epidídimo. Recortar. Testículo. Recortar. Partes do corpo. Recortar. Hormônios. Recortar. Sexo. Recortar. Anatomia. Recortar. Fisiologia. Recortar. Biologia celular. Recortar. Genética. Recortar. Imagens.

Recortar. Classificação. Recortar. Nomenclatura. Recortar. Ordem. Recortar. Formas. Recortar. Corpo. Recortar. Aulas de ciências. Experimental.

[PROCESSOS. ...]

126 BIOLOGIA

1. Folículo primário. 2. Folículo em desenvolvimento. 3. Folículo antral. 4. Folículo de Graaf. 5. Corpo lúteo.

Sob o estímulo do FSH o ovócito (dormindo no estágio de prófase I da meiose) inicia o processo meiótico no sentido de transformar-se em ovulo maduro; as células foliculares passam a produzir quantidades significativas de estrógenos (principalmente o estradiol). Uma vez no sangue, os estrógenos atuam na hipófise, inibindo a produção de FSH e estimulando a produção do **hormônio luteinizante (LH)**. Os estrógenos atuam no desenvolvimento da **mucosa uterina (endométrio)**, estimulam o crescimento do útero, da vagina e mamas e têm influência no mecanismo sexual. O LH, surgido sob o estímulo dos estrógenos, atua no ovário, onde completa a **maturação do folículo** e estimula a **ovulação**, que é a saída de ovulo do interior do ovário. Após a ovulação, muitas células foliculares permanecem no interior do ovário e, sob o estímulo do LH, passam a produzir um líquido amarelado (**luteína**), transformando-se no **corpo lúteo** ou **amarelo**.

Ainda sob o estímulo do LH, o corpo-lúteo passa a produzir a **progesterona**, hormônio que atua no útero, completando o desenvolvimento do **endométrio** e inibindo-lhe as contrações. Além disso, a progesterona atua na **hipófise**, bloqueando a síntese de FSH e LH, nas **glândulas mamárias**, estimulando o crescimento das regiões secretoras de leite.

3. Ovulo fecundado e nidação: Quando o ovulo é fecundado, o embrião percorre o oviduto e instala no endométrio.

DISFUNÇÕES

ASHPH

SISTEMA REPRODUTOR VISTO DE FRENTE

5. **Ciclo menstrual:** a primeira menstruação (**menarca**) normalmente na puberdade e o fenômeno repete-se a cada 28 dias. A **menopausa** (geralmente ao redor dos 45-50 anos) marca o fim da atividade reprodutiva. O ciclo menstrual acontece de forma gradativa. O ciclo menstrual é dividido em três fases: 1. Fase proliferativa ou estrógenica: ocorre nos primeiros 14 dias do ciclo. 2. Fase ovulatória: ocorre por volta do 14º dia do ciclo. 3. Fase lútea ou progesterônica: ocorre nos últimos 14 dias do ciclo.

6. **As fases do ciclo menstrual:** para um melhor entendimento da sequência funcional das alterações podemos dividir o ciclo em três fases:

- Fase proliferativa ou estrógenica:** é estimulada e caracterizada pela **proliferação e crescimento (regeneração do endométrio)**.
- Fase ovulatória:** é estimulada e caracterizada pelo **aumento da produção de ovócitos e da progesterona**.
- Fase lútea ou progesterônica:** é estimulada e caracterizada pelo **aumento da produção de progesterona**.

7. **Prevenção da concepção:** a contracepção pode ser feita de várias maneiras: 1. Contracepção natural: abstinência, coito interrompido, lactação exclusiva. 2. Contracepção química: pílulas, injetáveis, adesivos, DIU. 3. Contracepção mecânica: preservativo, diafragma, coque. 4. Contracepção cirúrgica: vasectomia, tubectomia.

8. **Ovulo não fecundado:** situação hormonal: se o ovulo não for fecundado, tem-se o seguinte quadro hormonal:

112 BIOLOGIA

SISTEMA REPRODUTOR VISTO DE FRENTE

SISTEMA REPRODUTOR VISTO DE FRENTE

1. Útero. 2. Falopiana. 3. Ovario. 4. Vagina. 5. Vulva. 6. Clitóris. 7. Glândula de Skene. 8. Glândula de Bartholin. 9. Glândula de Cowper. 10. Glândula de Skene. 11. Glândula de Bartholin. 12. Glândula de Cowper. 13. Glândula de Skene. 14. Glândula de Bartholin. 15. Glândula de Cowper.

SISTEMA REPRODUTOR VISTO DE COSTAS

SISTEMA REPRODUTOR VISTO DE COSTAS

1. Útero. 2. Falopiana. 3. Ovario. 4. Vagina. 5. Vulva. 6. Clitóris. 7. Glândula de Skene. 8. Glândula de Bartholin. 9. Glândula de Cowper. 10. Glândula de Skene. 11. Glândula de Bartholin. 12. Glândula de Cowper.

HIPOTÁLAMO

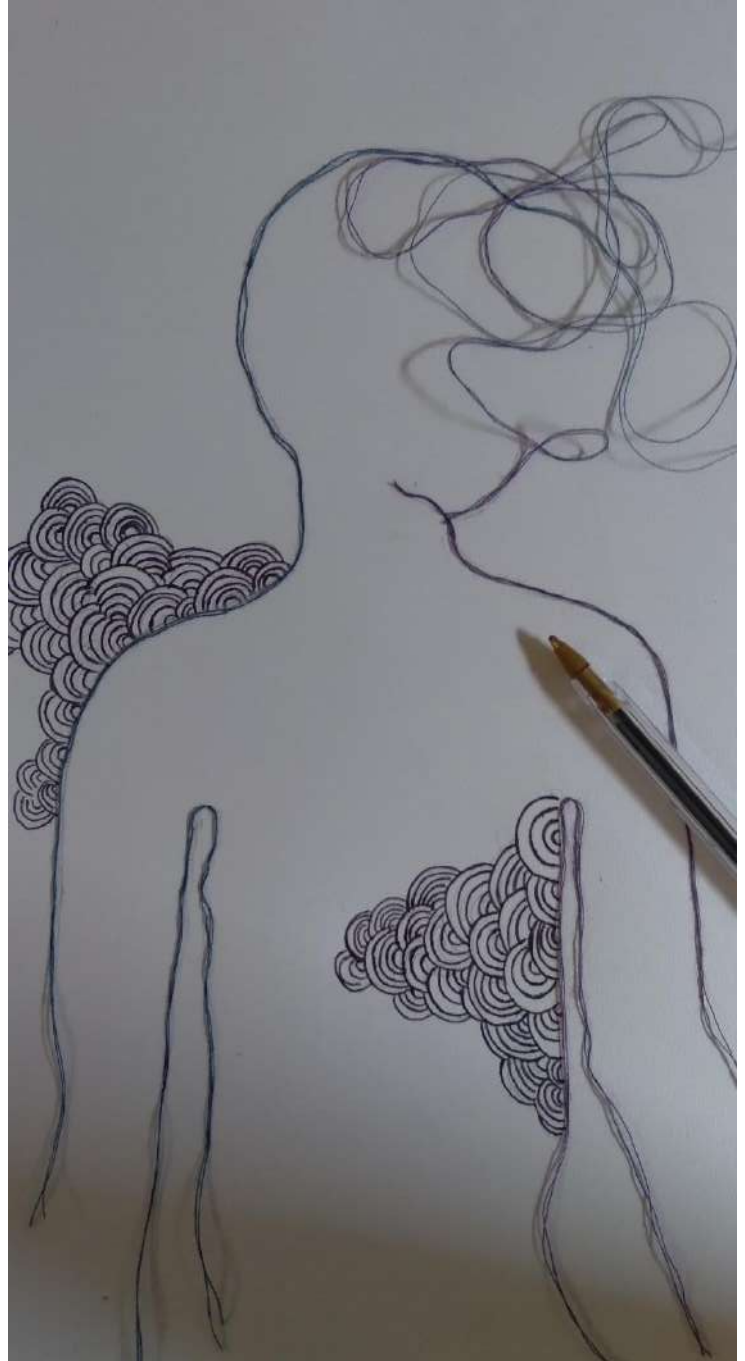
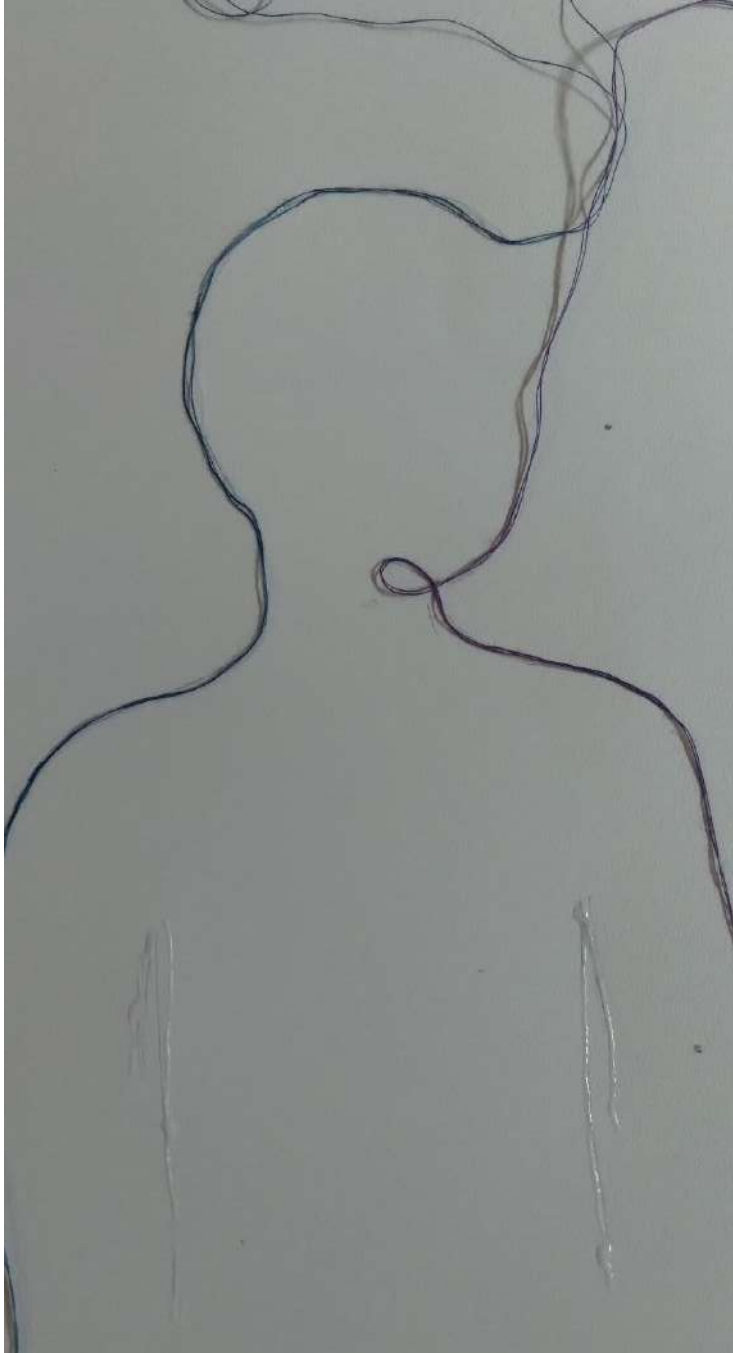
HIPOTÁLAMO

1. Hipotálamo. 2. Hipofise anterior. 3. Hipofise posterior. 4. Glândula pituitária anterior e posterior.

SISTEMA DE ENSINO UNIVERSO

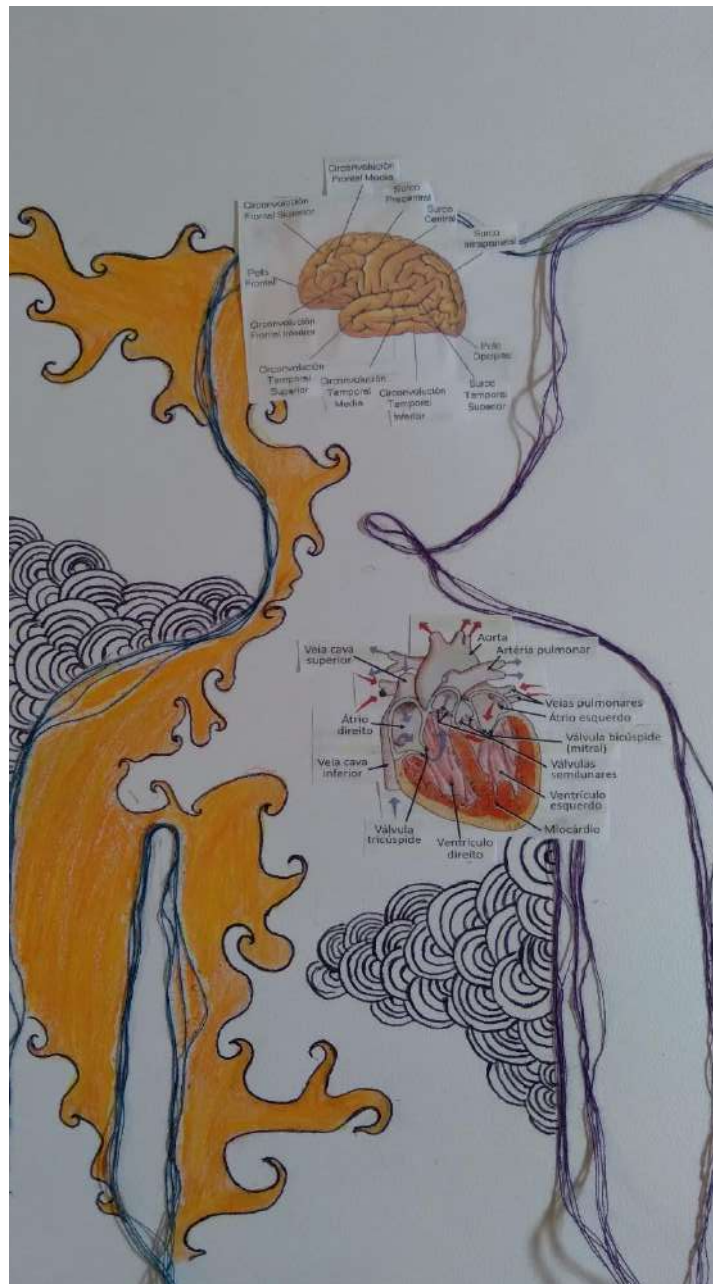
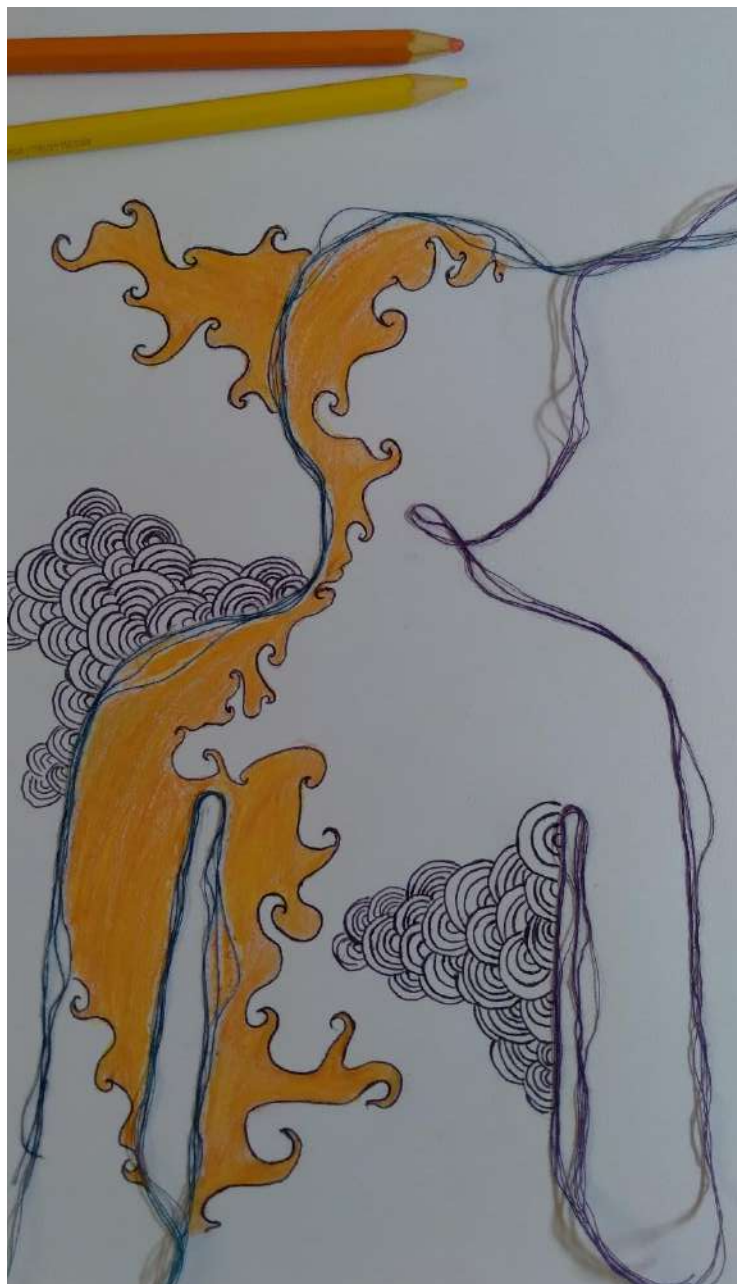
[RE]CORTES

[DE]COMPOSIÇÃO



[PONTOS DE HABITAÇÃO]

[PERCURSOS]



[MOVIMENTOS E DESVIOS]

IDENTIDADE DE GÊNERO

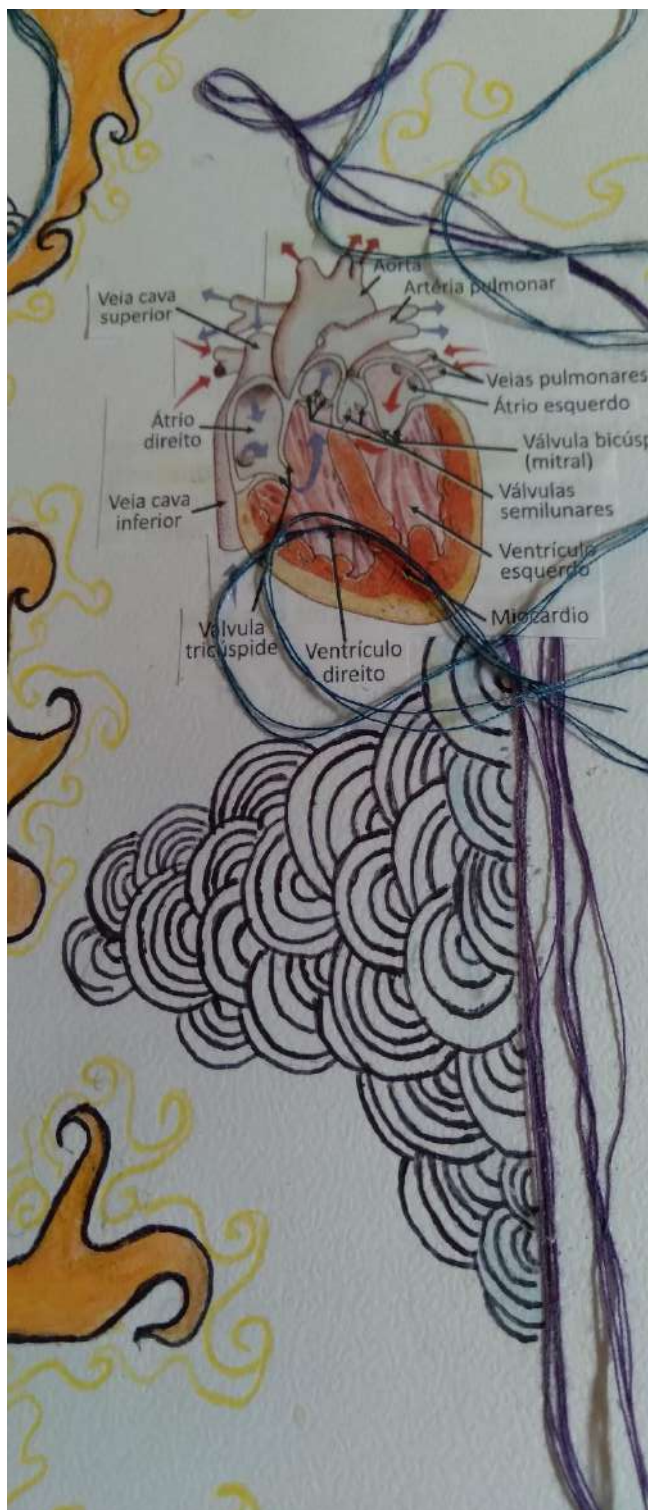
[A identidade de gênero é como você se enxerga, se considera.

É a química que te compõem (níveis hormonais),

e como você interpreta o que isso significa]

Mulher _____ Genderqueer _____ Homem

[VAZAMENTOS SANGUINEOS]



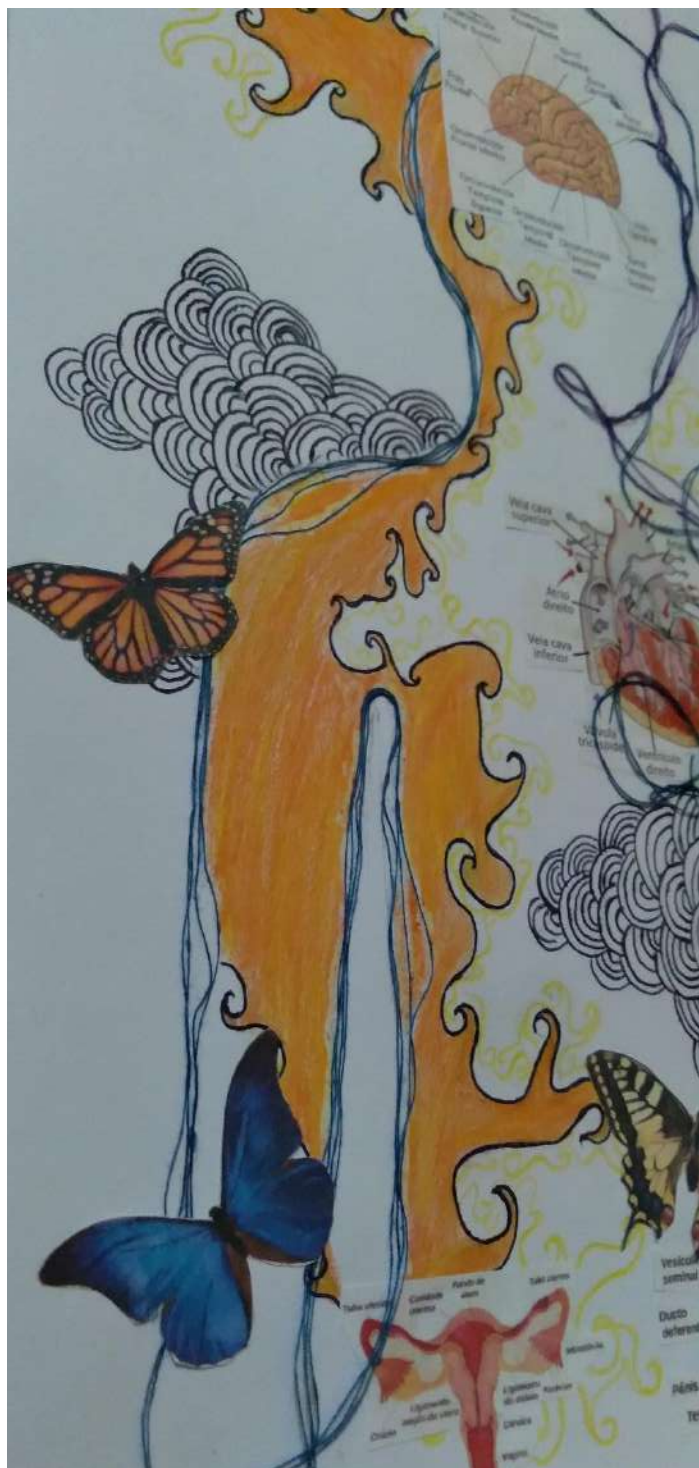
ORIENTAÇÃO SEXUAL

[Orientação sexual é por quem você se atrai fisicamente, espiritualmente e emocionalmente, baseado no sexo/gênero da pessoa em relação a você]

Heterossexual _____ Bissexual _____ Homossexual

[FLUXOS E COLISÕES]

[ATRAVESSAMENTOS]



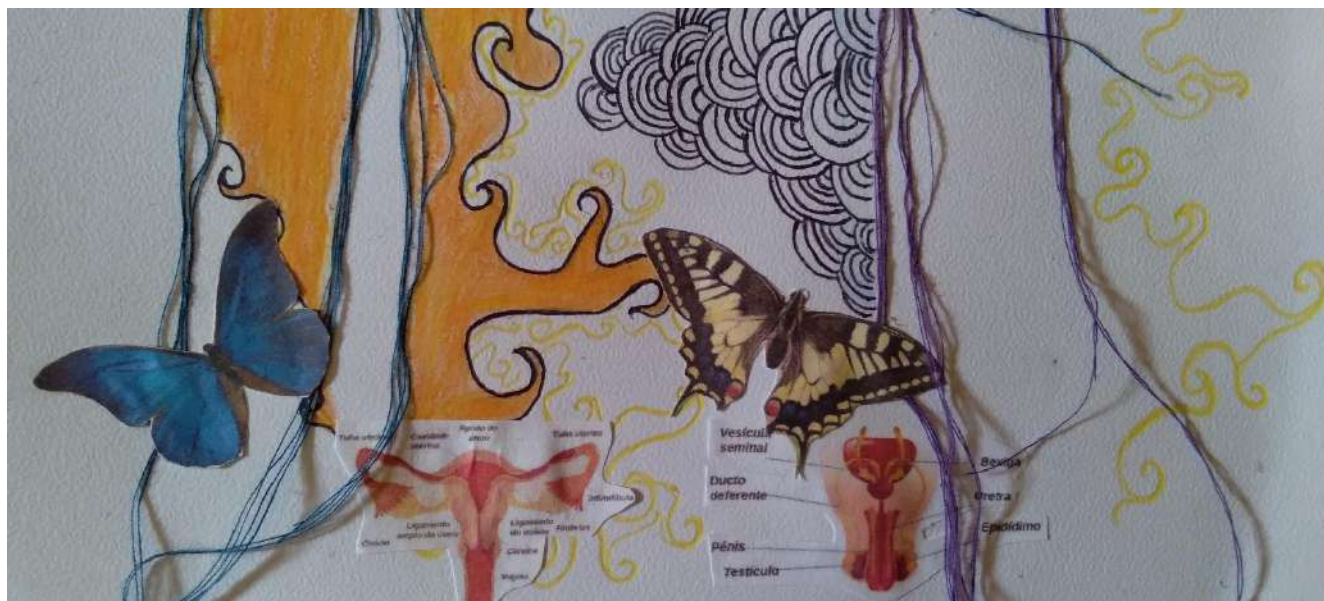
EXPRESSÃO DE GÊNERO

[A expressão de gênero é como você demonstra seu gênero, através dos meios ao qual age, se veste, se comporta e interage]

Feminino _____ Andrógeno _____ Masculino

[ROMPIMENTO DA PELE]

[ABERTURAS]



SEXO BIOLÓGICO

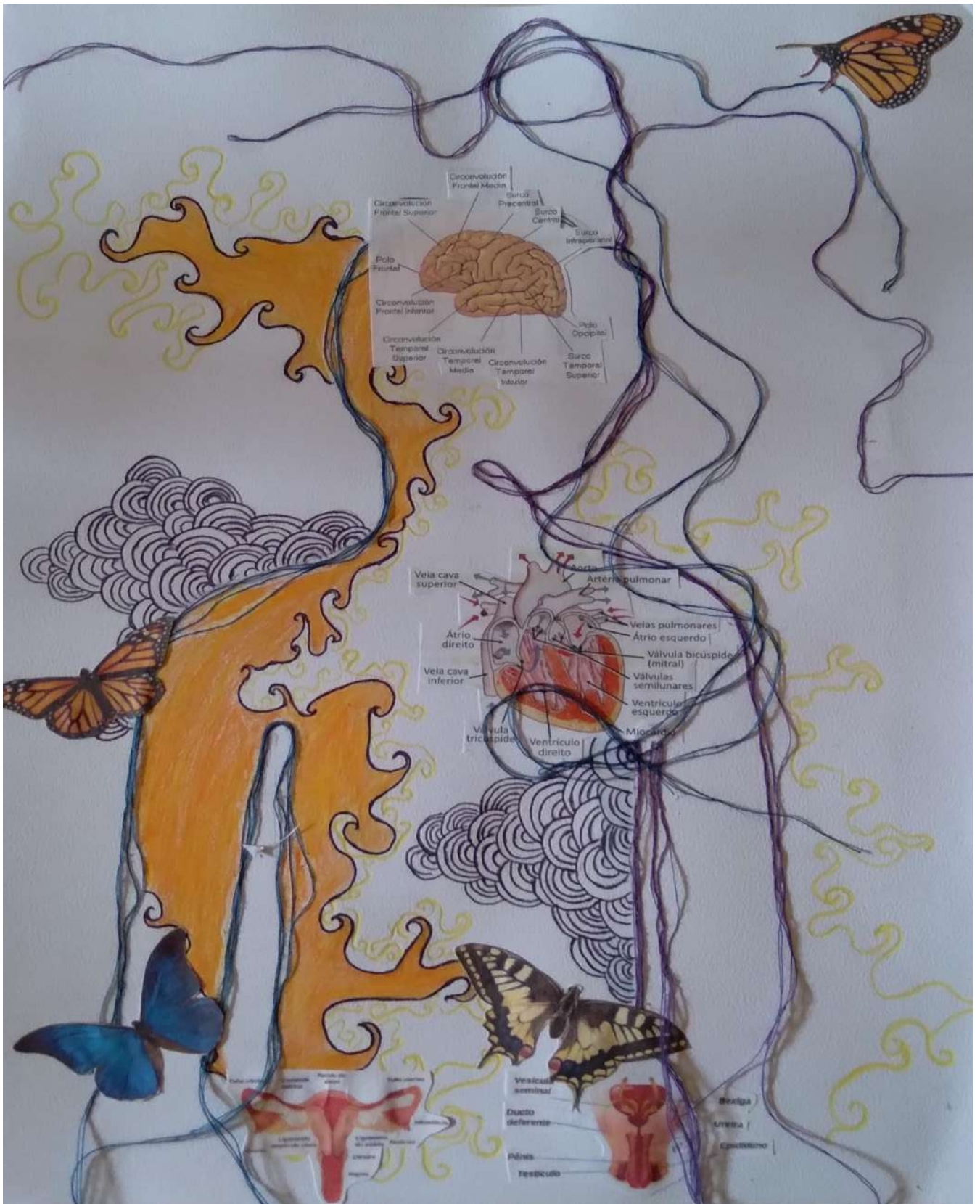
[Sexo biológico se refere aos órgãos visíveis, hormônios e cromossomos (vagina, ovários, cromossomos XX; pênis, testículos, cromossomos XY)

INTERSEX- uma combinação dos dois]

Mulher _____ Intersex _____ Homem

[DESLIZES]

[CORPO-LINHAS]



[ZONAS DE EXPERIMENTAÇÃO]

AS LINHAS DESLIZAM,

... para compor outras linhas, sem pontuar uma conclusão, sendo aberturas que se deslocam para infinitas direções, por isso não se detém de uma chegada, e sim de encontros e colisões. As linhas se entrelaçam numa aventura em busca de delinear saídas para se reinventar e assim deslizar ao pensamento como águas límpidas que escoam formando novos lugares enxergados de si.

A escrita num grito de liberta-se das amarras cava os caminhos na busca de narrar a memória em rios do qual o corpo descobre num mergulho experimental. Na composição de uma escrita de si, as palavras verbalizam delineando uma pesquisa-mistura, oscilando entre imagens, fotografias, desejos, cores e traços que transcendem a face de um corpo-bicha que ocupa o lugar da docência manifestado no desejo de deslocar as imagens desenhadas que reproduz o ensino de ciências. Rompendo com a ideia do que se tem arquitetado sobre o corpo, nos debruçamos sobre as imagens que as páginas biológicas trazem para o ensino a partir do corpo organizado, sistemático e funcional.

Nessas linhas contínuas percorremos os processos de experimentação colidindo com o corpo com o desejo de sentir as sensações na criação de outras imagens a serem vivenciadas em aulas de ciências, rasgando-se das imagens corporificadas, trincando a educação na busca de encontrar outras sensações possíveis dentro do processo de ensino e aprendizagem. O corpo é ele mesmo um rasgo das classificações e nomenclaturas pontuadas, é o meio por onde se inventa outros mecanismos fluidos, que transita e vive sua própria desconstrução numa manifestação da organização imposta.

Ao descolar o corpo, o pensamento corre perceptível das potências existenciais que quebram os questionamentos e as formas duras de suas interpretações, colidindo a uma educação sensível. Por essas linhas, viver uma educação deslocada é produzir outras formas de existir e resistir. É uma forma de experimentar as linhas que se formam entre o corpo biológico e o corpo social, esse que transmite a diferença e não se cola por essas imagens, compreendendo que ao deslocar-se dessas densidades o corpo por si só vive sua multiplicidade deixando aflorar linhas contínuas ao qual a subjetividade já não se localiza na margem, mas é ela própria pontos que transversalizam.

Descolar as imagens fixas e conseqüentemente seus organismo não é matar-se, mas abrir a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor.

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau; grau que corresponde às intensidades produzidas (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.12).

O corpo é esse relicário de um espaço infinito, de revelação e desvendamentos. O corpo é atravessado por pensamentos, impulsos, desejos, sensações, paisagens internas. No estado de sua desorganização permite uma reconstrução do exercício da vida, pois uma transformação interna ocorre, é um dentro e fora ao mesmo tempo (SALLES, 2010).

O que há no processo de experimentação são constantes pontos em declives ao qual a escrita e o corpo variam em decorrência das aberturas que surgem. Por tanto, não se finaliza um corpo, compreendendo que o mesmo se constitui de continuidades, descontinuidades, vivências e experiências. O corpo não toma as linhas de chegada porque se constituem de linhas múltiplas que escapam sempre em direções diversas, sendo novas saídas para mover o pensamento na travessia de um novo olhar para sentir suas próprias zonas posta em aberto. O corpo não se finaliza por essas páginas porque ele está sempre se refazendo, se compondo de forças que advêm de distintos lugares e desejos incorporados por vias experimentadas.

Então é possível pensarmos que na experimentação (BRITO e COSTA, 2020, p.125) “o ato de pensar se desdobra em sensibilidade, o que levaria a outro modo de exercitar o aprender junto ao sensível, nada de reproduzir, mas criar em estado de latência.” Essa operação exige uma desmontagem daquilo que aparece dado e interpretado, é um entrar por linhas do meio e assim encontrar sua própria saída, seu próprio ponto de deslocamento.

Esse ponto de deslocamento se multiplica, é o próprio corpo como mecanismo de força que rega sobre as marcas vividas de experimentar a si e outras imagens corporificadas. No corpo introduz uma abertura que causa o deslocamento do pensamento no desejo de se esvaziar, desligar os órgãos de suas funções no percurso que o conduz as sensações, as vibrações e aos desvios das classificações desenhadas sobre o mesmo.

Temos assim por esses deslizos um corpo e uma educação movente que desalinha as costuras dos currículos rígidos e encarna uma nova abordagem de criação, no sentido que a experimentação de si também acontece por seu processo educacional. Desse modo, corpo e educação são realidades capturadas nos fleches experimentais do cotidiano educacional. O conhecimento abre-se ao corpo como mecanismo deflorado das ideias, emerge como uma extensão do corpo ao acionar os múltiplos percursos que a aprendizagem conduz, fazendo com que o pensamento corra, veloz e afiado.

Podemos assim partilhar da pergunta de (GOHN, 2006, p.29), “onde se educa? Qual é o espaço territorial onde transcorrem os atos e os processos educativos?”

Para aulas de ciências o corpo é seu ponto de ruptura onde a experimentação toma força para desbravar uma educação onde o próprio corpo torna-se fonte de criação contínua. Ciências, arte e desejos percorrem como território educativos sem necessitar se fixar, esvaziando o corpo para manifestar outras ações capazes de conduzir a uma aprendizagem que acolhe a diferença e a multiplicidade que o nosso corpo transmite fora das páginas biológicas. Se educa pelos movimentos do corpo, quando os poros transcendem os sentidos do espaço-tempo. O território da educação parte do olhar das experiências e das vivências entre aluno, professor e modos de ensinar. Os espaços alocados para receber os alunos são extensões que se conectam entre vozes e olhares que semeiam e regam o nascimento do conhecimento. São necessárias as conexões acontecerem entre espaço e corpo para que a educação tome velocidade e englobe o aluno nas experiências que nos instantes são acionados e capturados.

A educação como linhas que atravessam os espaços de ensino salta e alcança outros horizontes, religando-se no sentir, olhar, tocar e experimentar. Assim, recortar essas imagens que a biologia nos apresenta no ensino de ciências é uma rebelião ao qual nosso corpo toma como experiência de si e no outro, no lugar onde a educação se constitui como um manifesto. O outro tem a sua especificidade, ele é o olhar que interpreta, o lugar onde se cria, a disciplina por onde transversaliza as experiências, ele é o corpo do aluno ou mesmo do professor que ao desejar criar outras imagens para si revoluciona o que pode vir a ser um corpo.

O corpo se agita porque o conhecimento torna-se possível no reconhecimento de si por meio das experimentações causada no processo educacional. Tomemos para isso o exemplo do olho.

Sob que condições e como um olho pode se ver? Quando o olho de alguém se olha no olho de outro alguém, quando um olho se olha em um outro olho que lhe é inteiramente semelhante, o que vê ele no olho do outro? Vê-se a si mesmo. Portanto, uma identidade de natureza é a condição para que um indivíduo possa conhecer o que ele é. A identidade de natureza é, se quisermos, a superfície de reflexo onde o indivíduo pode reconhecer-se, conhecer o que ele é (FOUCAULT, 2006, p.88).

Podemos entrar na docência com esse reflexo do olhar, que cria suas feições e seus afetos no encontro do outro. Outro esse que é lugar do corpo, da sexualidade, das identidades flutuantes, lugar também da diferença, da essência, do estranhamento, da (re)significação, das invenções de si. Território dos atravessamentos, das vibrações. Lugar do professor, do aluno, lugar dos desvios, dos deslizamentos, das incorporações que o corpo toma na educação por meio das criações no alcance de olhar o corpo entre travessias, por suas singularidades. É o

lugar da escrita que nos leva a estabelecer uma relação entre os processos de deformação, pois a construção de uma narrativa, ou seja, de sua própria existência, por muitos véis tem um efeito formador.

Compreendemos o corpo como processos que se constitui por suas decomposições, não sendo fixo ou estável, escoando por seu estado líquido, possível aos deslocamentos da carne e do pensamento. O corpo é esse torna-se, inacabado, estando propenso as criações e oscilações. É uma potência vibrante que treme as estruturas educacionais, acadêmicas e sociais. É o corpo que se experimenta movido pelos percursos fluidos dos atravessamentos, composto de linhas saltitantes, delineados com cores de borboletas flutuantes (aquelas que na infância experimentou). É o corpo devir, que voa e rir, que sente, que está sempre a chegar, sem pressa, que deriva das passagens, que infiltra o lugar da docência ao transitar no desejo de experimentar as desconexões escritas como marcadores funcionais. É o corpo que se desprende das páginas coladas, variando entre as camadas epiteliais da existência, molhando o papel da docência, bebendo da fonte de seus próprios rios para incorporar suas múltiplas faces existenciais. É o corpo da experiência, das experimentações.

REFERÊNCIAS

- AURÉLIO, O **minidicionário da língua Portuguesa**. 4º ed. Rev. Ampliada do minidicionário Aurélio, Rio de Janeiro, 2002.
- AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- ALMEIDA, M. da C. de. Por uma ciência que sonha. *In*: GALENO, A.; CASTRO, de. G.; SILVA, da. C. J. (Org.). **Complexidade a flor da pele**: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação. São Paulo, Editora Cortez, 2003.
- AMATUZZI, M. M. **Experiência**: um termo chave para a Psicologia. *Memorandum*, v.13, 2007. p.08-15.
- AQUINO, J. G. **A escrita como modo de vida**: conexões e desdobramentos Educacionais. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.37, n.3, 2011, p. 641- 656.
- ALBUQUERQUE, P. G. B. D. H. Lawrence: o corpo e suas conexões. *In*: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.). **Nietzsche e Deleuze**: o que pode o corpo. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002, p. 217- 229.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien, ZAHAR, 1999.
- BARROS, M. de. **Memórias inventadas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018a.
- BARROS, M. de. **Livro sobre nada**. 1. ed, Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018b.
- BARROS, M. de. **Menino do mato**. [recurso eletrônico], 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BORDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena kunher, 9. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010. 160 p.
- BUTLER, J. **Problema de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. 235 p.
- BUTLER, J. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Autêntica, 2. ed. Belo Horizonte, 2000. p. 125-151.
- BRASIL. Base Nacional Comum curricular (BNCC). Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2020. Disponível em: <<http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2020.
- BRITO, M. dos R. de. A escrita-devir como experimentação: para uma cartografia de si. *In*: CHAVES, S. N.; BRITO, M. dos R. de. (Org.). **Formação e docência**: perspectiva da pesquisa narrativa e autobiográfica. Belém, Editora CEJUP, 2011. 255 p.

BRITO, M. dos R. de.; COSTA, D. W. S. **Deleuze: o aprender como ex-experiência estética.** Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, n. 32, v. 1, 2020. p.120-135.

CALDA, R. B. C.; FERNANDES, J. G. dos S. **As pedras do meu lugar: uma incursão nos nomes de lugares com itá na Amazônia oriental.** Linguística, n. 1, 2015.

CARROLL, L. **Alice no país das maravilhas.** Tradução Clélia Regina Ramos. São Paulo, 2002.

CÉSAR, M. R. de A. **A (des)educação do corpo ou o pequeno desfile dos corpos contemporâneos e seus lugares da transgressão.** Anais do XXIV Simpósio Nacional de História, São Paulo, 2007.

CORRÊA, E. M.; BRITO, M. dos R. **Vida ribeirinha e currículo de Ciências: possibilidades em uma escola da Amazônia tocatina paraense.** Dossiê Educação do Campo e suas Interfaces com o Ensino de Ciências, Edição Especial, n. 4, v.3, 2020. p.252-271.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos.** Tradução Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1.** Tradução Luiz B. L. Orlandi, São Paulo, Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1.** Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa, Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia Vol. 3.** Tradução de Aurélio Guerra Neto et al, Rio de Janeiro, Editora 34, (Coleção TRANS), 1996.

DELEUZE, G. **A ilha deserta e outros textos.** Editora Iluminuras, 2004.

DELEUZE, G. **A literatura e a vida.** In: _____ Crítica e Clínica. Tradução Peter Pál Pelbart, Coleção TRANS, 34 ed. São Paulo, 1971.

DELEUZE, G. **Foucault.** Tradução Cláudia Sant'Anna Martins, São Paulo, Editora Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor.** Tradução Júlio Castañon Guimarães, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DIAS, A. G. **Perfomace-me! O processo de si pelo movimento dos desejos.** Memorial de processo de criação de Mestrado de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.164 p.

DOEL, M. **Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução.** In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito,** Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p.77-110.

FERREIRA, W. A. F.; BOTELHO, S. M. **Propriedade de um Gleissolo Háptico Sódico típico a moderado, textura muito argilosa de Várzea do rio Caeté, no município de Bragança-PA, sob inundação.** Belém, EMBRAPA Amazônia Oriental, 1999.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 13. ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução Raquel Ramallete, Petrópolis, Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **O que é um autor.** In: _____ Ditos e Escritos: Estética, literatura e pintura, música e cinema, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito:** Curso dado no College de France (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail, ed. 2, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **Os anormais -** Curso no College de France (1974-1975), Tradução Eduardo Brandão, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **A escrita de si.** In: _____ Ética, sexualidade e política. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro, Forense Universitária, Ditos e Escritos V, 2004.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, 2006, p.27-38.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.** Tradução Suely Belinha Rolnik, 2. ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** Editora: vozes, 4. ed. Petrópolis, 1996. p.11-327.

GREINER, C. **Os novos estudos do corpo para repensar metodologias de pesquisa.** Ciências e Artes, Caxias do Sul, v. 1, n. 1, 2011. p.01-09.

KAFKA, F. **A metamorfose.** Tradução Modesto Carone, São Paulo, Companhia das letras, 1997.

LADEIRA, T. A. **O gay, o “viado” e a “bicha pão com ovo”:** desconstruindo esteriótipos de gênero e sexualidade. V Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão, 2017.

LEITE, F. C. **Corpos em cena e trânsito: sujeitos em devir na filmografia de Cláudia Priscilla.** In: COLLING, L. (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero.** Salvador, EDUFBA, 2016. p.155-175.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade.** Tradução Marina Appenzeller, 3. ed. São Paulo, Editora Papirus, 2003.

LISPECTOR, C. **Água Viva.** Editora Rocco, 1973.

- LINS, D. A metafísica da carne: que pode o corpo. *In*: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.). **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002, p.67- 80.
- LOUREIRO, J. de J. P. **Meditação devaneante entre o rio e a floresta**. *Arteriais – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, n.03, 2016. p. 126-132.
- LOUREIRO, J. de J. P. **Encantaria da Linguagem**. *Cronos*, v.03, n.01, 2002. p.147-150.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Autêntica, 2. ed. Belo Horizonte, 2000a.
- LOURO, G. L. **Corpo, escola e identidade**. *Educação & Realidade*, v. 25, n. 2, 2000.
- MATOS, D. de O. **Performe como texto, escrita como pele**. 2013. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica, São Paulo, 2013.
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, Vozes, 2001. 80 p.
- MISKOLCI, R. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, 2006. p. 681-693.
- MISKOLCI, R. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. *Sociologias*, Dossiê Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21, 2009. 150-182 p.
- NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução José Mendes de Sousa, 2002.
- NEGRINI, C. A. **O corpo como campo de batalha: Resistências contemporâneas**. 2017. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.
- OLIVEIRA, P. P. A. **Transversalidades contemporâneas da performance queer: questões de diversidade cultural/sexual**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.
- OLIVEIRA, T. de L.; NASCIMENTO, S. de S. **O (outro) lugar do desejo: Notas iniciais sobre sexualidades, cidade e diferença na tríplice fronteira Amazônia**. *Amazôn., Rev. Antropol. (Online)* v. 8, n.1, 2016, p.118-141.
- PARAISO, M. A. **Currículo, Desejo e Experiência**. *Educação & Realidade*, v. 34, n. 2, 2009. p. 277-293.
- PELBART, P. P. **A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.132 p.
- PEREIRA, P. P. G. **Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer**. *Dossiê Comunicação Saúde Educação*, v. 12, n. 26, 2008. p. 499-512.
- PRECIADO, B. **Manifesta contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro, n. 1, São Paulo, Edições, 2014. 223 p.

PRECIADO, B. **Multidões queer**: notas para uma Política dos “anormais”. Tradução Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. Estudos Feministas, Florianópolis, 2011. p.11-20.

ROLNIK, S. **Pensamento, corpo e devir uma perspectiva Ético/Estético/Política no trabalho acadêmico**. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC-SP, Comunicações, 1993. p.241-251.

ROSA, R. M. da. **Corpos híbridos**: experiências, narrativas de si e (des)construção das masculinidades no magistério. Dissertação apresentada como requisito parcial a obtenção do grau de mestre em educação pela Universidade de Santa Catarina/ UDESC, Florianópolis, 2009. p.11-111.

ROSE, N. Inventando nossos eus. *In*: SILVA, T. T. da. **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito, Belo Horizonte, Autêntica, 2001. p. 137-204.

SANDER, J. **Corporeidades contemporâneas**: do corpo-imagem ao corpo-devir. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21, n. 2, 2009. p.387-408.

SANTOS, H. S. S. dos. **Uma cartografia das sexualidades**: entre linhas e mapas dos afetos na escola. 2016. 106 f. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará, 2016.

SALLES, N. **Antonin Artaud**: o corpo sem órgãos. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, O percevejo online, v. 2, n. 1, 2010.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teorias Queer**. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.

SÁ-SILVA, J. R. *et al.* **Falando do Corpo, Calando a Cultura**: Discursos sobre o Corpo Humano em Livros Didáticos de Biologia do Ensino Médio. Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 5, n. 1, 2019. p.81-97.

SEGUNDO, C.; HILÁRIO, G. **Processos oceanográficos na região costeira e estuarina do rio Caeté, Pará, Brasil**. 2007. 105 f Tese (doutorado em Geoquímica Ambiental), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SILVA, R. G.; VALENÇA, K. M. **Corpos efeminados na escola**: a subalternidade em um espaço excludente. Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa Básica, Recife, n.1, 2016. p.36-50.

SCHERER, R. **Deleuze e a questão homossexual**: uma via não platônica da verdade. Tradução Eliana Aguiar, Lugar comum, n. 7, 2016. p.135-163.

SCHÖPKE, R. **Corpo sem órgãos e a produção da singularidade**: A construção da máquina de guerra nômade. Revista Filos, v. 29, n. 46, 2017. p.285-305.

TAKARA, S. **Uma pedagogia bicha**: homofobia, jornalismo e educação. 2017. 177 f. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação, Maringá, 2017.

ZAMBONI, J. **Cartografias Bicha**. I Seminário Internacional Fazendo Gênero - Anais Eletrônicos, n. 10, Florianópolis, 2013.

ZAMBONI, J. **Educação bicha**: Uma a(na[l] rqueologia da diversidade sexual. 2016. 104 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2016.